

MARIA MANUELA DA COSTA MANAIA

**VIVÊNCIAS DE IMIGRANTES LATINO-AMERICANOS
NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS:
ESTUDO DE CASOS PELA PERSPECTIVA DA
PSICOLOGIA SOCIAL**

PUC-CAMPINAS

2017

MARIA MANUELA DA COSTA MANAIA

**VIVÊNCIAS DE IMIGRANTES LATINO-AMERICANOS
NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS:
ESTUDO DE CASOS PELA PERSPECTIVA DA
PSICOLOGIA SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcia Hespanhol Bernardo.

PUC-CAMPINAS

2017

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t302
M266v

Manaia, Maria Manuela da Costa.
Vivências de imigrantes latinos-americanos na região metropolitana de Campinas: estudo de casos pela perspectiva da psicologia / Maria Manuela da Costa Manaia. – Campinas: PUC-Campinas, 2017.
146p.

Orientadora: Márcia Hespanhol Bernardo.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia social. 2. Migração - Campinas, Região de (SP). 3. Migração - Aspectos psicológicos. 4. Pesquisa qualitativa. 5. Imigrantes entrevistados. 6. Imigrantes - América Latina. I. Bernardo, Márcia Hespanhol. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t302

MARIA MANUELA DA COSTA MANAIA

VIVÊNCIAS DE IMIGRANTES LATINO-AMERICANOS NA REGIÃO DE CAMPINAS: ESTUDO DE CASOS PELA PERSPECTIVA DA PSICOLOGA SOCIAL.

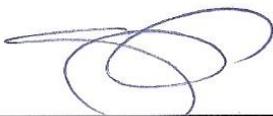
BANCA EXAMINADORA



Presidente Profª. Dra. Márcia Hespagnol Bernardo



Profª. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza



Profª. Dra. Sylvia Duarte Dantas

**PUC-CAMPINAS
2017**

Eu barco

*Quando viver é contra-ataque
Quando o de vir vier do vento
E quando findar a calmaria*

Eu barco

*Em água doce e na salgada
Ante a chuva madrugueira
E a saudade da morena*

Eu barco

*Ouvindo as vozes da calunga
Ora grande, ora pequena
Eu, pequeno sempre*

Embarco

*Aprendendo com a vazante
Eu barco*

*Rente e ao relento
Eu barco*

*Remindo e remando
E remendando o roto
Eu barco*

Rumando sem rota

Eu barco

Rimando, às vezes

Eu barco

*Até quando insone
Eu barco*

*Com o sol escaldando
E no caldo das ondas*

Eu barco

Desmetendo a tormenta

Eu barco

Mesmo quando temendo

Eu barco

Quase virando

Eu barco

*E ainda que vire
Abarco*

*E que venha o mar firmar meus pés
E vá minha fé firmar o mar
E seja à vida, ávido
- sempre*

Eu barco

(Rafa Carvalho, Auto-Mar)

Agradecimentos

Aos entrevistados, Carlos, João e Gabriela, pela disponibilidade em compartilhar suas histórias de vida e através delas me ajudarem a refletir sobre esse tema, que a mim é tão caro.

À minha orientadora, Professora Doutora Marcia Hespanhol Bernardo, por ter se mostrado atenta e disposta desde a nossa primeira reunião, em setembro de 2014, acompanhando, ensinando e legitimando o meu trabalho como pesquisadora.

Ao grupo de pesquisa “Trabalho no contexto atual: estudos críticos em Psicologia Social”, pela oportunidade de juntos irmos construindo esse espaço de troca e conhecimento, nas nossas terças-feiras à tarde, regadas a café, conversas, risadas, trabalho e paixão pela pesquisa.

Às Professoras Doutoras Sylvia Dantas e Vera Lucia Trevisan de Souza, pelas preciosas contribuições oferecidas no exame de qualificação.

Aos colegas de ofício Patrícia e Willians, pelo espaço de troca.

À minha família, em especial meus pais, Armando e Irani, por me ajudarem a perseverar ao longo desse caminho, que se iniciou muito antes de este trabalho começar a tomar forma.

Ao Roger, pela escuta dedicada e sincera.

Às minhas companheiras de baile, Carla e Cleide, e aos meus professores Carlinhos e Sara, que, a cada encontro, rodeados pelos talos, compás e soniquetes, ajudaram-me a descobrir o meu flamenco e a bailar quem eu sou.

Aos amigos de longa caminhada: Silvana (Tu), Flávio (Milho), Juliana, Alessandra, Marcelo (Noel), Cris e Andréa, por estarem sempre presentes, cada um à sua maneira, abastecendo esse trajeto de alegria, carinho, conforto e inspiração.

À Tatiana Rocha, que de uma maneira muito especial me ensina a ter firmeza e ouvir o que eu sinto.

Aos companheiros de corrente, em especial Gustavo, Leonardo, Luiza, Ronan e Thais, por estarem presentes nessa travessia da vida, repleta de montanhas, água, sol, vento e lama.

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro.

Manaia, M. M. da C. (2017). *Vivências de imigrantes latino-americanos na Região Metropolitana de Campinas: estudo de casos pela perspectiva da Psicologia Social*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Centro Ciências da Vida. Campinas (SP). Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Resumo

Os processos migratórios fazem parte da história da humanidade e as migrações podem ser motivadas por questões econômicas, políticas, sociais, por crises ambientais, guerras, perseguições religiosas, entre outras. Atualmente, os processos imigratórios têm-se tornado mais frequentes, impactantes e volumosos, devido às conjunturas econômica, política e social, aliadas a uma maior facilidade nos deslocamentos. Devido à grande relevância social, esse tema tornou-se objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, como Antropologia, Economia, Sociologia, Demografia, Direito, Ciências da Religião, Pedagogia e Psicologia. No Brasil, ocorreu um aumento das imigrações nas últimas décadas, principalmente de latino-americanos. O presente trabalho está inserido na área da Psicologia, mais precisamente na Psicologia Social Crítica, e teve como objetivo compreender vivências de diferentes imigrantes latino-americanos na Região Metropolitana de Campinas. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa pelo método de histórias de vida, que permite estudar e explorar longitudinalmente a vivência dos participantes, a partir da noção de processo. Os participantes desta pesquisa foram três adultos latino-americanos que moram na Região Metropolitana de Campinas. O material obtido por meio das entrevistas foi submetido a uma análise hermenêutico-dialética. A partir dos conteúdos pode-se perceber que os motivos da imigração e permanência no país hospedeiro são comuns, porém complexos. As vivências dos entrevistados são influenciadas por diferentes aspectos, como gênero, grau de escolaridade, classe social, etnia. Porém, algumas temáticas mostraram-se similares em seu cotidiano, como, por exemplo, melhor qualidade de vida no Brasil do que em seu país de origem; adaptação ao novo contexto social e cultural; experiências de preconceito por ser imigrante; resgate e manutenção da cultura de origem.

Palavras-chave: Psicologia Social; Imigração; Histórias de Vida.

Manaia, M. M. da C. (2017). (Life experiences of Latin American immigrants in Campinas Metropolitan Region: case studies from the Social Psychology perspective). Dissertation (master in Psychology). Centro Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Campinas (SP). Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

ABSTRACT

Migratory processes are part of human history and immigrations can be motivated by different issues: economic, political, social, environmental crises, wars, religious persecution, amongst others. Currently, migratory processes have been more frequent, significant and large due to economic, political and social contexts as well as to the improvements in transportation. Because of its great social significance, this subject has become an object of study of various fields such as Anthropology, Economics, Sociology, Demography, Law, Religion Sciences, Pedagogy and Psychology. Immigration has increased in the last decades in Brazil which is mainly composed of Latin American immigrants. This study falls in the Psychology field, specifically in Critical Social Psychology as it intended to develop the understanding of the experiences lived by different Latin American immigrants in Campinas Metropolitan Region. Therefore, a qualitative research was performed using the life history approach since it allows the longitudinal study and exploration of the life experiences of the volunteers through the investigation process itself. The volunteers were composed of three fully adult Latin Americans who live in Campinas Metropolitan Region. The data obtained through the interviews was subjected to a hermeneutical-dialectical analysis, revealing that the reasons for immigration and permanency in the host country are common, however complex. The experiences lived by the volunteers are influenced by different aspects namely gender, schooling level, social class and ethnic. However, some aspects were found to be similar in terms of what they expect from the everyday life, such as having a better quality of life in Brazil than in the birth country, adaptation to the new cultural and social context, discrimination experiences due to nationality, the rescue and preservation of the culture of origin through language or cuisine.

Keywords: Social Psychology; Immigration; Life Histories.

Lista de Ilustrações

Tabela 1 -	Entrada de imigrantes no Brasil de 1872 a 1929.....	27
Figura 1 -	Região Metropolitana de Campinas.....	33
Figura 2 -	Países da América Latina.....	35
Tabela 2 -	Tipos de vistos emitidos no Brasil.....	40
Tabela 3 -	Número de entrada de estrangeiros em território nacional.....	42
Tabela 4 -	As 20 nacionalidades com maior incidência de estrangeiros no Brasil.....	43
Tabela 5 -	Número de autorizações de trabalho concedidas, segundo principais países, Brasil, 2011-2014.....	44
Tabela 6 -	Perfil dos entrevistados.....	79

Lista de abreviaturas

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ANSA	<i>Agenzia Nazionale Stampa Associata</i>
BBC	<i>British Broadcasting Corporation</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CAPSi	Centro de Atenção Psicossocial Infantil
CELADE	Centro Latino-Americano de Demografia
CNI	Conselho Nacional de Imigração
CRAI	Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
CEPIR	Coordenadoria Setorial de Promoção da Igualdade Racial
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FRONTEX	Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMILA	Investigação da Migração Internacional na América Latina e no Caribe
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MJ	Ministério da Justiça
MRE	Ministério das Relações Exteriores
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
OBmigra	Observatório das Migrações Internacionais
ONU	Organização das Nações Unidas
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PIB	Produto Interno Bruto
RMC	Região Metropolitana de Campinas
RNE	Registro Nacional de Estrangeiro
SINCRE	Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros no Brasil
SMCAIS	Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TEC	Tarifa Externa Comum
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UNB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

Sumário

Apresentação	11
1 Introdução	18
1.1 Relação imigração-trabalho e seus desdobramentos	18
1.2 A imigração na história do Brasil	25
1.2.1 Processos migratórios na Região Metropolitana de Campinas	30
1.3 As características dos imigrantes que chegam ao Brasil na atualidade	34
1.4 Compreendendo as fontes dos números sobre imigração no Brasil	39
1.5 A relação entre a Psicologia e a e/imigração	45
1.6 O enraizamento/desenraizamento nos imigrantes	53
1.7 Cotidiano e imigração	58
2 Método: o Caminho Traçado	66
2.1 Estudo de caso a partir da abordagem da história de vida	67
2.2 Aproximação com o campo-tema da pesquisa	70
3 Descobertas do Percurso	74
3.1 Dados relevantes do diário de campo	74
3.2 Apresentação dos entrevistados	79
3.2.1 Conhecendo a trajetória de Carlos	84
3.2.2 Conhecendo a trajetória de Gabriela	96
3.2.3 Conhecendo a trajetória de João	111
3.3 Algumas aproximações entre as três histórias de vida	133
4 Considerações Finais: o Final desse Trajeto	138
Referências	141

Apresentação

A história da humanidade está intimamente relacionada aos processos migratórios¹. Na pré-história, os homens eram nômades, deslocavam-se por grandes áreas em pequenos grupos em busca de um lugar que lhes oferecesse condições adequadas para a sobrevivência. Segundo Moraes (2000), é no período Neolítico (menos de 10 mil anos atrás) que o homem consegue domesticar alguns animais e aprende a produzir e reproduzir plantas, o que deu origem à agricultura e permitiu uma grande mudança de comportamento: a sedentarização.

O controle sobre a produção de alimentos e a fixação em um único lugar geraram o aumento da população, o que, mais tarde, levou ao surgimento das primeiras vilas e, depois, das cidades, assim como a uma estruturação e divisão do trabalho (Giddens, 1994). Entretanto, a fixação não cessou os movimentos migratórios. Esses, como sugere Meleiro (2004), existem desde os tempos mais remotos da humanidade.

Ainda de acordo com Meleiro (2004), as imigrações podem ser motivadas por questões econômicas, políticas, sociais, por crises ambientais, guerras, perseguições religiosas, entre outras. O fato de as razões serem distintas impossibilita a generalização, pois, como afirma Pussetti (2009), há variados tipos de imigrantes, tais como refugiados, ilegais, menores não acompanhados, laborais, primeira geração e descendentes, de diferentes gêneros e idades.

Castles (2005), consoante com as ideias acima, salienta que “a causa mais evidente das migrações é a disparidade inter-regional nos níveis de rendimento, de emprego e de bem-estar social” (p. 22). De acordo com o autor, a economia global faz com que certos países da África, Ásia, América Latina e Leste Europeu tornem-se, além de fornecedores de matéria-prima,

¹ Processos migratórios: movimento de entrada ou saída de indivíduos para países diferentes.

Imigração: entrada de indivíduos estrangeiros em um país.

Emigração: saída de indivíduos espontaneamente de um país.

E/Imigração: quando se abordam ambos os fenômenos. Termo baseado no livro “Psicologia, E/Imigração e Cultura”.

fornecedores de mão de obra: “As economias fracas e o empobrecimento estão associados a Estados fracos e à violação dos direitos humanos. Os conflitos assumem contornos violentos, tomando frequentemente a forma de perseguição religiosa e étnica” (p.8).

Para Castles (2005), a distinção entre imigrantes e refugiados perde o sentido e se torna mera diferenciação burocrática. No entanto, outros estudiosos da área, como Dantas (2015) e Zozzoli (2015), acham importante fazer a distinção entre imigrantes e refugiados, pois estes geralmente saem do seu país de origem para preservar suas vidas, em geral de forma repentina, sem planejamento e não têm possibilidade de retorno, diferentemente daqueles. De acordo com a Convenção das Nações Unidas de 1951, refugiado é “uma pessoa que reside fora do seu país de nacionalidade, que não pode ou não quer regressar, receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das opiniões políticas” (ACNUR).

Atualmente, tem crescido o número de reportagens em jornais, revistas e meios digitais percorrendo sobre os imigrantes e refugiados. No mês de abril de 2015, circularam pelo mundo imagens e notícias dos mais de 800 refugiados que morreram no mar Mediterrâneo em decorrência do naufrágio de uma embarcação. Segundo dados oficiais, esses imigrantes eram, na sua maioria, da Síria, da Somália e da Eritreia, países que passam por graves conflitos, guerras civis e grandes dificuldades econômicas² (Agence France Presse, 2015).

De acordo com dados da Agência Europeia de Controle das Fronteiras (FRONTEX) e da agência da ONU para Refugiados (ACNUR), até abril de 2015, 31.500 imigrantes tentaram fazer o trajeto pelo mar Mediterrâneo e, segundo a ONU, aproximadamente 2.500 imigrantes podem ter morrido na travessia. A cada semana, deparamos com novas notícias sobre a questão migratória na Europa, como, por exemplo, um caminhão abandonado na Áustria com 71

² De acordo com informações divulgadas nos jornais, são três as principais rotas enfrentadas por esses imigrantes. A primeira sai da região de Casablanca e Tânger, no Marrocos, com destino a Melilla e Tarifa, na Espanha; a segunda rota sai da região de Nador, no noroeste de Marrocos, para Almeria e Málaga, na Espanha; e a terceira principal rota sai da Líbia, Tunísia e Malta para Lampedusa e Sicília, na Itália. (Agence France Presse, 2015).

refugiados sírios mortos ou o menino sírio Alan Kurdi³, de 3 anos, encontrado morto em uma praia da Turquia, cuja foto foi bastante difundida na mídia, o que causou uma grande comoção e chamou a atenção do mundo para as causas e impactos desse grande fluxo migratório atual.

No Brasil, há na internet cada vez mais relatos sobre situações de xenofobia e racismo sofridas por imigrantes, como, por exemplo, o caso do haitiano de 26 anos espancado até perder os sentidos por “colegas” de trabalho em Curitiba, os quais, durante a agressão, xingavam-no de macaco e escravo⁴. Além de ter sido espancado no seu local de trabalho, ainda foi demitido por justa causa. Outro imigrante haitiano foi impedido de trabalhar após suspeitas de o vírus ebola ter chegado ao país. Apesar de o vírus ter sua origem no continente africano, lugar no qual o imigrante nunca esteve, ele foi barrado na portaria e ouviu o comentário: “você é negro e vai trazer doenças, aqui você não trabalha”.

Atualmente, existem diferentes políticas de Estado em relação aos imigrantes, mas Castles (2005) relata que existem três abordagens principais referentes à incorporação social desses imigrantes. Uma dessas formas é a *assimilação*, que consiste em o governo adotar medidas que encorajem os imigrantes a adotar as práticas sociais, culturais e a língua do novo país, o que implicaria em “*transferência de lealdade*, do local de nascimento para o novo país, e adoção de uma *nova identidade cultural*” (p. 63).

A segunda forma de incorporação, ainda segundo Castles (2005), é a *exclusão diferencial*, na qual “os imigrantes são integrados temporariamente em certos subsistemas sociais, como mercado de trabalho e o sistema de segurança social (ainda que com direitos

³ No dia 02/09/2015, foi encontrado morto em Bodrum, na costa da Turquia, o menino Alan Kurdi, de três anos. Segundo informações de jornais brasileiros, Alan, sua família e outras dezenas de sírios estavam em duas embarcações que tinham como destino a ilha grega de Kós, mas afundaram ainda na costa da Turquia. Um fotógrafo registrou o momento em que o corpo de Alan é encontrado e retirado da areia por um oficial turco, esta imagem rapidamente espalha-se pelos veículos de comunicação de todo o mundo e a foto torna-se símbolo da situação vivida pelos refugiados Sírios ao tentarem entrar no continente Europeu.

⁴ Essas notícias foram extraídas de uma reportagem do jornal Gazeta do Povo do dia 19/10/2014, de autoria do jornalista Fellipe Anibal. Apesar de poder ser considerada “antiga” para uma notícia de jornal, escolhi-a propositalmente, pois acredito que exemplifique de forma clara situações de xenofobia e racismo que alguns imigrantes passam no Brasil.

limitados), mas excluídos de outros, como participação na política e cultural e social” (p. 65). Assim, os imigrantes não são considerados cidadãos e não são integrados à nova sociedade. Ambas as formas se baseiam na ideia de que a imigração não deve trazer mudanças significativas na sociedade de acolhimento. Essa política imigratória é também pontuada por Sayad (1998) quando descreve o imigrante trabalhador que é aceito na nova sociedade enquanto estiver cumprindo o seu papel de trabalhador temporário, pois, quando não há o regresso para a terra natal e, ainda, quando a família do imigrante vem ao seu encontro, ele torna-se um “problema social”.

A terceira forma seria o *pluralismo*, quando o país de origem aceita que a população imigrante mantenha suas características étnico-culturais, distinguindo-se assim da população majoritária, mas tendo garantidos os direitos de cidadania.

A imigração acentuada na atualidade é um assunto que vai além da alçada dos líderes políticos, interferindo diretamente no cotidiano das pessoas. Em regiões como a Europa, pode-se ver inúmeras manifestações favoráveis e desfavoráveis à entrada dos imigrantes. Entre as contrárias à entrada de imigrantes no continente europeu citamos um protesto ocorrido em Roma, no dia 17 de agosto de 2015, contra 100 imigrantes que foram morar em uma antiga escola cedida pelo governo da cidade⁵. Em contraponto, no mesmo mês, um comboio de dezenas de carros de ativistas alemães e austríacos cruzaram a fronteira da Hungria para ajudar a entrada dos imigrantes em seus países⁶.

A imigração no continente europeu tem ganhado espaço na mídia, todavia é importante ressaltar que ela não se restringe a esse continente. Nos últimos anos, o Brasil tem recebido um número muito grande de pessoas vindas de outros países, principalmente latino-americanos⁷.

⁵ ANSA - Agenzia Nazionale Stampa Associata.

⁶ Notícia da BBC Brasil, 09 de setembro de 2015.

⁷ Ao longo do texto, refiro-me inúmeras vezes ao termo “latino-americanos”. Esse termo se refere à população proveniente da América Latina, da qual o Brasil também faz parte, entretanto, como esse trabalho estuda migrações internacionais, sempre que utilizar o termo latino-americanos estou referindo-me às outras populações da América Latina que não os brasileiros.

De acordo com Fernandes (2015), dados da organização não governamental Repórter Brasil indicam que 22 mil imigrantes chegaram ao país entre 2010 e 2014.

Segundo Baeninger (2012), a partir das últimas décadas do século XX, o Brasil volta a reabrir o debate sobre as imigrações internacionais, sendo os latino-americanos os imigrantes que chegam em maior número ao país. Ainda, de acordo com a autora, o padrão de imigração de latino-americanos vem tornando-se mais claro a partir da década de 1970. Dados do IMILA/CELADE⁸ de 2006 indicam que o Brasil é o terceiro país da América Latina, em número absoluto, que mais recebe imigrantes, ficando atrás apenas da Argentina e Venezuela (primeiro e segundo lugares respectivamente).

Tais dados mostram como a imigração é um fenômeno contemporâneo e de grande relevância social. As questões que envolvem os processos migratórios podem ser estudadas por diferentes áreas, como, por exemplo, a Sociologia, o Direito, a História, a Economia e a Psicologia. Nessa última, questões relacionadas à imigração podem ser estudadas a partir de diferentes perspectivas, a saber: a migração e o desenraizamento, questões relacionadas à saúde mental dos imigrantes, preconceito e imigração, aculturação, psicoterapia para imigrantes, entre outras.

Situado na Psicologia Social, o presente trabalho tem como **objetivo geral compreender vivências de diferentes imigrantes latino-americanos na Região Metropolitana de Campinas e, como objetivos específicos, analisar as razões que levaram esses sujeitos a imigrarem e contextualizar as principais dificuldades vividas por eles. Para tal, foi utilizada a metodologia de história de vida.**

Além das questões relacionadas à importância social do estudo das migrações, tanto no contexto nacional como internacional, não posso ignorar os meus interesses pessoais como pesquisadora dessa temática. Há alguns anos, o tema despertou-me curiosidade e fascínio, o

⁸ IMILA é a sigla para o banco de dados on-line sobre Investigação da Migração Internacional na América Latina e no Caribe, enquanto CELADE é o Centro Latino-Americano de Demografia.

que se deve à minha própria história de vida, pois sou neta de portugueses e, durante a minha infância, ouvi histórias repletas de afeto sobre a “terrinha” e a família que havia ficado no “além-mar”. No ano de 2011, passei seis meses morando em Portugal fazendo intercâmbio e, nesses meses, comecei a compreender como diversos aspectos da minha criação foram influenciados diretamente por aspectos da cultura portuguesa. Além disso, morando em Portugal, pude perceber diferenças entre um imigrante laboral e os imigrantes estudantes, assim como era possível perceber grandes diferenças no processo de integração dos imigrantes brasileiros e dos ciganos, por exemplo⁹. Essa minha vivência despertou ainda mais meu interesse pelo tema e fez com que eu começasse a procurar estudos sobre os processos migratórios na área de Psicologia.

Científica e socialmente, a pesquisa justifica-se pela necessidade de um maior conhecimento sobre os imigrantes em nosso país, tema bastante atual em função do aumento da imigração. Ademais, os processos migratórios são um tema interdisciplinar e a perspectiva da Psicologia Social adotada pode colaborar e complementar outros estudos já realizados até o momento sobre o assunto, principalmente aqueles a respeito de imigrantes na Região Metropolitana de Campinas. Entendo que conhecer melhor a vivência dessas pessoas é fundamental para pensar e implantar políticas de acolhimento para essa população.

Esta dissertação é composta por quatro capítulos além desta apresentação. A introdução contém cinco tópicos: o primeiro relaciona a imigração com o trabalho; o tópico seguinte faz um breve panorama da história da imigração no Brasil e na Região Metropolitana de Campinas; o terceiro tópico discute a imigração latino-americana atual no Brasil; o quarto tópico relaciona

⁹ Durante o tempo que vivi em Portugal, morei na cidade de Braga, situada no norte e com a quarta maior população do país. Essa cidade tem a maior concentração de ciganos em Portugal. Desde o primeiro dia, pude perceber como os portugueses estabeleciam uma relação diferente com os imigrantes brasileiros e com os ciganos. Era muito comum ouvir os portugueses relacionarem os ciganos com a violência na cidade e com a venda de drogas. Eles eram vistos como pessoas que sempre queriam tirar vantagem e que não têm intenção de se integrar à cultura portuguesa. Já os brasileiros eram vistos como mais adaptados à cultura local, apesar de existirem portugueses que relacionavam as brasileiras à prostituição. Ainda assim, os imigrantes brasileiros eram mais bem aceitos em Portugal.

os processos imigratórios na área da Psicologia, com um subitem que discute especificamente a relação entre enraizamento/desenraizamento na imigração; por último, um tópico que discorre sobre o cotidiano e algumas especificidades do cotidiano dos imigrantes. O capítulo seguinte discute o método escolhido para o trabalho. O terceiro capítulo traz os meus resultados de pesquisa, as análises do campo, a apresentação dos participantes, suas narrativas e interpretação delas. O quarto capítulo é reservado para as considerações finais, e o trabalho encerra-se com as referências.

O primeiro tópico da introdução é dedicado a uma discussão sobre a relação estrutural entre imigração e trabalho. No tópico seguinte, apresentam-se, de forma sucinta, diferentes movimentos imigratórios ocorridos durante a história do Brasil. O terceiro traz dados sobre características dos imigrantes brasileiros na atualidade e, no quarto, tem-se como intenção discutir os dados sobre imigração no Brasil e suas fontes, para que o leitor possa ter uma melhor compreensão desses números. O penúltimo tópico aborda os diferentes *olhares* da Psicologia sobre o contexto da imigração e, finalmente, discute-se a questão do cotidiano dos imigrantes.

Após a introdução, segue uma apresentação do método, com uma explicação detalhada sobre o porquê da escolha da abordagem qualitativa e da metodologia de história de vida, seguida pela apresentação dos procedimentos. O último capítulo deste trabalho é referente à análise preliminar das entrevistas realizadas até o momento.

1 Introdução

1.1 Relação imigração-trabalho e seus desdobramentos

Saiu pelos cafés à procura de emprego. Levava um papel com a palavra trabalho escrita em português e seu nome. Ninguém em Bragança lhe parecia dar ouvidos, mais do que apreciar o ar de perdido com que olhava para as coisas... E persistia, sem se explicar, o que esperava encontrar era um qualquer modo de ganhar dinheiro. (Valter Hugo Mãe, O apocalipse dos trabalhadores)

A proposta deste tópico é mostrar a relação central que existe entre a imigração e o trabalho, e seus desdobramentos. Alguns autores, como Castel (2008), Castles (2005), Peixoto (2015) e Sayad (1998) mostram em seus estudos que uma das principais causas que levam pessoas a sair de seus países é a busca por um trabalho que lhes ofereça melhores condições de vida.

Castles (2005) é categórico em afirmar que os processos migratórios sempre existiram, mas o que tem despertado atenção atualmente sobre esse tema é o fato de eles terem se tornado “mais volumosos, mais rápidos e mais complexos do que no passado” (p. 7). Ainda de acordo com o autor, as migrações são consubstanciais dos processos de globalização. Em suas palavras:

O desenvolvimento da economia global e da governança à escala global aceleram os processos de mudança, mas aumentam também as desigualdades, particularmente entre Norte e Sul. Certas partes de África, da Ásia e da América Latina, e mesmo da Europa de Leste, constituem-se como fornecedores de matérias-primas e de mão de obra para a economia global. (p. 7-8)

Ao estudar os processos migratórios, verifica-se que o número de trabalhos a respeito das migrações no continente europeu é expressivamente maior que o número de pesquisas sobre processos migratórios na América Latina, e as razões para isso são múltiplas. As imigrações na Europa, tanto internas como externas, são expressivas há algumas décadas. Países como França, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Portugal também recebem imigrantes das suas ex-colônias, assim como imigrantes de outros países da Europa. A criação da União Europeia facilitou o fluxo interno e também as migrações entre esses países. Além disso, a entrada de estrangeiros

tem tomado grandes proporções nos últimos anos, com a tentativa de refugiados do norte da África e Oriente Médio de chegar a esse continente.

Ademais, no cenário europeu, existe uma preocupação com a soberania étnico-cultural, na qual o contexto das migrações é de extrema importância, questão que ainda não tem tanta ressonância no contexto brasileiro. Para além do continente europeu, existe um número menos expressivo de trabalhos sobre imigrantes no Canadá e Austrália, países que têm políticas estatais consolidadas para a imigração de mão de obra qualificada.

De acordo com Castles (2005), a diminuição do tempo e dos preços das viagens também favorece e agiliza o deslocamento das pessoas, tornando-o cada vez mais comum, o que faz as migrações serem sentidas não só por quem imigra, mas também pelos que ficam: amigos, parentes, descendentes dos imigrantes e pela própria comunidade que os recebe e sofre transformações significativas.

Além das mudanças subjetivas sentidas pela comunidade com os processos migratórios, Castles (2005) argumenta que os fluxos fronteiriços questionam a soberania nacional, tornando-se, assim, um assunto controverso em diferentes Estados, que adotam diversas medidas, tais como: rigorosos controles de fronteiras, leis restritivas, distinções entre imigrantes com visto de trabalho provisório, permanente, os não documentados e os refugiados.

Portanto, percebe-se que os fluxos migratórios estão intrinsecamente relacionados com a instabilidade política e a pobreza, as quais levam pessoas a imigrar para outros países de economias consideradas mais estáveis em busca de trabalho, e isso também pode ser aplicado ao cenário brasileiro. O pesquisador Sayad, em seu livro *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, de 1998, é taxativo ao dizer que trabalho e imigração são indissociáveis:

Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, nesse caso, quase que um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado para trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como

imigrante continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. (p. 54)

Ainda de acordo com o autor, é o trabalho que torna o indivíduo um imigrante: “*Foi o trabalho que o fez nascer*” (p. 55). Foi a procura por um trabalho que fez essa pessoa emigrar de seu país e tornar-se um imigrante em um novo, e o fato de ser um imigrante vai ter uma grande determinação no tipo de trabalho que ele vai conseguir. Analisando a sociedade francesa, Sayad (1998, p. 55) diz:

E esse trabalho que condiciona toda a existência do imigrante não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho “que o mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam dessa forma, trabalhos para imigrantes. (p. 55)

Também explorando a relação entre imigração e trabalho, Castles (2000) analisa processos imigratórios em alguns países da Europa, como França, Inglaterra e Alemanha, em diferentes décadas e descreve como esses países, no período de 1945-1973, tratavam os imigrantes “simplesmente como trabalhadores de quem se precisa do trabalho, enquanto que as necessidades sociais desses imigrantes e os impactos que eles causariam na sociedade que os recebeu eram ignorados”¹⁰ (p. 8).

Ainda, segundo o autor, esses países compreendiam tais pessoas como “trabalhadores-visitantes” e não como “imigrantes”. Dessa forma, não estavam preparados para lidar com algumas dinâmicas próprias dos processos imigratórios, como a vinda de integrantes da família e diferenças culturais e étnicas. Sobre as políticas migratórias adotadas por diferentes governos, Castel (2008), em seu livro *Discriminação negativa: cidadãos ou autóctones*, analisa como a sociedade francesa tem incorporado os imigrantes e seus familiares e que políticas públicas foram promovidas para que esses imigrantes e seus descendentes tivessem, de fato, uma inserção na sociedade francesa, podendo ser considerados, assim, cidadãos.

¹⁰ Tradução livre do inglês para o português.

O autor faz críticas ao Estado francês que, por meio de suas políticas públicas, tornou a primeira e segunda geração de imigrantes cidadãos de segunda classe (principalmente os descendentes de ex-colônias francesas, como os argelinos).

Castel (2008) afirma que, apesar de os jovens franceses descendentes de imigrantes terem os mesmos direitos de seguridade social que outros jovens franceses, eles têm uma perspectiva muito menor de ascensão social, pelo fato de existir uma forte discriminação empregatícia. Em suas palavras:

Um mesmo tratamento diferencial opera em relação ao trabalho. Este tipo de discriminação na contratação é prescrito pela lei (lei de 16 de novembro de 2001, que condena as discriminações fundadas na “aparência física” ou no “patronímico”) e pelo direito trabalhista (artigo I, 122-49). Entretanto, isso é muito frequente, embora difícil de mensurar, já que estas razões raramente são explicitadas. Mesmo assim, pode-se constatar que a taxa de desemprego dos jovens de origem argelina com idade entre 24 e 29 anos é cerca de três vezes mais elevada do que os jovens de origem portuguesa. (p. 45-46)

Corroborando as ideias de Castel (2008), Castles (2005) analisa a falta de políticas públicas voltadas para a população imigrante na Alemanha. Isso fez com que seus descendentes tivessem desvantagens significativas no período escolar e, em decorrência disso, menos possibilidades de ascensão social, continuando, assim, a ocupar trabalhos de baixa qualificação, como os seus ascendentes imigrantes.

Apesar de em menor número, existem trabalhos sobre as imigrações no contexto brasileiro, como os de Baeninger (2012) e de Villen (2015), que estudaram os imigrantes latino-americanos no Brasil e reconhecem a estreita relação entre a imigração e o trabalho. Baeninger relaciona os fluxos de capital e o crescimento pelo qual a economia brasileira passou recentemente como atrativos para o aumento da imigração no país. Desse modo, além da tradicional imigração do Sul para o Norte (de indivíduos de países periféricos para os centrais), como descreve Castles (2000), tornam-se mais frequentes as migrações do Sul para o Sul (de indivíduos de países periféricos para países periféricos), como é o caso dos imigrantes latino-americanos para o Brasil.

Villen (2015), além de relacionar a imigração com o trabalho, divide os imigrantes em duas grandes categorias: imigrantes que exercem trabalhos qualificados e os que exercem trabalhos desqualificados. Considerando esses aspectos, pode-se dizer que, no caso do Brasil, existem hoje dois perfis claros de imigrantes: o de pouca qualificação, que trabalha principalmente na indústria têxtil, construção civil, trabalho doméstico e serviços em geral – esses, em sua maioria, provenientes de países periféricos da América Latina – e os imigrantes de alta qualificação, geralmente homens, convidados para ocupar altos postos de trabalho em empresas multinacionais por um período de tempo determinado, sendo esses, em grande parte, de países centrais.

Como já foi discutido acima acerca do contexto europeu, muitos imigrantes têm expectativa de trabalhar no novo país até conseguirem juntar uma quantia suficiente de dinheiro para poderem retornar ao país de origem e viver com maior tranquilidade. Entretanto, esse retorno muitas vezes não acontece: o imigrante se estabelece por tempo indeterminado no novo país e a família vai ao seu encontro. Nesse caso, o país que recebe o imigrante necessita pensar em políticas públicas para os imigrantes, seus filhos e netos.

Nesse cenário, uma das políticas públicas que merece atenção especial é o contexto educacional, uma vez que os filhos de imigrantes, nascidos ou não no país, precisam ser inseridos na educação formal. Em relação a esse aspecto, Magalhães e Schilling (2012) salientam algumas dificuldades importantes que os imigrantes e seus filhos enfrentam no ingresso e permanência no sistema educacional brasileiro. Apesar de a nossa constituição declarar que a educação básica é um direito de todos, a primeira dificuldade sentida pelos imigrantes é o próprio acesso a ela. Pelo fato de, em muitos casos, estarem em situação não documentada, o acesso à educação torna-se um grande desafio, mesmo que, por lei, eles tenham direito ao ensino, independentemente dessa condição.

Depois de vencido o desafio do acesso, existe a dificuldade de permanência, atrelada à dificuldade da escola (professores, dirigentes, funcionários e colegas) em lidar com as diferenças, sejam elas referentes à língua ou a outras questões culturais, o que leva, muitas vezes, a diversas formas de preconceito (Magalhães, & Schilling, 2012). Assim, a dificuldade de acesso à educação e permanência na escola pode acarretar dificuldade de ocupação de postos de trabalho qualificados no futuro.

Magalhães e Schilling (2012) questionam a existência de poucos estudos sobre a inserção dos imigrantes na educação formal. Segundo as autoras, o maior número de trabalhos que focam a relação entre imigração e trabalho vai ao encontro das ideias já apresentadas por autores como Castles (2005) e Sayad (1998), nas quais, o imigrante não é visto como um cidadão, e sim como um trabalhador, de preferência temporário.

A imigração no Brasil cresceu nas últimas décadas, ganhando, assim, cada vez mais visibilidade. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de imigrantes no país cresceu 86,7% entre o censo de 2000 e o censo de 2010. Em números absolutos, saltou de 143.644, em 2000, para 286.468, em 2010¹¹.

Apesar desse aumento significativo, as políticas públicas nacionais voltadas para os imigrantes ainda são muito restritas e, em muitos casos, são instituições religiosas que fazem um trabalho de acolhimento e inserção dessas pessoas. Algumas cidades, como São Paulo, contam com Centros de Referência e Acolhida para os Imigrantes (CRAIs), os quais prestam suporte jurídico e psicológico, mas essas são medidas ainda pontuais. Na Região Metropolitana de Campinas, por exemplo, não existe nenhum CRAI, apesar de, segundo estimativas, existirem pelo menos 1.500 imigrantes recém-chegados vivendo na região¹².

¹¹ Vale ressaltar que ainda não temos dados do IBGE em relação à imigração depois de 2010, mas a recente crise econômica e política pode ter colaborado para uma desaceleração do fluxo de imigrantes.

¹² Dado obtido no jornal Correio Popular do dia 29/09/2015, na matéria intitulada “RMC abre fronteira para imigrantes e refugiados”.

Assim, pode-se perceber que existe uma estreita ligação entre imigração e trabalho. É muito frequente que o motivo inicial que leva o sujeito a imigrar seja a busca por um trabalho e possibilidade de uma melhor remuneração. Entretanto, os desdobramentos dos processos migratórios são muito mais complexos, indo para além das questões relacionadas ao trabalho. Como coloca Sayad (1998), não se pode perder de vista a dimensão social e os fatores interdependentes que envolvem as migrações. Para uma compreensão mais elaborada desses processos, não se pode negligenciar que as migrações não são apenas de pessoas atravessando fronteiras. É necessário estar atento, também, às questões culturais, sociais, políticas e econômicas que envolvem esses países.

Muito se discute sobre as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes serem, em sua origem, problemas das sociedades que os recebem, como questiona Pussetti (2009), citando Sayad (1998): “Os ‘problemas’ dos imigrantes são verdadeiramente problemas ‘dos’ imigrantes, ou antes, problemas da sociedade e instituições ‘em relação aos’ imigrantes, problemas por outras palavras de origem sociopolítica?” (p. 30).

Em suma, para uma melhor compreensão dos processos migratórios, é necessário também um conhecimento sobre características sociais e históricas do país que recebe esses imigrantes. Dessa maneira, para um melhor entendimento sobre as imigrações atuais no Brasil, é importante resgatar, mesmo que de maneira sintética, características históricas referentes à imigração na sociedade brasileira.

1.2 A imigração na história do Brasil

De acordo com os historiadores Lopez e Mota (2008), o primeiro fluxo migratório na América do Sul chegou há mais de 20 mil anos. Os autores afirmam que a origem desses

imigrantes é incerta e, segundo eles, alguns pesquisadores dizem que este primeiro fluxo migratório teria vindo do continente asiático, enquanto outros atribuem a origem às populações de diferentes partes da Oceania. No local onde hoje se encontra o Estado de Minas Gerais, foram encontrados fósseis humanos que datam de 16 mil anos atrás.

Segundo Dantas (2015), existem estimativas de que havia mais de mil povos indígenas na época da chegada dos portugueses¹³, número que diminuiu drasticamente com o processo de colonização imposto pelos portugueses.

De acordo com Lopez e Mota (2008), os portugueses representaram um fluxo migratório expressivo para o Brasil no início do século XV. Após um período explorando pau-brasil, a coroa portuguesa passa a incentivar a produção açucareira no território nacional. As plantações de cana-de-açúcar eram realizadas em grandes latifúndios, sendo o custo para montar um engenho muito alto e, além disso, era necessária muita mão de obra para trabalhar nessas terras. Segundo Moraes (2000), devido à lógica econômica, para se obter maior lucro, a coroa empenhava-se em conseguir mão de obra mais barata, optando pela mão de obra escrava.

Conforme dados¹⁴ da organização *Voyages: the trans atlantic slave trade database*, o número de africanos que foram trazidos para o Brasil como escravos, entre os anos de 1501 e 1875, foi de 5.848.266. Alguns autores, como Moraes (2000) e Cunha (2014), chamam de imigração forçada a vinda desse enorme contingente de africanos escravizados no Brasil. Cunha afirma:

Se considerarmos que migrar significa ‘deixar a terra natal para estabelecer-se em outro país’, e que nem mesmo os movimentos tradicionalmente compreendidos como migratórios podem ser vistos como voluntários (será que todos os europeus teriam saído de seu país com destino ao Brasil se não estivessem passando dificuldades em seus locais de origem?), a vinda de milhões de homens e mulheres africanos para o Brasil, em um período de mais de trezentos anos, em decorrência do sistema escravista, pode ser considerada como um movimento migratório de grande escala e impacto, tanto para o território de origem quanto para o que os recebeu. (p. 1)

¹³ Ainda de acordo com a autora, atualmente existem 241 povos indígenas no país.

¹⁴ Esses dados foram obtidos no site <http://www.slavevoyages.org>.

Entretanto, esse é um assunto muito polêmico, pois alguns pesquisadores e pessoas ligadas ao movimento negro afirmam que o uso de termo “migração forçada” nega a questão política e ideológica relacionada à escravidão no Brasil. Por isso, autores, como Lopes (2011), preferem a utilização do termo “diáspora”.

O “ciclo do café” caracteriza outro momento de intensa imigração no Brasil. De acordo com Lopez e Mota (2008) e Moraes (2000), as primeiras plantações datam do século XVIII, mas é durante o século XIX que o café passa a ser o principal produto de exportação brasileiro. Segundo os autores, as plantações de café também ocorriam em latifúndios e era necessário um grande número de trabalhadores para realizar todo o processo de o cultivo.

No início do “ciclo do café”, os africanos escravizados realizavam os trabalhos que envolviam todo o processo de cultivo (Moraes, 2000). Entretanto, no século XIX, o Brasil e o mundo passavam por uma série de mudanças políticas e econômicas. O movimento abolicionista foi ganhando cada vez mais destaque, impulsionado pelo fim da escravidão na Inglaterra e nos Estados Unidos. Em 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz, o comércio de escravos tornava-se ilegal em solo brasileiro e, com isso, o preço deles aumentava, assim como a dificuldade de comprá-los (Moraes, 2000).

Desse modo, de acordo com Lopez e Mota (2008) e Oliveira (2006), a medida encontrada pelo governo brasileiro, durante o final do século XIX e começo do século XX, para suprir a falta de mão de obra escrava, foi o incentivo dado à imigração europeia. Segundo Oliveira (2006), é nesse mesmo período que chegaram ao Brasil, da Europa, as ideias da superioridade intelectual europeia, que se baseavam na premissa que um país com uma população de “raça pura” se tornaria um país mais avançado intelectual e economicamente.

Assim, com falta de mão de obra e impulsionados por esses ideais, muitos governantes brasileiros passaram a incentivar a imigração europeia com o intuito de branquear e “civilizar” o país (Oliveira, 2006). Para Villen (2015), corroborando as ideias dos autores acima, nesse

momento da história do Brasil, “não importava se o imigrante fosse da classe trabalhadora ou analfabeto, desde que fosse vetor da ‘civilização’ da raça branca mais ‘avançada’, da ética do trabalho livre, da modernização, do progresso” (p. 39-40).

Na Europa, muitos países passavam por crises políticas e dificuldades financeiras, o que mobilizou o interesse de vir ao Brasil. Assim, de acordo com dados do IBGE, entre 1872 e 1929, chegaram ao país 1.195.052 portugueses, 1.479.353 italianos e 574.568 espanhóis, sendo essas as três principais origens de imigrantes, de um total de 4.107.793 (Villen, 2015).

Tabela 1

Entrada de imigrantes no Brasil de 1872 a 1929

Período	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses	Outros	Total
1872-1879	55.027	45.467	3.392	14.325	_	58.126	176.337
1880-1889	104.690	277.129	30.066	18.901	_	17.841	448.622
1890-1899	219.353	690.365	164.296	17.084	_	107.232	1.198.327
1900-1909	195.586	221.394	113.232	13.848	861	77.456	622.407
1910-1919	318.481	138.168	181.651	25.902	27.432	123.519	815.453
1920-1929	301.915	106.835	81.931	75.801	58.284	221.881	846.647
Total	1.195.052	1.479.353	574.568	165.861	8.677	606.387	4.107.793

Nota. Fonte: Villen (2015).

Segundo Oliveira (2006) e Villen (2015), muitos imigrantes que passavam algum tempo trabalhando nas fazendas de café e conseguiam juntar algum dinheiro, partiam para as cidades e trabalhavam na construção civil, em fábricas, na área de serviços ou abriam pequenos comércios. Ao chegarem às cidades, os imigrantes instalaram-se em bairros que até hoje são tipicamente relacionados a grupos específicos de nacionalidades. No caso da cidade de São Paulo, por exemplo, há bairros como Brás, Bexiga e Barra Funda, que, inicialmente, eram

referências para a comunidade italiana, mas, com o tempo, passaram a receber outras comunidades de imigrantes, como árabes, coreanos e bolivianos (Oliveira, 2006).

A chegada dos imigrantes europeus não só mudou a imagem das cidades como também trouxe mudanças nas relações de trabalho dentro das fábricas. De acordo com Ianni (2004), os imigrantes com propostas anarquistas e socialistas foram de grande importância para as ideias sindicais. Nesse sentido, Villen (2015) aponta que a classe trabalhadora imigrante ajudou a formar diversos coletivos que foram fundamentais na luta dos trabalhadores. Ainda segundo a autora, a formação desses coletivos com influência dos imigrantes não só causou descontentamento do patronato como também do Estado, o qual, como resposta, criou leis que favoreciam a deportação desses imigrantes. Em suas palavras:

Caminhava-se em direção a um novo período na história das políticas imigratórias no Brasil, marcado por mudanças de ordem política e econômica na conjuntura nacional e internacional, quando a preocupação com a “nacionalização” começava a se impor no tratamento oficial da imigração e na legislação competente. Nesse contexto, predominava a figura do “estrangeiro nocivo” à “segurança nacional”, com “ideias subversivas”, “injuriador do poder público”, enfim, todo o universo simbólico do imigrante como potencial inimigo. (p. 57)

Essa política foi bem marcada durante a década de 1930, na chamada “Era Vargas”, quando as restrições de entrada imigrante se tornaram cada vez mais claras na política nacional, criando-se assim duas vertentes de imigrantes no Brasil, o documentado, de mão de obra qualificada, e o não documentado, de mão de obra desqualificada (Villen, 2015), conceito que foi exposto com maior detalhe no subitem Imigração e Trabalho. Devido a esse contexto, a proporção de imigrantes na população brasileira caiu continuamente entre as décadas de 1920 e 1950. Entretanto, existiram também questões de conjuntura nacional e internacional que contribuíram para a queda das imigrações.

De acordo com alguns autores, como Baeninger e Antico (1996), o cenário das imigrações muda consideravelmente nas décadas seguintes do século XX, pois o fluxo imigratório dos europeus diminuiu, aumentando o número de imigrantes de “ex-colônias” na

Europa. No cenário nacional, devido à crise econômica nos anos de 1980, o fluxo de emigração de brasileiros aumenta significativamente e, segundo Assis (2004), o Brasil passa a ser considerado um país também de emigrantes: “desse novo movimento da população que, na década de 1990, consolidou a imigração para os Estados Unidos, a Europa e o Japão, surge uma nova imagem para o país que até o início dos anos oitenta imaginava-se apenas como um país de imigrantes” (Assis, 2004, p. 112).

Apesar do aumento da emigração, de acordo com Baeninger e Antico (1996), o número de imigrantes volta a crescer no Brasil a partir da década de 1980, mas, dessa vez, o fluxo migratório passa a ser predominantemente de latino-americanos, seguidos por asiáticos e africanos, assim como refugiados políticos de diferentes nacionalidades. Atualmente, a economia brasileira volta a passar por um baixo desempenho, embora não se tenham dados atuais. Como outros países latino-americanos também estão com problemas econômicos, podemos supor que o fluxo de imigrantes latino-americanos continua sendo intenso, conforme afirma Baeninger (2012). De acordo com dados do Ministério da Justiça de 2012, até aquele ano, no Brasil, existia pelo menos 1,5 milhão de estrangeiros vivendo no país de maneira legalizada.

Em relação aos imigrantes não documentados, é muito difícil obter estimativas. Algumas entidades religiosas atendem principalmente imigrantes não documentados e disponibilizam estatísticas dos seus atendimentos. Entre elas, a Missão Paz¹⁵ informa em seu *site* que, no ano de 2015, realizou 6.929 atendimentos para imigrantes de 65 diferentes nacionalidades. A principal foi de haitianos, com 3.895 atendimentos, seguida de bolivianos (1.011 atendimentos) e peruanos (435 atendimentos). Entretanto, é importante ressaltar que esses números não dizem respeito exclusivamente a imigrantes não documentados.

¹⁵ Maiores informações no site da Missão Paz: <http://www.missaospaz.org/>.

Todavia, é interessante observar que os números fornecidos pela Missão Paz mostram a predominância de imigrantes latino-americanos. Pesquisadores como Baeninger e Antico (1996, 2012), Costa (2015), Huayhua (2004), Maldonado (2015), Sousa (2015) e Villen (2015) também identificaram a predominância de migrações latino-americanas para o Brasil na atualidade. Levando em consideração a crescente visibilidade e importância dessa imigração, dedico a próxima seção a uma discussão mais apropriada das características desse grupo.

1.2.1 Processos migratórios na Região Metropolitana de Campinas

O presente trabalho busca uma maior compreensão das vivências de imigrantes latino-americanos que residem na RMC. Com isso, considero importante trazer uma pequena retrospectiva dos processos imigratórios da cidade e de sua Região Metropolitana, pois, como o Brasil é um país muito extenso e com distintas realidades sociais e econômicas, é apropriado um maior conhecimento das especificidades da região estudada.

A região onde hoje é Campinas era, até o final do século XIX, uma freguesia da cidade de Jundiaí, conhecida como Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Dentro. A freguesia ganhou destaque, porque era ponto de passagem para quem seguia viagem pelo caminho de Guaianases, rumo ao interior do Brasil. Por ser um ponto de parada, cresceu o número de pousos e pequenos comércios na freguesia, que já contava com fazendas e bairros rurais (Silva, 2006).

Com o crescimento da freguesia durante o século XVII, Campinas desmembra-se de Jundiaí e torna-se cidade em 1797. De acordo com Baeninger (1992), a cidade, que já era um importante ponto de parada para tropeiros, passou a ser um importante centro da indústria açucareira, sendo esse o marco inicial para o desenvolvimento econômico e, com isso, o início dos processos migratórios.

Com as plantações de açúcar, vieram homens e mulheres escravizados para trabalhar nelas, enquanto homens livres trabalhavam em pequenos comércios e outros serviços. A

população aumentava de acordo com o crescimento da indústria açucareira. Segundo Baeninger (1992), os registros da época não são muito claros sobre de onde vieram essas pessoas, mas acredita-se que grande parte do contingente populacional era proveniente de migrações internas.

Durante o ciclo do café, que começa concomitante ao ciclo do açúcar, mas o substitui a partir de 1935, o fluxo de imigrantes continua intenso, todavia, agora, além dos imigrantes internos vindos de outras áreas do Estado de São Paulo, do Paraná e Rio de Janeiro, aumentava o número de imigrantes europeus, os quais, segundo registros da Hospedaria do Imigrante do Estado de São Paulo, vieram trabalhar nos cafezais nas duas últimas décadas do século XIX. O fluxo de imigrantes na região de Campinas foi principalmente de italianos, portugueses e espanhóis.

A estruturação do complexo cafeeiro permitiu que a cidade crescesse e se estruturasse. As malhas ferroviárias, e mais tarde as rodoviárias, tornaram Campinas um ponto de convergência de regiões, aumentando ainda mais a sua importância no estado. Ainda no século XIX, a região era o segundo maior núcleo de manufaturas do estado, atrás apenas de São Paulo. O grande crescimento urbano da cidade deu-lhe o apelido de Princesa D'Oeste, sendo que ela disputava prestígio com a capital (Baeninger, 1992). Nessa época, ainda de acordo com a autora, os imigrantes eram vistos como mão de obra necessária para as lavouras de café, ao mesmo tempo que eram responsabilizados por doenças pela burguesia e pelos sanitaristas, pois, para estes, os imigrantes entupiam a cidade e os cortiços e levavam promiscuidade e sujeira. Assim, pelos documentos, pode-se perceber que os imigrantes eram muitas vezes tratados como bodes expiatórios, responsabilizados pelas mazelas sociais, assim como ainda hoje acontece, conforme já mostrado acima.

Martins (2015) relata que todo esse cenário se transformou quando, com a epidemia de febre amarela, a cidade esvaziou-se naquele “sinistro verão” de 1889. Em seu artigo, o autor recupera uma crônica apresentada pelo jornal *Gazeta do Povo*, escrita pelo jornalista Julio

Ribeiro e, mais tarde, transcrita no Diário de Campinas (11 abr. 1889, p. 1). Segue um trecho da crônica, que permite compreender a intensidade do surto e suas consequências para a cidade.

Poder-se-ia dizer com Edgard Poe que a morte de máscara amarela assenhoreou-se de Campinas, que nessa cidade um fantasma impalpável, envolto em longo sudário de bruma, perambula pelas ruas, vagueia nas praças, invade as casas, penetra nos templos, semeia por toda parte o aniquilamento e o terror. Campinas já não é o soberbo empório do café, já não é a capital agrícola, já não é a princesa radiante do Oeste: é uma cidade Níobe, é uma necrópole, é um cemitério. Os renques extensíssimos de casas fechadas como túmulos; as pedras do calçamento, lugubrememente tintas de piche, aquecidas quase ao rubro pelos raios comburentes de um sol ardentíssimo; o acre cheiro empireumático Cidade-laboratório do alcatrão queimado, casando-se estranhamente ao odor mórbido, ao odor dos pesteados moribundos e mortos. O desalento pintado no rosto do raro transeunte que, a passos largos, quase a correr, sai em cata de socorros para mais uma vítima que tomba – tudo abate, dissolve, aniquila o ânimo de quem contempla as quase ruínas da cidade flagelada, e aos lábios trêmulos acode uma palavra, não proferida, mas soprada a medo como um hálito tênue de brisa. ASSOLAÇÃO... E aos horrores da peste, vêm-se juntar os horrores da fome; às cãibras crurais produzidas pelos estragos das ptomaínas vêm-se juntar as cãibras temerosas do estômago em vacuidade. Não há comércio, não há comerciantes, não há gêneros, não há víveres: há somente peste e há somente fome.

Com o final da epidemia de febre amarela, Campinas voltou a crescer populacional e economicamente durante o século XX. Com o aumento significativo de fábricas e o início das indústrias na cidade e região, de acordo com Baeninger (1992), os imigrantes internacionais tiveram papel de destaque nesse processo, pois muitos trabalhavam nas fábricas ou eram donos delas:

O movimento migratório internacional desempenhou papel de grande importância nesse processo de urbanização, alterando, em muitos casos, o comportamento demográfico, o papel populacional e econômico e as formas de inserção dos municípios na divisão social do trabalho. (p. 48)

Ainda durante o século XX, ocorreu um deslocamento de indústrias do polo industrial da Região Metropolitana de São Paulo para outras cidades do interior, e a região de Campinas foi uma das principais beneficiadas. O crescimento econômico promove, mais uma vez, o aumento do fluxo imigratório, com o deslocamento de pessoas em busca de trabalho.

Ao longo do século XX, a cidade passa a destacar-se, além das indústrias, também por ser um centro inovador de pesquisa e tecnologias, abrigando universidades de destaque nacional e internacional. Tanto Baeninger (1992) como Cunha e Jakob (2010) ressaltam que a

importância econômica da cidade em um contexto regional e nacional promoveu, além de grande fluxo imigratório, interno e externo, um grande crescimento de Campinas e das cidades em seu entorno.

Esse crescimento expressivo fez com que, em 19 de julho de 2000, através da Lei Complementar Estadual 870, fosse criada a RMC, que é formada por 20 municípios, com 3,1 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE de 2016, ocupando uma área de 3.791 km² e sendo responsável por mais de 8% do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de São Paulo (Portal do Estado de São Paulo, 2016). Segue um mapa da região:



Figura 1. Região Metropolitana de Campinas

Fonte: Prefeitura Municipal de Campinas.

Algumas cidades próximas são consideradas cidades-dormitórios, com grande contingente populacional deslocando-se para trabalhar em Campinas e voltando à noite para suas casas, o que gera muito trânsito em toda a região. Além do trânsito, a cidade enfrenta outras dificuldades típicas de grandes cidades e capitais do Brasil.

Entre 2000 e 2015, de acordo com dados do Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros no Brasil (SINCRES), chegaram em Campinas 15 mil imigrantes. Atualmente,

o principal fluxo de imigrantes internacionais na RMC é de latino-americanos, seguindo uma tendência nacional.

Levando em consideração a crescente visibilidade e importância da imigração de latino-americanos, dedico a próxima seção uma discussão mais apropriada das características desse grupo.

1.3 As características dos imigrantes que chegam ao Brasil na atualidade

Ao longo do texto, foi usada por diversas vezes a expressão “latino-americanos” e é importante trazer mais informações sobre *quem são* eles, algumas de suas semelhanças e diferenças. Uma maior compreensão sobre os latino-americanos nos permite um melhor entendimento sobre as questões relacionadas à sua imigração, especificamente para o Brasil.

Existem algumas divergências em relação ao emprego da expressão América Latina: ela pode ser usada para referir-se a todos os países do continente americano com exceção dos Estados Unidos e Canadá ou então pode referir-se aos países da América do Sul, América Central e o México, excluindo assim o Caribe. Nesta dissertação, sempre que a expressão “América Latina” for usada, estará referindo-se aos países do continente americano com exceção dos Estados Unidos e Canadá.

A América Latina é composta por 20 países e apresenta uma população atual de 635 milhões de pessoas, segundo os dados da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL). A maioria desses países apresenta algumas semelhanças, como o fato de terem sido colônias de exploração de países latinos, especialmente Espanha, França e Portugal. De acordo com Araujo, 2006 (citado por Souza, 2011), a América Latina tem uma superfície total de 21 mil quilômetros e tem como idiomas principais o espanhol, português, inglês e diversas línguas indígenas.

Para Souza (2011), o conceito de América Latina é controverso, entretanto, em um primeiro momento, a literatura histórica estrangeira tinha um olhar negativo para a região, seus

povos e sua história. Ainda segundo o autor e de acordo com Bethell, 2009 (citado por Souza, 2011), a expressão América Latina vem do francês “Amérique Latine”, sendo muito usado por intelectuais franceses do século XIX.



Figura 2. Países da América Latina

Fonte: desenho retirado do site <http://www.infoescola.com/geografia/america-latina/>.

De acordo com dados da Biblioteca Virtual da América Latina¹⁶, os países da América Latina têm como predominância uma população jovem e adulta, marcada desigualdade social (com exceção de Cuba) e economia voltada principalmente para a exportação de *commodities* agrícolas e minerais. Entre eles, Brasil, Argentina, México e Chile possuem uma base industrial mais sólida, a qual permite a produção e exportação de alguns manufaturados.

Marcadas algumas das semelhanças, é importante destacarmos as diferenças. Em relação à economia, levando em consideração o PIB desses países, o contraste é marcante. O Brasil aparece como a 7.^a economia mundial e México como a 12.^a, enquanto países como

¹⁶ Já os dados do IBGE de 2015, sobre a população brasileira, mostram uma leve predominância da população adulta em relação à jovem, sinalizando um processo de envelhecimento populacional. Mais informações a esse respeito podem ser encontradas no site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/home/>.

Bolívia e Paraguai aparecem respectivamente como 92.^a e 104.^a¹⁷. Outra diferença importante em relação à economia e à política é a existência do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), assinado em 1991, entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, tendo como objetivo principal:

Livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), da adoção de uma política comercial comum, da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais, e da harmonização de legislações nas áreas pertinentes. (www.mercosul.gov.br)

O MERCOSUL passou por mudanças nos últimos anos. Em 2012, a Venezuela passou a ser mais um Estado-parte, enquanto Chile, Peru, Equador, Bolívia, Guiana e Suriname foram considerados como Estados Associados, além da Bolívia, que atualmente é um Estado Parte em processo de adesão.

Além da livre circulação de mercadorias, o MERCOSUL tem, desde 2009, a livre circulação de pessoas nativas dos países membros, da Bolívia e do Chile, com o objetivo de fortalecer a troca de mão de obra entre esses países (mercosul.gov). Entretanto, existem críticas em relação a como está sendo implementado o acordo de livre circulação de pessoas. Mariano e Ramanzini Jr. (2012) destaca que o sistema continua sendo muito burocratizado e que os imigrantes continuam tendo dificuldade de obter visto de permanência, pois é necessário apresentar uma comprovação de renda e um contrato formal de trabalho, de acordo com o Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante.

Assim, a livre circulação não é sinônimo de permanência. Ela facilita, sobretudo, a livre circulação de trabalhadores documentados, os quais correspondem, principalmente, à mão de obra qualificada. Essas questões a respeito do MERCOSUL são relevantes, pois a maioria dos países que o compõem (com exceção do Haiti) estão entre os principais fluxos migratórios para o Brasil.

¹⁷ Dados retirados do site do Governo do Estado da Bahia
http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&id=137&Itemid=221.

Para além das questões políticas e econômicas relacionadas à América Latina e aos latino-americanos, outro ponto mais subjetivo e importante de ser analisado é a própria identificação com o fato de ser latino-americano. Em um interessante texto, Martes (2004) mostra que muitos imigrantes brasileiros que moram nos Estados Unidos não se reconheciam como latino-americanos quando tinham que preencher fichas que perguntavam sobre a sua etnia. A maioria deles declarava “outros” ou “branca” e não “latino-americano” ou “hispanics”, pois relacionam esses últimos exclusivamente à população de língua espanhola. Nas palavras da autora, “se entendermos que raça e etnicidade são construções sociais, ou seja, são formas de interpretação social da realidade (Berger, & Luckman, 1985, citado por Martes, 2004), não é de surpreender que o que significa ser hispânico ou latino, preto ou branco, pode comportar importantes variações” (p. 97).

Isso nos leva a refletir sobre o fato que, muitas vezes, a classificação oficial feita pelo país hospedeiro não tem preocupação em tentar compreender se a população imigrante se identifica ou não com determinada terminologia, pois falta alteridade no contato com o outro. No caso específico dos brasileiros nos Estados Unidos, não ocorre uma identificação com o termo “latino-americano” ou “hispanic” e lhes causa estranheza assim se definirem, por entenderem ser uma definição “artificial” e burocrática (Martes, 2004).

Os motivos para a não identificação dos brasileiros com o termo “latino” parecem ser variados e complexos. De acordo com os pesquisadores do projeto *The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy (2014/2015)*, apenas 4% dos brasileiros definem-se como latino-americanos, ante uma média de 43% de pessoas originárias de outros seis países (Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru). Além disso, a autoidentificação do brasileiro é “tênue e ambivalente” e afasta-se da percepção de um pertencimento regional. Brasileiros identificam-se como uma nação diferente dos vizinhos, seja pela experiência colonial, língua ou processo de independência distinto.

As explicações pautadas nas raízes ibéricas podem ser simplistas. José Murilo de Carvalho, em “Brasil: outra América?”, mostra como a rivalidade dos países ibéricos teria sido apreendida pelos países latino-americanos: “A elite brasileira sempre fez questão de marcar a especificidade do Brasil em relação a esses países. No século XIX, os países hispânicos eram vistos como exemplo negativo de violência política, de caudilhismo, de barbárie” (Carvalho, 1998, p. 273).

Dorella (2010) afirma:

Há no pensamento brasileiro sobre a América Hispânica significativas imagens e representações de discriminação. Essa “outra” América é vista como um lugar menos desenvolvido e mais caótico que o Brasil. Salvo exceções, como a Argentina e o Chile, os outros países não teriam muito a acrescentar aos brasileiros. O Brasil, por ser um país de proporções continentais na América Latina, propiciou uma relativa predominância dos interesses brasileiros na região, a ponto de ser vista, em alguns momentos, a sua expressiva atuação econômica e política na América do Sul como uma espécie discutível de “subimperialismo”. (p. 105)

Dantas (2015) também destaca que, no Brasil, os imigrantes latino-americanos sofrem mais discriminação que imigrantes europeus, pois são considerados como provenientes de países menos desenvolvidos que o nosso.

Para além dos motivos de a grande maioria dos brasileiros não se reconhecer como latino-americano, de acordo com Martes (2004), o não reconhecimento da identidade pessoal dos grupos de imigrantes pela sociedade receptora pode acarretar diversos sentimentos e reações nesses grupos. Em suas palavras:

Origem nacional e língua são atributos tão elementares da identidade de pessoas e grupos, que o não reconhecimento destes atributos por parte da sociedade receptora pode acarretar no mínimo perplexidade pessoal e, de um extremo a outro, pode levar da aculturação à luta política. (Martes, 2004, p. 97)

Isso nos leva a refletir que, independentemente da classificação oficial e dos motivos para ela, não necessariamente ocorre a identificação das pessoas com essa classificação, pois ela envolve uma questão subjetiva socialmente construída, muitas vezes a partir das relações

estabelecidas entre os países. As reflexões de Martes (2004) sobre a identidade do imigrante evidenciam o contraste entre a subjetividade dos grupos e os termos impostos.

Em relação a esta pesquisa, não há pretensão de buscar compreender se os entrevistados consideram-se ou não latino-americanos, mas é importante trazer para a reflexão que essa denominação, que continuará sendo usada ao longo da dissertação, é uma forma de referir-se a esses imigrantes, que, como foi mostrado, têm semelhanças, mas também muitas diferenças sociais, econômicas e culturais.

1.4 Compreendendo as fontes dos números sobre imigração no Brasil

O presente tópico tem como objetivo oferecer ao leitor maior compreensão sobre as fontes dos dados numéricos apresentados ao longo do trabalho. Para um melhor entendimento a respeito desses números, é importante ressaltar que, no Brasil, ao contrário de outros países, não existe um órgão público centralizado que cuida das questões relacionadas à imigração. Diferentes órgãos ocupam-se de distintos aspectos relacionados à entrada de imigrantes no país. Assim, é necessária uma explicação, ainda que sucinta.

O processo de regularização da entrada de estrangeiros¹⁸ é atribuição de três Ministérios: o Ministério das Relações Exteriores (MRE), o Ministério da Justiça (MJ) e o próprio Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), cada um responsável por uma pauta diferente. Além dos órgãos citados, a Polícia Federal é responsável pelo controle das fronteiras nacionais, tendo assim números relacionados com a entrada e saída de estrangeiros do país, além de ter a função de providenciar o Registro Nacional de Estrangeiro (RNE).

¹⁸ Neste texto, “estrangeiros” e “imigrantes” estão sendo usados como sinônimos, pois os *sites* e cartilhas dos Ministérios citados utilizam o termo “estrangeiro”, independentemente se o indivíduo planeja residir ou não no país.

O MRE é responsável pela emissão de diferentes tipos de vistos, como se pode observar na Tabela 2. Entretanto, o visto não dá direito ao estrangeiro de permanecer no Brasil por tempo indeterminado.

Tabela 2

Tipos de vistos emitidos no Brasil

Documento	Sigla
Visto de Residência Temporária	VRT
Visto Diplomático	VIDIP
Visto Oficial	VISOF
Visto de Cortesia	VITUR
Visto de Turista	VITRA
Visto de Trânsito	VITREM
Visto Temporário	VITEM

Nota. Fonte: Brasil. Ministério das Relações Exteriores.

O MJ é responsável pelo processo de documentação e regularização da situação migratória de estrangeiros no Brasil, como, por exemplo, pedidos de união estável ou de refúgio. Por sua vez, o MTE é responsável por emitir autorização para estrangeiros que queiram trabalhar no Brasil. De acordo com dados do *site* do MTE, o pedido de autorização deve ser feito na internet pelo estrangeiro interessado ou pela empresa no Brasil. Após o pedido ser aceito e protocolado no Diário Oficial, o estrangeiro deve procurar o órgão consular responsável para o pedido de visto e, só então, ingressar no Brasil.

No caso de o estrangeiro já estar residindo no Brasil, deve fazer o pedido da carteira de trabalho no MTE para poder buscar um emprego regular no país. A documentação necessária para conseguir a carteira de trabalho vai depender da situação na qual está no país (por exemplo: refugiado, asilado, com filhos ou cônjuge no país, entre outras). Entretanto, deve ficar claro que a obtenção da carteira de trabalho não é sinônimo de visto de trabalho, pois a carteira de trabalho dá a *oportunidade* de o imigrante conseguir um emprego regular no país, enquanto que, com o visto, o estrangeiro *já* conseguiu um trabalho antes de chegar ao país. Assim, ao analisar o

percurso que o estrangeiro deve fazer para entrar no Brasil com autorização de trabalho, pode-se problematizar que os dados oficiais obtidos através do MTE são referentes a um perfil de imigrante: aquele com alta qualificação formal.

Villen (2015) analisa o processo de obtenção de autorização de trabalho pelo MTE. Em suas palavras:

De fato, pela análise das normativas do Conselho Nacional de Imigração para a concessão do visto e da autorização de trabalho, é possível constatar como o imperativo da produtividade dita a demanda de importação desses profissionais, ao passo que o par perfeito qualificação-especialização aparece como o centro gravitacional, ou seja, o fator que decide a sorte do imigrante para a entrada no país.

O “controle” para a concessão do visto de trabalho se dá pela comprovação de dois requisitos: titulação e experiência profissional. Quanto mais alto o primeiro, menos necessária é a comprovação do segundo (CNIg, N. 99, 12 dez. 2012). Cabe à empresa ou à entidade que demanda essa força de trabalho demonstrar esses requisitos “qualitativos” do candidato para dar prosseguimento à concessão do visto de trabalho, que permitirá a entrada. (p. 139)

Pode-se então verificar que existe uma política migratória que privilegia a entrada de mão de obra altamente qualificada, que, segundo Villen (2015), é, em sua maioria, composta por homens advindos dos países centrais. Assim, ao analisar os dados sobre imigrantes que trabalham no Brasil, é importante ter clareza que os números de vistos de trabalho são referentes, em grande parte, aos trabalhos de alta qualificação.

Para além das normas do Ministério do Trabalho e Emprego, do Ministério das Relações Exteriores, do Ministério da Justiça e da Polícia Federal, existem dados referentes aos censos promovidos pelo IBGE, busca contabilizar o número de imigrantes que residem no Brasil, independentemente do ano em que vieram ao país. Ademais, em alguns dados do IBGE, estão juntos tanto imigrantes internacionais quanto brasileiros que viviam fora do país e retornaram.

Assim, caso as tabelas a seguir fossem analisadas isoladamente, sem levar em consideração as informações acima, poderia ocorrer uma compreensão muito errônea sobre características da imigração no Brasil. Analisando as tabelas abaixo, pode-se compreender melhor essa colocação:

Tabela 3

Número de entrada de estrangeiros em território nacional

Ano	Estrangeiros (quantidade por mil)
2003	25,825
2004	27,385
2005	33,109
2006	44,73
2007	39,52
2008	39,935
2009	87,68
2010	54,582
2011	74,805
2012	98,83
2013	107,621
2014	118,286
2015	117,341
2016	62,997

Nota. Fonte: *site* da Polícia Federal <http://www.pf.gov.br/imprensa/estatistica/estrangeiros>.

Tabela 4

As 20 nacionalidades com maior incidência de estrangeiros no Brasil

País
Bolívia

Estados Unidos
República do Haiti
Argentina
Rep. Popular da China
Portugal
Colômbia
Peru
Paraguai
Itália
França
Alemanha
Uruguai
Espanha
Filipinas
Japão
Grã-Bretanha
Cuba
Índia
Coreia do Sul

Nota. Fonte: site da Polícia Federal <http://www.pf.gov.br/imprensa/estatistica/estrangeiros>.

Tabela 5

Número de autorizações de trabalho concedidas, segundo principais países, Brasil, 2011-2014

Países	2011	2012	2013	2014
--------	------	------	------	------

EUA	10.092	9.121	8.930	5.830
Filipinas	7.667	5.127	5.056	4.486
Reino Unido	4.896	4.335	4.080	3.296
Índia	4.220	4.208	3.631	2.663
Itália	2.410	2.986	2.651	2.545
Espanha	1.837	1.989	2.665	2.229
Portugal	1.543	2.161	2.904	1.921
França	2.182	2.381	2.261	1.785
China	2.629	3.075	2.347	1.561
Alemanha	3.136	3.546	2.878	1.437
Japão	2.266	2.318	2.023	1.352
Holanda	1.218	1.330	1.334	1.324
Coreia do Sul	687	1.973	1.124	1.208
Indonésia	2.654	2.253	2.160	1.130
Noruega	1.814	1.313	1.060	866
Polônia	1.035	939	983	866
Canadá	1.167	1.162	1.069	751
Ucrânia	633	747	736	666
México	1.057	1.245	838	585
Outros	15.550	14.612	13.112	10.239
Total	68.693	66.821	61.842	46.740

Nota. Fonte: Anuário de 2015 do Observatório das Migrações Internacionais (OBmigra).

Assim, caso a Tabela 5 fosse analisada sem levar em consideração as informações acima citadas, uma pessoa com pouco conhecimento sobre os processos imigratórios no Brasil poderia pensar que o maior fluxo de imigrantes no país é de americanos e filipinos, dado bem diferente da Tabela 4. Isso acontece porque os dados da Polícia Federal são referentes a estrangeiros que chegam com ou sem trabalho, enquanto os dados da OBmigra são relacionados a estrangeiros que entram no Brasil já com um posto de emprego (trabalhos qualificados).

Além dos dados oficiais, existem dados produzidos por entidades não governamentais, como, por exemplo, a Missão Paz, citada acima, as quais divulgam dados em relação à sua atividade (número de atendidos, nacionalidade dessas pessoas e atividades realizadas). A

maioria dos imigrantes que recebem esses atendimentos em algum momento estiveram em situação não documentada. Ainda assim, não se pode ter clareza sobre o número de imigrantes não documentados que vivem no Brasil.

Para este trabalho, as fontes de dados mais relevantes foram as da Polícia Federal e de entidades não governamentais que divulgam dados de imigrantes não documentados. Isso porque, dos três participantes da pesquisa, dois deles chegaram de maneira documentada, mas como estudantes imigrantes; a outra participante chegou ao Brasil junto com dois de seus filhos como imigrante não documentada, conseguindo a documentação quase um ano após a sua chegada.

Sendo assim, de acordo com o perfil dos participantes, o Ministério do Trabalho e do Emprego não oferece dados que condigam com o perfil dos entrevistados desta pesquisa. Com isso, fica claro que é necessário entender as especificidades dos órgãos brasileiros que trabalham com imigração, para fazer uma leitura correta e coerente de seus números.

1.5 A relação entre a Psicologia e a e/imigração

Atualmente, diversas áreas do conhecimento, como Antropologia, Economia, Sociologia, Demografia, Direito, Ciências da Religião, Pedagogia e Psicologia, têm estudado questões relacionadas aos processos e/imigratórios. Entretanto, como salienta Castles (2000), esses estudos ocorrem, em sua maioria, de forma muito fragmentada, com pouco intercâmbio entre as áreas, o que dificulta a compreensão da complexidade dos processos que envolvem o fenômeno e/imigratório.

Com o intuito de conhecer mais sobre os trabalhos relacionados às temáticas migratórias no cenário nacional, fez-se uma revisão bibliográfica em três bases de dados. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, quando utilizada a palavra-chave “imigração”, apareceram 254 resultados e grande parte deles é das áreas de História, Antropologia e

Sociologia. Na área da Psicologia, foram encontrados apenas dois trabalhos¹⁹. Na base de dados Scielo, ao se utilizar a palavra-chave “imigração”, foram encontrados 134 artigos e, ao se usarem as palavras-chaves “imigração and psicologia”, apareceram oito²⁰ artigos. Também foi pesquisada a base de dados da Biblioteca de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - CAPES, na qual foram usadas as mesmas palavras-chaves, com resultados semelhantes: 203 trabalhos, sendo apenas três da Psicologia²¹.

Isso mostra que, apesar de existirem trabalhos sobre os processos migratórios na área de Psicologia, eles ainda são restritos quando comparados a outras áreas do saber. Os estudos no campo da Psicologia, por sua vez, adotam diversos enfoques teóricos, métodos e abordagens.

Ao realizar a revisão bibliográfica, tive acesso a trabalhos que buscam identificar se existem diferenças entre a competência social infantil de crianças imigrantes e não imigrantes que estudam em escolas públicas e privadas (Pizzinato, & Sarriera, 2003); pesquisas sobre como a Psicologia Clínica pode ajudar com processos de exclusão e violência que fazem parte da realidade de muitos imigrantes, além de fazer uma análise crítica acerca dos discursos sociais sobre imigração e o lugar que o imigrante ocupa nesses discursos (Rosa, & Montian, 2015, Rosa, Berta, Carignato e Alencar, 2009); um estudo etnográfico sobre o trabalho de imigrantes

¹⁹ Os trabalhos encontrados na área de Psicologia foram: **A experiência das raízes e o dekassegui: um estudo de psicologia social a partir da reconstrução autobiográfica** (Watanabe, 2008) e **Cultura, identidade e gênero no processo da imigração judaica de sobreviventes da Segunda-Guerra Mundial** (Krimberg, 2012).

²⁰ **Imigração e saúde: a (in)acessibilidade das mulheres imigrantes aos cuidados de saúde** (Topa, Joana, Neves, Sofia and Nogueira, Conceição, 2013); **Immigration experience of Latin American working women in Alicante, Spain: an ethnographic study** (González-Juárez, Liliana, Noreña-Peña, Ana Lucía and Cibanal-Juan, Luis, 2014); **O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero** (Mountian, Ilana and Rosa, Miriam Debieux, 2015); **Apresentação - desigualdades, deslocamentos: clínica e políticas na imigração e refúgio** (Pizzinato, Adolfo and Sarriera, Jorge Castellá, 2003), **Relações familiares e migração: um modelo teórico-clínico em psicologia** (Daure, Ivy, Reyverand-Coulon, Odile and Forzan, Sabine, 2014); **Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica** (Martins Borges, Lucienne and Pocreau, Jean-Bernard, 2012); **Cruzando fronteiras: prostituição e imigração** (Mayorga, Claudia, 2011).

²¹ Os trabalhos encontrados na área de Psicologia foram: **Biletramento - português e inglês: um estudo nos três primeiros anos do ensino fundamental em uma escola bilíngue em Porto Velho-RO** (Chediak, 2011); **Trabalho, igreja e boteco: identidades em transformação entre descendentes de pomeranos do interior do Espírito Santo** (Fehlberg, 2011) e **Amizades interculturais: um estudo com gregos no Espírito Santo** (Merizio, 2012); **Cultura, identidade e gênero no processo de imigração judaica de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial** (Muhlen, 2013).

latino-americanos na Espanha (González-Juárez, Liliana, Noreña-Peña, Ana Lucía and Cibanal-Juan, Luis, 2014); dois trabalhos na área de Psicologia Social, dos quais um deles estudou a questão do enraizamento dos dekassegui²² a partir da metodologia de autobiografia (Watanabe, 2008), e o outro sobre imigrantes judeus sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, os quais vieram morar na Região Sul do Brasil (Muhlen, 2013).

Para além dos trabalhos encontrados durante a revisão bibliográfica, destaco aqui alguns textos de autores que se debruçaram sobre essa temática. Em um livro de 1996, Grinberg e Grinberg, adotando a abordagem psicanalítica, não negavam a importância das questões externas nos processos migratórios, citando, por exemplo, o trabalho, mas buscaram compreender aspectos internos que fazem alguns indivíduos terem mais facilidade de lidar com o novo contexto e adaptarem-se a ele. Os autores estudaram patologias ligadas à imigração, considerando que o contexto sociocultural do novo país está relacionado com o processo de adaptação dos indivíduos. Para eles, a experiência migratória é sempre um evento traumático referente a uma ruptura e envolve um processo de luto.

Ainda sobre as dificuldades dos imigrantes, está a pesquisa de doutorado de Maalouf (2005), na qual o autor faz um resgate do conceito de desenraizamento, de Simone Weil, para uma melhor compreensão da experiência migrante no processo clínico; o desenraizamento é a ruptura com as raízes. Para ele, assim como para Sayad (1998), a imigração está relacionada com a questão do trabalho, porém considera que há outros aspectos que podem ocasionar o processo de desenraizamento. De acordo com Maalouf (2005), as rupturas da imigração podem ser desenraizadoras no sentido de o imigrante perder laços culturais com o país de origem, sem se sentir pertencente ao novo país, o que pode gerar solidão, a qual, sem uma sustentação (*holding*), pode levar ao desespero. Em suas palavras:

²² Dekassegui é formado pela união de *deru* (sair) e *kassegui* (ganhar dinheiro); é a palavra utilizada no Japão para os trabalhadores estrangeiros, tenham eles ascendência japonesa ou não.

Solidão sem sustentação, sem *holding* é muita aflição, desespero. Sentir-se esmagado por uma situação de ter ido a um país estrangeiro e sem ter imaginado tanto sofrimento, solidão, desamparo, esgarça a alma, as raízes podem se partir. Há um sofrimento que ocorre em vários níveis, no psicológico e no ontológico... A angústia vivida pode ser equiparada por um lado às angústias impensáveis, na queda do abismo, na ausência de um solo conhecido geograficamente e também de um chão que dê sustentação às aflições. (p. 41)

Esses são apenas alguns exemplos de pesquisas que estudam a temática da imigração a partir de diferentes perspectivas e métodos. Entretanto, há algumas décadas, vem constituindo-se uma abordagem dentro da Psicologia dedicada à compreensão dos processos migratórios: a Psicologia Intercultural, que pode incluir enfoques teóricos diversos²³.

De acordo com DeBiaggi (2004), pesquisadora brasileira de Psicologia Intercultural, os primeiros estudos de psicologia na área de e/imigrações no Brasil foram realizados pela pesquisadora Aniela Ginsberg com o trabalho *Pesquisa sobre os problemas de adaptação dos imigrantes em São Paulo, Brasil*, em 1958. Ainda segundo DeBiaggi (2004), outro pesquisador pioneiro na área no Brasil foi o professor Angelini, com estudos sobre motivação com imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, mas foi em 1978 que foi publicado o primeiro livro sobre Psicologia Intercultural do país, intitulado *Introdução à psicologia intercultural*, de autoria do professor e pesquisador Geraldo José de Paiva.

Nesse livro, Paiva (1978) relata que a Psicologia Intercultural ainda estava dando os seus primeiros passos, buscando quebrar as barreiras do etnocentrismo e compreender as relações entre cultura e comportamento individual. Em uma visão aparentemente positivista, o autor afirma que a Psicologia Intercultural “se interessa pela comparação sistemática de variáveis psicológicas sob condições culturais diferentes, pois muitas conclusões sobre o comportamento humano não podem ser universalmente válidas” (p. 1).

²³ Nenhum dos autores referentes aos trabalhos citados acima afirmam estar inseridos no campo da Psicologia Intercultural, apesar de todos abordarem temas relacionados aos processos migratórios, o que nos leva a refletir como esta é uma temática transversal.

Ainda no mesmo livro, o autor tem a preocupação de resgatar a história da Psicologia Intercultural, mostrando que, muito antes de ela constituir-se como uma abordagem específica da Psicologia, esse assunto já gerava curiosidade e trabalhos de diversos autores, como, por exemplo, Wundt em “Psicologia dos Povos”, Freud com “Totem e Tabu” (ed. bras. 1974) e “O mal-estar na civilização” (ed. bras. 1974) e Jung com o seu interesse entre psicologia e cultura. Entretanto, para Paiva (1978), o primeiro trabalho em Psicologia Intercultural é feito pelo antropólogo Rivers, que comparou características de habitantes nativos da Ilha de Murray com a população inglesa.

Contudo, só depois da Segunda Guerra Mundial essa abordagem começa a ganhar maior destaque, principalmente no cenário europeu e americano. O contexto social do final da Segunda Guerra Mundial fez com que diversos pesquisadores europeus buscassem trabalho em outros países e, assim, muitos deles chegaram aos Estados Unidos. Por outro lado, um maior número de pesquisadores americanos foram trabalhar na África, Ásia e América Latina, expandindo o número de trabalhos que buscavam comparar populações de diferentes culturas (Paiva, 1978).

Esse resgate histórico da Psicologia Intercultural é importante por duas razões: a primeira é mostrar que questões relacionadas à cultura, identidade e adaptação sempre foram caras à Psicologia e estão presentes desde a sua fundação, entretanto a Psicologia Intercultural, enquanto abordagem específica, estabelece-se depois da Segunda Guerra Mundial; o segundo aspecto a destacar é que, em seu início, a Psicologia Intercultural utilizava predominantemente métodos positivistas, fazendo comparação de variáveis de características entre populações de diferentes culturas. Com o passar das décadas, ocorre maior abertura tanto em relação ao método como ao enfoque teórico, sendo possível encontrar trabalhos com diferentes embasamentos teórico-metodológicos, como foi mostrado na revisão bibliográfica nacional.

Assim como Paiva (1978), DeBiaggi (2004) afirma que a Psicologia Intercultural tem como foco principal a relação entre a Psicologia e a cultura e acrescenta que, “apesar de estar presente em diversas áreas e temáticas da Psicologia, ocorre muitas vezes tangencialmente” (p. 11). A Psicologia Intercultural tem como ênfase o estudo do indivíduo e/ou grupos de indivíduos, comportamento interpessoal, investigando categorias da Psicologia, como identidade, percepção, cognição, gênero e preconceito (DeBiaggi, 2004).

O campo de estudo da Psicologia Intercultural, assim como o das demais áreas da Psicologia, não é homogêneo, apresentando distinções teóricas e metodológicas. Entretanto, é possível encontrarmos alguns pontos em comum que permitem colocar esses diferentes trabalhos em um mesmo campo de estudo.

Segundo autores como Paiva (1978), DeBiaggi (2004) e Angelini (2007), uma questão básica da Psicologia Intercultural é o questionamento das formulações etnocêntricas – ou seja, “a tendência do pensamento a considerar as categorias, normas e valores da própria sociedade ou cultura como um parâmetro aplicável a todas as demais” (DeBiaggi, 2004, p. 11) – e a busca de um constante exercício de alteridade. De acordo com Dantas (2015), a Psicologia Intercultural procura compreender o desenvolvimento humano a partir de uma relação dialética entre os sujeitos e os contextos culturais e sociopolíticos nos quais eles se inserem, promovendo, assim, uma visão ampliada, flexível e dinâmica dos fenômenos psicossociais.

Na abordagem da Psicologia Intercultural, alguns temas são frequentemente estudados – como aculturação, integração, adaptação, assimilação, separação, identidade nacional e identidade étnica, emigrações, imigrações, segunda geração de imigrantes – podendo ter como foco os processos grupais ou individuais.

A premissa básica é que o contato entre culturas proporciona mudanças, tanto individuais como grupais. Dantas (2015) afirma que essas transformações advém

de um complexo processo de negociação relativo à própria identidade, à identidade grupal, aos próprios valores, envolvendo questões étnico-raciais, vivência de

preconceito, educação dos filhos, relações familiares, questões intergeracionais, de gênero, o que cada cultura considera ser um homem e uma mulher e concepções de relacionamentos entre homens e mulheres. (p. 79)

As transformações acima citadas são mais estudadas em imigrantes/emigrantes, entretanto as sociedades que recebem os imigrantes também lidam com mudanças culturais e identitárias, e, ainda de acordo com Dantas (2015), essas mudanças podem tomar uma direção positiva, no sentido de ampliação e enriquecimento cultural, com políticas públicas que abarquem os imigrantes, ou uma direção negativa, com o acirramento dos preconceitos.

Assim, na Psicologia Intercultural, estudam-se com frequência os processos que envolvem as maneiras pelas quais são constituídas as relações entre os imigrantes e a população do país hospedeiro. Essas relações acontecem de maneira dialógica e contínua. Apesar de cada processo ser subjetivo, essas negociações dos imigrantes com uma nova cultura constituem um processo chamado de aculturação.

Segundo Berry (2004), o conceito de aculturação vem da Antropologia e é definido como mudanças que ocorrem por meio do resultado do contato entre grupos, o que leva a mudanças culturais para ambos os grupos. Dantas (2015) esclarece que o termo aculturação, definido pelo também pesquisador T. D. Graves, pode ser determinado como as mudanças que o indivíduo experiencia no contato com outras culturas e como resultado do processo de aculturação pelo qual o seu grupo cultural de origem está passando.

Ainda de acordo com Dantas (2015), o conceito de aculturação pode ser estudado tanto no nível grupal como no individual, pois “a aculturação constitui um processo de ressocialização” (p. 80). A autora afirma que esse processo de ressocialização pode acontecer de algumas maneiras. Para Berry (2004), são quatro os principais tipos de aculturação.

Uma das formas de aculturação é a *assimilação*, e sua característica principal é o indivíduo adotar majoritariamente as particularidades culturais do país hospedeiro, perdendo o referencial da sua cultura de origem. Ao contrário da assimilação, a *separação* acontece quando

o indivíduo se mantém muito distanciado da nova cultura na qual está inserido. Outro conceito é a *marginalização*, a qual se dá “quando há pouca possibilidade ou interesse na manutenção cultural (frequentemente por razões de imposição e perda cultural) e pouco interesse em manter relacionamentos com outros (frequentemente por razões de exclusão e discriminação)” (Berry, 2004, p. 34). Para Dantas (2015), no processo de marginalização o indivíduo fica em suspenso, em um estado de conflito social e pessoal entre as duas culturas.

A última forma de aculturação definida por Berry (2004) é a *integração*, a qual pressupõe uma constante interação entre os grupos, a cultura do grupo de origem e a da sociedade hospedeira, mantendo-se as heranças étnicas e participando de forma ativa da sociedade hospedeira. Para que ocorra o processo de integração, são necessárias constantes negociações, confiança, segurança e respeito entre os grupos.

É essencial ressaltar que os modelos acima citados são uma contribuição didática para tentar compreender essas interações interculturais. Segundo Dantas (2015), é possível que os imigrantes passem por essas diferentes formas de aculturação ao longo do ciclo vital. Por isso, é importante ter clareza de quanto a ideia de *processo* é importante na Psicologia Intercultural, assim como a relação dialética entre o sujeito e a sociedade.

Assim, o sujeito é visto como um ator social, mas a sua maneira de se relacionar com o meio vai determinando-se de acordo com suas características e com maneira pela qual a sociedade se relaciona com ele. Existem características subjetivas do sujeito que têm grande influência em como ele vai se relacionar nessa nova sociedade e nesse novo contexto, assim como a forma como a sociedade se relaciona com esse indivíduo também é extremamente relevante para compreender seu comportamento.

Nesse tópico foram apresentadas algumas maneiras que a Psicologia tem encontrado para trabalhar com questões que envolvam os processos migratórios. No título deste texto, defino o meu trabalho dentro da Psicologia Social, a qual, por sua vez, assim como a Psicologia

Intercultural, é um campo de estudos amplo e heterogêneo. Assim, para situar o leitor dentro das diversas correntes da Psicologia Social, este trabalho acomoda-se melhor na perspectiva da Psicologia Social Crítica, a qual considera que as vivências individuais e grupais devem ser analisadas com relação à estrutura social mais ampla. O foco no cotidiano também é um guia importante para a presente pesquisa. Nesse sentido, ao longo do texto, dialogo com autores que são referência sobre essa temática, como, por exemplo, Agnes Heller, Michel de Certeau e Simone Weil, os quais, apesar de não serem psicólogos, apresentam interessantes contribuições para essa perspectiva e para este estudo.

Entretanto, tendo imigrantes como foco de pesquisa, é enriquecedor também o diálogo com alguns autores que se inserem na Psicologia Intercultural, os quais levam em consideração questões relacionadas ao contexto social, como Dantas (2015), Martes (2004) e Assis (2004).

Ainda em relação aos estudos sobre processos migratórios, um conceito importante, que não é exclusivo, mas perpassa essa temática, é o de enraizamento/desenraizamento, presente em trabalhos sobre o tema e muito relacionado ao cotidiano, por isso merecedor de um aprofundamento neste trabalho.

1.6 O enraizamento/desenraizamento nos imigrantes

Uma planta. E a planta já está em uma terra, loresce... e la planta já loresce... E, e... ica... este... ela... é... está raiz, inca raiz... está plantada já. Aí, ela ica linda, hermosa, nessa terra. Tem muito tempo de estar aí nessa terra. Porque sua terra, onde você semeou la semilla, é... onde você semeou... as semillas. Então ela... Nasceu, cresceu e reproduceu, reproduziu. Então, ela... é... tem muita lores... Então, um momento, icou um momento onde, que você... tem que deixar essa casa onde tem esse jardim. Então, você tem que ir pra outra ciudad. Então, você gosta muito dessa planta. ... Então você... é... ira ela... dessa terra, e você... Porque, é rapidinho... Então você ira, entonces, você, só com su raiz, leva ela pra outra terra. O que acontece? Lá você: “ai, chegou à outra ciudad!” Você buscou terra nova e sembró ela, quando sembra ela nessa nova terra, as lores caem. La formosura dela ... empieza a irar, a..., a... a mudar. Já, ica assim... Na mata. As folhas delam icam caídas. Por quê? Por que é uma terra nova, os alimentos, que têm essa terra, são diferentes... Mas você se esforça e empieza a dar alimento pra ela, água, e... adubo? Então, assim... Então, ela, pouco a pouco, ela... vai assim. Essa soy eu. Sou una planta arrancada de meu país. E pouco a pouco, estou... assim. Você... Eu sou essa planta! E ainda no, no..., no estou adaptada, então... algumas coisas sim, outras não. Então, tem que esperar um tempo. (Zozzoli, 2015, p. 42)

Como já foi dito, morar em outro país, ter que se comunicar em outra língua, compreender e lidar com costumes e com culturas diferentes, distanciar-se dos familiares e amigos e trabalhar em funções distintas do que se estava acostumado são situações vivenciadas cotidianamente por muitos imigrantes. Essas mudanças significativas e profundas não são fáceis de serem experienciadas, por isso muitos autores, como Maalouf (2005), Dantas (2015) e Pussetti (2009), destacam o sofrimento e as perdas que essas pessoas vivenciam no processo de imigração. Como analisa Dantas (2015), a maneira como o imigrante vai se relacionando cotidianamente nessa nova sociedade pode contribuir ou não para que ele tenha uma relação mais integrada a esse novo espaço. Ainda de acordo com a autora, a mudança de país traz impactos em diversas esferas da vida do sujeito. Em suas palavras:

Mudança para outra sociedade e cultura coloca em xeque o modo de ser, o modo de ver o mundo, o modo de se ver e o modo de se relacionar, trazendo à tona a questão de quem se é. Esse desconcerto está relacionado ao fato de que as pessoas são socializadas em uma determinada cultura e isso significa uma incorporação marcante de formas de sentir, de pensar e de agir que envolvem processos de identificação intensos. (p. 77)

Ainda de acordo com Dantas (2015) e Pussetti (2009), dependendo de como ocorre essa imigração, características da sociedade hospedeira e características dos sujeitos migrantes, estes podem ser afetados por uma sensação de não pertencimento, de não estarem conectados com as pessoas e com o lugar, ao mesmo tempo que podem achar que perderam os vínculos com o seu lugar de origem e assim sentirem-se desenraizados. Desse modo, um dos conceitos importantes na análise dos processos de imigração é o par dialético enraizamento/desenraizamento.

O conceito de enraizamento/desenraizamento não é exclusividade dos processos migratórios, pois ele já foi observado e estudado em outros contextos. Entre as pessoas que estudaram esse par dialético está Simone Weil²⁴, a qual observou e sentiu o processo de

²⁴ Para uma melhor compreensão da obra e vida da autora, ler o livro “Simone Weil, a condição operária e outros estudos sobre a opressão”, organizado por Ecléa Bosi.

desenraizamento em operários de uma fábrica francesa no começo do século XX. Weil era uma filósofa que lecionava em uma escola francesa. Muito envolvida em compreender a sociedade de sua época, acreditava que, para entender algumas questões, era necessário vivenciá-las e, assim, decide trabalhar como operária de uma fábrica francesa.

Durante esse período, Weil escreve um diário no qual registra seu cotidiano na fábrica, seus sentimentos e as situações sociais e políticas da França naquele momento. Nesses textos, ela debruçou-se sobre o processo de enraizamento/desenraizamento, afirmando o seguinte:

O enraizamento, é talvez, a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural da existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. (Weil, 1943, p. 411)

Ao mesmo tempo em que Weil descreve o enraizamento como a necessidade de pertencimento dos homens, ela mostra como o trabalho fabril de sua época contribuía para o desenraizamento dessas pessoas, o qual surgia como efeito do trabalho alienante, desgastante e sobre-humano. O homem perdia o direito de ditar o seu ritmo, pois era a máquina que o impunha e ao trabalhador só restava acompanhá-la até sucumbir. Depois de horas de trabalho desgastante, o trabalhador voltava para casa, comprava algo para comer com o pouco dinheiro que tinha e dormia poucas horas antes de retomar essa rotina desenraizante. De acordo com a autora, nessas circunstâncias, os vínculos sociais são quase suprimidos e, com eles, a sensação de pertencimento, coletividade e o enraizamento.

Os estudos de Simone Weil contribuíram muito com os trabalhos da Psicologia no Brasil. Ecléa Bosi, em 1996, organizou um livro, *Simone Weil: a condição operária e outros estudos sobre a opressão* e também utilizou os referenciais da autora nas suas pesquisas. Bosi (2003) estudou, da perspectiva da Psicologia Social, a vida de trabalhadores, principalmente na cidade de São Paulo, e a partir dos seus dados de pesquisa também percebeu o desenraizamento pelo qual eles passavam. A autora, além de relacionar o desenraizamento com a própria

estrutura do trabalho, também o relacionou com as migrações internas, pelas quais passam muitos desses trabalhadores. A distância da família, da comunidade e da paisagem de nascimento contribui para o desenraizamento desses trabalhadores. Em suas palavras:

O migrante vai mergulhar na situação nova da indústria onde o desenraizamento é agudo... a cultura que daí resulta é forçosamente confinada e repetitiva. Falta-lhe seiva e deve ser, por destino, tecnicista, fragmentada, voltada para o efeito imediato. Privada ao mesmo tempo, observa Simone Weil, de ligação com o concreto do mundo e com o transcendente.

O desenraizamento é a mais perigosa doença que atinge a cultura. Se a migração e o trabalho operário são desenraizantes, o desemprego é um desenraizamento de segundo grau... (p. 177-178)

A relação entre o enraizamento/desenraizamento na vida do imigrante é estudada de forma aprofundada por Maalouf (2005) em sua tese de doutorado. O autor, por meio de uma perspectiva da Psicologia Clínica, debate como a imigração pode ser um processo extremamente desenraizante para alguns indivíduos. Discute como ter raízes é importante para que o sujeito leve uma vida mais saudável e trata da difícil e angustiante experiência de ter as raízes “remexidas e suspensas”:

Entre emigrar e imigrar há um oceano de mar, de barreiras, de diferentes códigos, temperaturas, línguas, costumes, modos de ser. Atravessar este oceano não é fácil, não basta o navio chegar, nem o trem conduzir até a acomodação temporária. Enraizar-se novamente pode ou não ocorrer. (p. 3)

O desenraizamento é muitas vezes relacionado a um processo de exclusão, não pertencimento, no qual o sujeito não se sente pertencente nem à sociedade na qual nasceu, nem àquela na qual está vivendo. Já o enraizamento está ligado a uma inclusão, um pertencimento: o sujeito enraizado tem um passado ao qual se sente ligado, a um grupo com suas características e histórias próprias e, ao mesmo tempo, tem um presente no qual também se sente parte da comunidade onde vive.

Assim, o par dialético enraizamento/desenraizamento está relacionado a um sentimento de pertencimento/despertencimento na comunidade. Apesar de esse sentimento ser subjetivo e muito pessoal, ele está profundamente relacionado com a maneira que essa comunidade “olha”

e “acolhe” esse sujeito imigrante. Quanto menos alteridade existir na comunidade em relação ao imigrante, mais difícil é o processo de enraizamento.

Apesar de o enraizamento ter relação com o sentimento de pertencimento, para Weil (1943) ele é algo ainda mais profundo e, por isso, tão difícil de definir. Em suas palavras:

Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente. (p. 411)

O desenraizamento, para Todorov (1996, citado por Maalouf, 2005), está profundamente relacionado com a perda cultural, de memória coletiva. Maalouf (2005) afirma que,

Para este autor, todo ser humano nasce no interior de uma cultura particular, aprende a organização própria à sua cultura por meio da língua e das tradições de seu grupo. Sem domínio de uma parte da memória coletiva, seria condenado à incomunicabilidade, talvez até à loucura. A vida moderna, que destruiu muitos canais de transmissão da tradição, ameaça o indivíduo de uma enfermidade particular, a desculturação; é então desejável que ela compense os canais desaparecidos com novas possibilidades. É bom que no interior de uma cultura existam conhecimentos partilhados por todos: isto garante uma melhor participação na vida social. (p. 25)

Assim, o desenraizamento está profundamente relacionado com as questões culturais e, por isso, é tão marcante para o imigrante. Dependendo de como e onde ocorre o processo de imigração, ele pode vir a ter grandes dificuldades de restabelecer suas múltiplas raízes e enraizar-se no novo lugar.

A imigração é um processo e o par dialético enraizamento/desenraizamento também o é, pois não se constroem nem se perdem as raízes de um instante para outro. Como já foi dito, esse par dialético é subjetivo e habita, essencialmente, os sentimentos humanos, mas, apesar de difícil de descrever ou explicar, o enraizamento/desenraizamento é um processo que acontece no dia a dia, no nosso cotidiano, à medida que as relações sociais vão estabelecendo-se ou

deixando de estabelecer-se. Dessa forma, um estudo mais apurado sobre o cotidiano faz-se necessário para que possamos ter uma melhor compreensão sobre as vivências dos imigrantes.

O cotidiano, por vezes, parece um *lugar* comum, repetitivo, mas isso é porque estamos imersos nele e acostumados a ele. Porém, quando se consegue olhar para o cotidiano com estranhamento, é possível perceber como esse é um *lugar* plural, marcado por contradições, lutas e rupturas. Não há nada de natural no cotidiano: ele é histórico, social e culturalmente estabelecido.

O próximo tópico tem como objetivo aprofundar o estudo sobre o cotidiano e relacioná-lo às vivências dos imigrantes.

1.7 Cotidiano e imigração

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem que participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos paixões, ideias, ideologias. (Heller, 2004, p. 20)

O presente tópico pretende apresentar o conceito de *cotidiano*, o qual ajudará a compreender as vivências dos participantes desta pesquisa. De acordo com Heller (2004), a História e a Sociologia tradicional deram pouca importância às questões relacionadas ao cotidiano, que atualmente vêm ganhando importância cada vez maior.

Alguns autores, como Certeau (1998) e Heller (2004), debruçaram-se sobre o estudo do cotidiano. Mesmo partindo de distintas matrizes epistemológicas e com diferentes apontamentos e reflexões, os autores citados são unânimes em afirmar que o cotidiano é histórico, social e culturalmente estabelecido. Assim, eles rompem com qualquer possível ideia de que o cotidiano é algo *natural* e, talvez, *imutável*. De acordo com Heller (2004), o cotidiano é muitas vezes naturalizado devido à pouca reflexão a seu respeito.

Segundo Martins (1998), o estudo da vida cotidiana é importante para uma melhor compreensão da própria sociedade, pois é na vida cotidiana que as relações sociais são construídas e também transformadas. Heller (2004) também destaca que as grandes transformações históricas se dão no cotidiano. Portanto, para ela, “vida cotidiana não está *fora* da história, mas no *centro* do acontecer histórico: é a verdadeira *essência* da substância social” (p. 20). Partindo de uma fundamentação materialista histórica, Heller procurou mostrar a importância da vida cotidiana e, para o melhor entendimento sobre o tema, recorre a diversos conceitos, como *humano-genérico*, *indivíduo particular*, *unicidade*, *irrepetibilidade*, *hierarquia*, *heterogeneidade* e *preconceito*.

Com a ideia de heterogeneidade, Heller (2004) busca mostrar como o nosso cotidiano é repleto de distintas atividades, as quais têm relação com nosso gênero, classe social e nível de instrução. Por exemplo: realizar um trabalho remunerado, cuidar dos afazeres domésticos, criar filhos, estudar, ter lazer e participar em atividades desenvolvidas pela comunidade são todas atividades marcadamente cotidianas. De acordo com a autora, o fato de o cotidiano ser extremamente heterogêneo em relação às atividades desenvolvidas faz com que essas atividades se tornem *diluídas*, no sentido da pouca reflexão que se faz a respeito delas.

Junto com a heterogeneidade da vida cotidiana está sua hierarquização. Para Heller (2004), a hierarquia do cotidiano corresponde à prioridade que as pessoas dão à realização de cada atividade cotidiana. Por exemplo, pode ser que grande parte das pessoas priorizem o trabalho em relação ao lazer ou atividades sociais, pois dependem financeiramente do dinheiro para a sobrevivência.

Ainda de acordo com Heller (2004), a hierarquia não é imutável, mas sua modificação acontece em função da estrutura econômico-social. Para a autora, a hierarquia e a heterogeneidade são responsáveis pelo nosso sentimento de naturalização do cotidiano. Nas suas palavras:

A heterogeneidade e a ordem hierárquica (que é condição da organicidade) da vida cotidiana coincidem no sentido de possibilitar uma explicação ‘normal’ da produção e reprodução, não apenas no ‘campo da produção’ em sentido estrito, mas também no que se refere às formas de intercâmbio. (p. 18)

Em relação aos imigrantes, pode-se pensar que a heterogeneidade e a hierarquia em seu cotidiano assumam novas características em outro país. É possível que o trabalho continue sendo parte importante das ocupações da vida cotidiana dos adultos, mas pode ser que outras atividades, como aprender uma nova língua e tentar adaptar-se à cultura e aos costumes desse novo país, passem a fazer parte da sua vida.

Além dos aspectos apresentados, com relação à adaptação social e cultural ao novo país, na procura por um emprego (em muitos casos em uma ocupação diferente da do país de origem) pode ocorrer uma mudança acentuada nas relações familiares. É muito comum, por exemplo, que a família não imigre toda de uma única vez. Autores como Baeninger (2012), Costa (2015), Sayad (1998) e Souza (2015), analisando diferentes contextos, mostram que é prevalente o número de pessoas que imigram sem a família.

Outro conceito importante no trabalho de Heller (2004), para a temática que envolve a imigração, é o preconceito. De acordo com a autora, preconceito é uma forma de ultrageneralização, uma vez que, pelo fato de o cotidiano ser heterogêneo e hierárquico, os indivíduos necessitam ter ações rápidas para resolver suas questões individuais e, por isso, recorrem a algumas dessas formas. Assim, “impõe-se-nos a conclusão de que os preconceitos, pelo menos parcialmente, são produtos da vida e do pensamento cotidianos” (p. 47), e ainda:

O preconceito é uma categoria do pensamento e do comportamento cotidianos. Os preconceitos desempenham uma função importante também em esferas que, por sua universalidade, encontram-se acima da cotidianidade; mas não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculizam o aproveitamento das possibilidades que elas comportam. (Heller, 2004, p. 43)

Para Heller (2004), chegamos a uma ultrageneralização a partir de estereótipos e, como o preconceito é uma das formas de ultrageneralização, ele também é determinado pelos

estereótipos. O preconceito, para a autora, é um tipo de juízo provisório possível de ser mudado por meio da análise de uma experiência vivida. Entretanto, Heller afirma que, por ser baseado no afeto guiado pela fé – “*o afeto do preconceito é a fé*” (p. 47) –, o preconceito é difícil de ser eliminado. Para a autora, a fé “nasce” da particularidade individual, da singularidade do homem, mas visando cumprir as exigências éticas e valores da sociedade à qual ele pertence.

Em suas palavras:

Os objetivos e conteúdos de nossos preconceitos podem ser de natureza plenamente universal; podem referir-se à totalidade da nossa natureza ou nossa classe, a proposições morais ou religiosas, etc. Em troca as motivações e as necessidades que alimentam nossa fé e com ela nosso preconceito satisfazem sempre nossa própria particularidade individual. (p. 48)

Diferente de outros autores, Heller (2004) não acredita que o preconceito é uma característica universal dos grupos, pois, para ela, isso, por si só, já é uma generalização. De acordo com a autora, é importante compreender por que determinado grupo produz preconceitos e, para essa compreensão, é necessária uma análise histórica do grupo e de seu contexto.

A maioria dos preconceitos são produtos das classes dominantes, as quais, por desejarem manter a coesão da estrutura da classe social, produzem os preconceitos, a fim de manter o *status quo*. Os preconceitos, porém, não ficam restritos às classes dominantes e acabam sendo incorporados às classes dominadas também (Heller, 2004). Heller (2004) argumenta que, apesar de estar marcadamente presente na sociedade, o desaparecimento do preconceito não é de modo algum utópico, mas também não é algo fácil. Para isso, seria necessário que o indivíduo refletisse a respeito das suas ultrageneralizações e estereótipos.

Em relação aos imigrantes, o preconceito aparece marcado de diferentes maneiras. Pussetti (2009), Sayad (1998) e Villen (2015), entre outros, discorrem a respeito dessa questão. Para esses autores, a sociedade majoritária trata o imigrante com grandes ressalvas, e, conforme já dito, ele acaba muitas vezes ocupando um papel de bode expiatório e sendo responsabilizado

por diversos problemas sociais, como a falta de emprego e a violência. Nesse mesmo sentido, Castel (2008), ao analisar a sociedade francesa, deixa claro que, dependendo da origem do imigrante, seu tratamento pelas pessoas do país pode ser mais ou menos preconceituoso. Em relação à sociedade brasileira, Silva (2006) fala sobre a construção de uma imagem negativa ligada aos bolivianos na década de 1990. Em suas palavras:

Eles são associados com frequência ao trabalho escravo e ao tráfico de mão de obra para oficina de costuras. Além dessa identificação negativa, e que, às vezes, assume um caráter acusativo, eles têm que lidar com outros preconceitos decorrentes do desconhecimento de grande parte dos brasileiros de suas raízes étnicas e culturais. Para esses, eles são vistos como pessoas descendentes de “índios”, “pobres” e de “pouca cultura”. (p. 166)

Esses exemplos servem para reforçar que a questão do preconceito abordada por Heller (2004) é bastante presente no universo do imigrante. Entretanto, não é possível fazer uma generalização a respeito dos imigrantes e afirmar que todos sofrem preconceito, pois há vários fatores envolvidos, entre os quais a forma como eles estão inseridos nessa sociedade. Desse modo, o preconceito também revela muito sobre a sociedade na qual o imigrante está inserido.

Outro autor que estudou o cotidiano foi o historiador e filósofo Michel de Certeau, o qual, em seu trabalho *A invenção do cotidiano*, problematiza a questão do consumo na sociedade francesa e, para isso, discute questões relacionadas ao cotidiano francês da década de 1960 e 1970, mas que podem ser úteis para compreender nosso contexto atual. Na apresentação do livro, Luce Giard pontua como Certeau mostra a maneira com que os socialmente mais fracos, de certa forma, subvertem o sistema com as microrresistências cotidianas e como elas constituem-se como microliberdades.

Ao longo do seu livro, Certeau (1998) cita como exemplo os nativos latino-americanos, que foram obrigados a adotar a religião católica dos espanhóis, seus colonizadores, mas que encontraram pequenas brechas e conseguiram colocar características das suas religiões anteriores, as quais foram proibidas no sistema religioso vigente. Esse e outros exemplos do autor mostram como os oprimidos conseguem abrir pequenos caminhos e colocar seu modo de

vida e seus valores em atividades típicas do cotidiano, subvertendo assim a ordem vigente. Essa maneira como Certeau entende o mundo é analisada por Giard como uma visão otimista, pois ele não compreende as situações, *a priori*, de maneira fixa ou desesperadora.

No seu trabalho, Certeau analisa as maneiras de fazer dos sujeitos nas suas relações cotidianas. De acordo com o autor, as maneiras de fazer são reapropriações do espaço organizado pelas técnicas de produção socioculturais que originam uma multiplicidade de táticas no cotidiano. Em seu texto, cita, como exemplo, maneiras diferentes da “original” ou da “préestabelecida”, utilizadas pelos consumidores ao adquirirem um produto, as quais constituem uma reinvenção ou uma quebra da ordem. O objeto de consumo é o mesmo, mas a sua função torna-se outra.

Na busca por compreender o cotidiano, Certeau utiliza dois conceitos chaves: *tática* e *estratégia*. Segundo o autor, a tática aplica-se quando o indivíduo ou grupo de indivíduos não têm poder de fato para mudar determinada característica do sistema, mas conseguem pequenas transformações cotidianas que, geralmente, não se perpetuam. Nas suas palavras:

A tática só tem um lugar, o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde pode captar seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O próprio é uma vitória de lugar sobre o tempo, ao contrário pelo fato do seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha não guarda. Tem que constantemente jogar os acontecimentos para transformar ocasiões. (p. 100)

Para Certeau, as táticas estão multiplicando-se em nossa sociedade e, à medida que as relações ficam mais flexíveis, tornam-se ainda mais frequentes. De acordo com o autor, as táticas mostram a relação dos combates e dos prazeres cotidianos.

O conceito de *tática* pode ser facilmente identificado no cotidiano do imigrante, como no âmbito cultural, quando ele adapta algumas características de sua cultura de origem à cultura do país para o qual imigrou. Alguns exemplos de táticas são: adaptar alimentos do novo país aos pratos típicos da sua culinária natal e comemorar feriados e festas no novo país com

elementos típicos da sua cultura de origem. Entretanto, para além de questões mais relacionadas à cultura, a tática também pode ser notada quando o imigrante entra em um país com um visto de turista ou de estudante, mas o seu real intuito é trabalhar. Ele consegue encontrar uma maneira de entrar no país e de conseguir trabalho, ainda que não seja de acordo com a forma prevista em lei, sabendo que, caso o trabalho seja informal, não terá nenhuma garantia real de estabilidade, de direitos adquiridos.

Ao contrário da tática, que acontece no “improviso”, a estratégia prevê um enfrentamento mais organizado na busca de uma mudança mais durável na estrutura social. Para isso, os indivíduos precisam ter mais consciência da estrutura social e econômica na qual estão inseridos. A fim de que a mudança estratégica tenha chance de ser mais efetiva e bem-sucedida, é necessário que haja a organização de um grupo para a conquista das reivindicações.

Em relação aos imigrantes, podemos pensar em exemplos de estratégia quando ocorrem mudanças ou implementações de políticas públicas que visam melhorar a qualidade de vida dessa população. Alguns exemplos são: Centro de Atenção Psicossocial voltado para os imigrantes e cursos de Português para imigrantes, entre outros. Por mais que eles não tenham poder de voto, muitas das políticas públicas foram implementadas após a organização dos imigrantes com a ajuda de outros setores da sociedade.

2 Método: o Caminho Traçado

Observar, pensar e imaginar coincidem e constituem um só processo dialético. Quem não usa a fantasia poderá ser um bom verificador de dados, mas não um pesquisador. (Bleger, 1975, p. 22)

O contar das histórias primordiais de um grupo ou cultura, os nossos mitos fundantes, as histórias de nossos pais primevos, têm a função e o sentido de nos manterem vivos, de recuperar as nossas energias adormecidas, de nos revigorar. (Meneghel, 2007, p. 124)

O método escolhido para a pesquisa deve sempre levar em consideração os objetivos propostos. Sendo assim, o pesquisador deve utilizá-lo para conseguir orientar-se na busca do seu objetivo, servindo-se dele como uma espécie de bússola que o ajuda a encontrar seu caminho. Entretanto, como bem colocou Oliveira (2001), o método não pode fazer com que o pesquisador perca a segurança em relação a sua pesquisa. Além disso, é importante que abra brechas para sua criatividade durante todo o percurso da investigação.

Desse modo, para os objetivos anteriormente citados, que levam em consideração os aspectos subjetivos da vivência dos imigrantes, o método qualitativo é o mais adequado. Sobre ele Pedrosa e Carvalho (2005) trouxeram importantes contribuições. De acordo com as autoras, à primeira vista, uma pesquisa qualitativa pode parecer mais “fácil” do que a quantitativa, como se ela tivesse menor exigência em termos de rigor ou precisão. Entretanto, pede um esforço maior de explicitação de critérios para que o rigor científico seja preservado e para que os resultados da investigação possam ser compartilhados.

Na pesquisa qualitativa, a postura metodológica não acontece independente do observador/pesquisador: ele é peça fundamental do processo. É o observador/pesquisador que vai eleger, a partir da sua reflexão, os fatos a serem observados e os recortes a serem dados. Ainda, segundo Pedrosa e Carvalho (2005), para que esse conhecimento seja construído e compartilhado, a explicação dos critérios é fundamental. Isso leva à explicitação do referencial

que guia o olhar e a prática do pesquisador. A seguir, essa estratégia metodológica é apresentada com mais detalhes.

2.1 Estudo de caso a partir da abordagem da história de vida

Segundo Yin (2001), ao utilizarmos o estudo de caso como estratégia de pesquisa, podemos fazer relações de fenômenos individuais ou de pequenos grupos com questões sociais e políticas, encaixando-nos assim nos pressupostos da Psicologia Social adotada, a qual busca fazer uma ponte entre indivíduo e sociedade, estuda a dimensão subjetiva dos fenômenos sociais e visa compreender o homem como participante do processo social (Bock, Ferreira, Gonçalves et al., 2007).

Além da Psicologia, de acordo com André (2005), o estudo de caso é utilizado por diversas áreas dos saberes, como a Sociologia, Antropologia, Serviço Social e Educação. Para esse método, é possível utilizar diferentes abordagens e focalizar um caso único ou múltiplos casos.

Entre as diferentes abordagens nas quais é possível utilizar o enfoque proposto está a da “história de vida”. Segundo Silva et al. (2007), a abordagem da história de vida faz parte dos métodos biográficos (nos quais se incluem a história oral, a biografia e a autobiografia). Os métodos biográficos têm como uma das suas características fundamentais um compromisso com a história como um processo no qual o sujeito tem a oportunidade de recordar, revisando e, muitas vezes, ressignificando sua própria história.

Assim, Becker (1999) destaca que esse método busca conhecer e compreender os objetivos levantados pelo pesquisador por meio da compreensão das histórias de vida dos entrevistados. Com isso, o entrevistado conta sua história, sendo orientado pelo pesquisador sobre os temas nos quais este está mais interessado e/ou precisa de maiores detalhes.

Contar histórias sobre a vida sempre fez parte do cotidiano dos homens, mas fazer uso dessas histórias enquanto metodologia é algo muito mais recente. Para Silva, Barros, Nogueira

e Barros (2007), os pioneiros na sua utilização foram os pesquisadores da Escola de Chicago W. I. Thomas e F. Znanieck, os quais, em 1918, publicaram um trabalho intitulado *The Polish peasant in Europe and America*.

A história de vida, que teve seu início no começo do século XX, ganhou um novo fôlego, de acordo com Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007), a partir da década de 1970, com Ferraroti, na Itália, e Bertaux, na França. Segundo o autor, essa proposta metodológica continua sendo contemporânea, pois permite que o pesquisador tenha uma visão mais subjetiva dos processos estudados e, assim, tenha uma compreensão mais aprofundada, a partir das vivências do próprio entrevistado, sobre os motivos que o levam a determinados comportamentos e/ou ações, e sobre o que pensa e sente com relação a determinados temas.

Além disso, de acordo com Becker (1999), a história de vida estuda e explora a noção de processo. Ampliando um pouco mais essa concepção, Lechner (2009) aponta que, por meio da história do sujeito/narrador, tem-se acesso a uma história que perpassa a sua própria história de vida, levando o pesquisador a compreender um pouco mais do universo do qual o narrador faz parte. Assim, esse método assegura ao pesquisador uma noção tanto da história de vida do entrevistado como do contexto em que ele se insere.

Lechner (2009), discutindo essa abordagem em pesquisas com enfoque materialista dialético, afirma que o método biográfico é uma maneira de conhecer a realidade e a subjetividade humana, compreendendo o entrevistado como sendo um ator e autor da sua realidade vivida. A utilização desse modelo metodológico implica que o pesquisador compreenda a *praxis* humana como um processo sintético: “uma síntese ativa de um sistema social, [de modo a] interpretar a objectividade de um fragmento de história social a partir da subjectividade tomada em conta na história individual” (p. 8).

Entretanto, para que esse método consiga abarcar tudo aquilo a que se propõe, é necessário, de acordo com Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007), que o pesquisador tenha

uma escuta comprometida, engajada e participativa. Lechner (2009) afirma que o vínculo entre pesquisador e entrevistado é muito mais do que uma conversa de ocasião. É uma prova de confiança do entrevistado no pesquisador e uma porta aberta para a comunicação entre a academia e o mundo de fora dela, gerando uma aproximação entre esses grupos sociais, muitas vezes, assimétricos. A autora afirma que essa metodologia tem um peso político forte, que não deve passar despercebido pelos pesquisadores.

Em relação aos procedimentos a serem estabelecidos, segundo Silva et al. (2007) esse método não começa com a entrevista propriamente dita, mas com o desejo do entrevistado de contar sua própria história. Para isso, é necessário acontecer a aproximação entre entrevistado e entrevistador. Ainda sobre a entrevista, Meneghel (2007) pontua algumas qualidades essenciais ao pesquisador/entrevistador: “interesse e respeito pelos outros, flexibilidade em relação a eles, capacidade em demonstrar compreensão e simpatia e acima de tudo disposição para ficar calado e escutar” (p. 122). À primeira vista, pode parecer um conselho um tanto banal, mas a pesquisadora afirma que muitos entrevistadores perguntam demais, ou ficam discordando do entrevistado enquanto esse conta a sua história, o que pode atrapalhar no processo da entrevista.

No caso da presente pesquisa, as narrativas dos entrevistados sobre sua história contribuíram para identificar e compreender processos subjetivos de cada sujeito, como, por exemplo, o sentido por ele atribuído para sua imigração, ajudando, assim, a pesquisadora a compreender questões sociais e culturais que fazem parte do universo dos entrevistados.

Para a realização desta pesquisa, as entrevistas foram iniciadas pela pergunta disparadora, na qual era solicitado ao entrevistado que contasse sua vida desde quando estava em seu país de origem até o seu momento atual no Brasil. Outras perguntas foram acrescentadas ao longo da entrevista, sempre buscando melhor compreensão dos objetivos. É importante

ressaltar que, levando em consideração características do próprio método, as entrevistas tiveram um tom de informalidade, como uma conversa (Silva et al., 2007).

Após essa apresentação sobre a história de vida enquanto método, é importante refletir sobre as maneiras pelas quais me inseri como psicóloga social no campo específico desta pesquisa e mostrar como conheci e me aproximei dos entrevistados. Assim, o capítulo a seguir se propõe a apresentar minhas experiências de campo e os entrevistados.

2.2 Aproximação com o campo-tema da pesquisa

Após o delineamento dos objetivos, foi estabelecido o perfil dos participantes: latino-americanos que imigraram já adultos para o Brasil. A escolha desse perfil não se deu ao acaso: escolhi entrevistar adultos pela maior possibilidade de diálogo e imigrantes que migraram quando adultos por representar maior autonomia em relação ao processo de imigração.

Desde a elaboração do projeto para o comitê de ética, foi pensado e repensado um tempo de chegada limite ao Brasil: cinco anos, dez anos, qual seria o tempo máximo desde a imigração?

Entretanto, ao longo da pesquisa, percebi que esse tempo limite de permanência era um critério totalmente artificial. Não existe um “tempo limite” para deixar de ser imigrante.

Com objetivos e perfil delineados, surgiu a indagação de como seriam estabelecidos esses contatos e onde ocorreriam os encontros para as entrevistas. Com isso, houve uma busca por lugares em que se poderia ter maior contato com imigrantes latino-americanos para realizar a “pesquisa de campo”.

Até esse momento, a compreensão de “campo” era de um espaço físico, no qual se daria o contato com os imigrantes latino-americanos. Porém, ao pesquisar sobre isso, o conceito de *campo-tema*, no qual o campo deixa de ser um lugar específico e passa a ser uma processualidade de temas situados (Spink, 2003), mostrou-se bastante adequado.

Spink (2003), em um de seus artigos, trabalha de forma clara e reflexiva sobre *o que é* pesquisa de campo e *como é* ir a campo. Ao longo do texto, o autor discorre sobre as mudanças históricas em relação ao “ir a campo” – desde as ideias tradicionais, muito usadas e difundidas por pesquisadores sociais da Escola de Chicago, durante a década de 1930, até o conceito de campo baseado nas ideias de Kurt Lewin, para quem o campo não depende somente do lugar físico, pois os meios de comunicação, documentos e objetos podem também ser considerados como tal.

Essa é uma importante mudança de paradigma, pois os limites do campo estenderam-se, tornaram-se mais flexíveis, sem fronteiras estabelecidas, já que sua delimitação não é demarcada de forma contundente. Mas é nesse momento que o posicionamento do pesquisador se torna novamente relevante. Ainda de acordo com Spink (2003), quando os psicólogos sociais fazem pesquisa, estão argumentando que determinado campo-tema é importante socialmente e merece, assim, ser estudado, pesquisado e questionado; é aí que o pesquisador psicólogo social se coloca de maneira ativa e claramente posicionada, inserindo-se dentro do próprio campo-tema.

Dessa forma, eu, como pesquisadora, já estava no campo muito antes de ir ao campo enquanto lugar ou ter contato com os entrevistados. A ida ao campo inicia-se com o desejo e a curiosidade de estudar determinado assunto, quando o tema captura.

Baseando-me no conceito de Spink, durante a pesquisa procurei diversas inserções no campo-tema, como visitas em páginas nas redes sociais, contato com movimentos culturais, participação em grupos de discussão e, ao longo da minha inserção no campo, realizei diversas anotações sobre as minhas vivências, produzindo assim um diário de campo. Ao revê-lo, foi possível analisar o percurso, as direções tomadas, o mapa trilhado em relação ao campo e como a forma de me inserir nele modificava-se à medida que eu ficava mais enraizada no assunto.

Durante o primeiro ano de mestrado, a inserção no campo-tema deu-se através da literatura sobre a área e da participação em fóruns e páginas na internet. A temática parecia importante e cada vez mais atual, mas ainda muito longe do meu cotidiano. Até aquele momento não percebia que esses imigrantes estavam presentes no meu dia a dia.

A primeira inserção não virtual com o campo-tema aconteceu na festa boliviana em louvor a Ekeko²⁵, a qual ocorreu no dia 24 de janeiro de 2016 na área externa do Memorial da América Latina, em São Paulo. Soube da festa através de um fórum na internet.

Analisando hoje os diários de campo, percebo que tive, nesse momento, um primeiro movimento de sair de Campinas para encontrar e conhecer imigrantes latino-americanos. Achava que seria muito difícil fazer a minha pesquisa de campo nessa cidade, pois não “via” os imigrantes. Pensava que a minha pesquisa teria que ser realizada em São Paulo, visto que os “imigrantes estavam por lá”.

À medida que o tema foi tornando-se mais familiar, fui percebendo que os imigrantes também faziam parte do cotidiano de Campinas e região. No início, comecei a notar a presença dos imigrantes estudantes, andando pelas universidades, frequentando os bares e festas locais e, com o tempo, passei a observar cada vez mais imigrantes trabalhadores, os quais estavam trabalhando em lojas de conveniência, bares, restaurantes, ou construindo casas e prédios.

Durante esse meu percurso, fui conhecendo pessoas que, por algum motivo, também estavam “imersas” nesse campo-tema. Algumas dessas pessoas estudavam a temática através de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo: a Demografia, Sociologia ou a História.

²⁵ Ekeko é considerado o deus da fartura e abundância na cultura andina. Ele é cultuado, sobretudo, durante o solstício de verão, quando são oferecidas a ele diversas formas de oferendas: comida, cigarros, bebidas e dinheiro. Ekeko é uma divindade venerada na região do altiplano andino desde muito antes da chegada dos espanhóis. Sua origem, porém, é incerta. Uma das hipóteses é que tenha sido um deus da cultura Tiwanaku, passando depois a ser adorado pelos Aymaras e pelos Incas. Mais tarde, com a dominação espanhola, Ekeko sofre um sincretismo religioso e ganha características católica. Hoje é mais relacionado com a abundância material do que com a fertilidade (fonte: boliviacultural, 2016).

Outras trabalhavam diretamente com os imigrantes, dando aulas de Português ou realizando algum trabalho voluntário.

Também fui conhecendo pessoas que eram amigas ou colegas de imigrantes e contavam-me espontaneamente suas impressões sobre os processos migratórios ou, ainda, apresentavam-me seus amigos; assim, por fim, fui tendo contato e conhecendo os próprios imigrantes.

Dessa maneira fui formando a minha rede de relações, conceito explicado por Hammersley e Atkinson, em 2001, e através dela conheci os imigrantes entrevistados nesta pesquisa.

Nos tópicos a seguir, apresento os entrevistados e descrevo como as entrevistas foram conduzidas e analisadas. Além disso, trago informações do meu diário de campo, que considero mais relevantes e exemplificam bem o meu percurso, os diferentes caminhos que foram traçados e a dificuldade inicial de perceber a existência dos imigrantes no meu cotidiano – o que fez com que primeiro fosse para São Paulo (cidade conhecida por ter muitos imigrantes) para depois perceber que eles, de fato, também estão presentes na cidade onde vivo.

3 Descobertas do Percurso

3.1 Dados relevantes do diário de campo

Como foi exposto no tópico acima, a minha primeira inserção não virtual no campo-tema aconteceu em São Paulo, na festa em louvor a Ekeko. Cheguei ao Memorial da América Latina por volta das 13h00 e o local estava bem cheio (apesar de uma chuvinha constante). Na festa havia um palco principal, onde ocorriam apresentações relacionadas à cultura boliviana, várias barracas de comidas típicas, uma barraca da Pastoral dos Imigrantes e duas barracas de empresas especializadas em mandar remessas de dinheiro do Brasil para a Bolívia, as quais estavam com grandes filas, o que chamou bastante atenção. Havia também propagandas dessas empresas em um jornal distribuído na festa.

Além do palco principal e das barracas acima citadas, era possível notar que muitas famílias levavam comida e estendiam panos pelo chão, onde sentavam e ficavam comendo, bebendo e conversando. Nesses grupos familiares, além das comidas e bebidas, ficavam espalhadas notas falsas de reais, dólares e pesos bolivianos. A presença de sapos de cerâmica ou de plástico com dinheiro na boca também era muito comum.

As cédulas falsas de dinheiro estavam presentes em toda a festa: na decoração das barracas, presas nos panos, na boca dos sapos; a certa altura, o apresentador jogou muitas dessas cédulas para as pessoas que estavam perto do palco, gerando um grande “corre-corre”, o que, por um momento, me fez pensar que eram notas verdadeiras.

A visita à festa de Ekeko fez com que eu tivesse um pouco mais de contato com algumas características da cultura boliviana, além de me fazer refletir sobre como a questão da abundância e fartura relacionadas a esse deus hoje estão intimamente ligadas ao enriquecimento e ao símbolo do dinheiro. Também pude perceber como a questão da remessa de dinheiro dos imigrantes (bolivianos em sua maioria, mas também havia peruanos na festa) para o seu país de origem é muito presente.

Durante a estada na festa, relacionava muito do que via com dados que havia lido e pesquisado sobre o assunto. Não era apenas confirmação de informação: era impactante ver todas aquelas pessoas reunidas ali. Foi também o primeiro momento em que me senti um pouco estrangeira em meu país, pois olhava para os lados e era uma das poucas pessoas com fisionomia brasileira na festa. As músicas, a dança e a comida também eram muito diferentes daquelas a que estava acostumada. Ao andar, percebia que a maior parte das pessoas falava espanhol e as barracas de comida estavam, em sua maioria, com o cardápio escrito em espanhol, algumas em português e espanhol.

À medida que ia me inserindo no campo-tema, fui tendo contato com pessoas em Campinas que estudavam a temática da imigração. Sempre que possível, encontrava-as nessas situações bem informais, quase sempre regadas a café. Ouvi falar de Dona Luísa²⁶, e passaram-me seu telefone. Eu então decidi ligar para ela e combinei uma visita a sua casa.

Dona Luísa realiza trabalho voluntário com imigrantes haitianos há três anos. Ela começou a notar a presença deles em seu bairro e decidiu começar a ajudá-los, arrecadando comidas, vestimentas e móveis com pessoas que participam da mesma igreja que ela.

Em seguida, pessoas da região, à medida que, começaram a doar mantimentos se inteiravam do seu trabalho. Ela acabou tornando-se conhecida pelos próprios haitianos e conta que, muitas vezes, eles aparecem em sua casa para conversar e não para pegar mantimentos. Ela sabe onde eles moram e com quem eles moram. Disse que eles vão formando uma rede de contatos e trazendo familiares e amigos do Haiti para Campinas, fato que coincide com dados encontrados na literatura (Sayad, 1998, Silva, 2016, Dantas, 2015).

Em nosso encontro, Dona Luísa contou a respeito do preconceito que os imigrantes relatam sofrer (algumas dessas situações ela própria presenciou), das dificuldades de adaptação, de conseguir emprego e moradia. Falou-me, ainda, da escola onde eles vão para aprender

²⁶ Todos os nomes (com exceção de um, que aparece nos Comentários Finais) são fictícios. Os nomes fictícios dos entrevistados foram escolhidos por eles mesmos, e o das outras pessoas citadas foram escolhidos por mim.

Português e sobre algumas reuniões de que ela participou junto com os haitianos, organizadas pela Prefeitura. Disse que, nessas reuniões, consegue perceber uma diferença entre os haitianos da região do Campo Grande e Ouro Verde, onde ela mora, e os haitianos que residem em Barão Geraldo, destacando que aqueles que estão nesse distrito *“são mais cultos, sabem falar um português melhor e a maioria estuda na universidade”*.

Andando pela região de Barão Geraldo, descobri um espaço pertencente à Unicamp que é cedido para aulas de Português, no período da noite, para imigrantes haitianos. Em uma rápida conversa com uma das professoras, ela contou-me que é professora da rede municipal, que existem duas turmas abertas naquele local e todos os imigrantes são haitianos. Relatou que eles são muito fechados, não falam sobre sua vida no Haiti ou no Brasil. As aulas fazem parte de um programa da Prefeitura e eles ganham uma passagem de ônibus para ir até o local (atualmente as passagens foram cortadas para quem reside a até dois quilômetros de distância).

Além das aulas de Português, segundo Dona Luísa, nos encontros realizados na Prefeitura, discutiu-se a possibilidade da criação de um Centro de Referência e Atendimento de Imigrantes e a criação de uma “barraquinha” de comida típica em um local com grande circulação de pessoas.

No ano de 2016, o Departamento Municipal de Cidadania realizou a ação “Campinas de todos os povos”, voltada para a comunidade haitiana, na Estação Cultural²⁷. Participei desse evento, que aconteceu durante um sábado à tarde e imaginei que, lá, encontraria muitos haitianos e outros imigrantes latino-americanos, mas o evento estava bem esvaziado. Durante o tempo que lá permaneci, havia por volta de 30 pessoas. Esperava encontrar barraquinhas de comidas típicas, música e artesanato, o que também não aconteceu. As barraquinhas de comida que estavam ali eram de comidas brasileiras, como uma que vendia pastel.

²⁷ Um dos pontos turísticos da cidade, uma antiga estação ferroviária de Campinas, onde hoje existe um centro cultural.

Nesse momento da pesquisa, já estava claro que os imigrantes faziam parte do meu cotidiano. Em diferentes situações encontrava, cruzava ou conhecia algum deles. Eles estavam lá, trabalhando, estudando, comprando, comendo, dançando, caminhando e existindo pela cidade.

Durante todas as manhãs, acordava com o barulho da construção de uma casa na quadra onde moro e na qual pelo menos quatro trabalhadores são haitianos. Em um desses dias, ao sair de casa, um desses trabalhadores estava deitado na calçada debaixo de uma árvore, ouvindo música e, provavelmente, descansando um pouco depois do almoço; a vontade que eu tinha era conversar, “entrevistá-lo”, mas também não queria atrapalhar o seu descanso.

Falei-lhe alguma coisa sobre o calor do dia e, quando percebi que tinha alguma abertura, conversamos alguns minutos; ele contou que estava no Brasil havia dois anos e era haitiano. Disse também que gostava daqui e fiquei pensando naquela situação: deitado na calçada, eu fazendo perguntas, quanto se sentiria à vontade para falar que não gostava do Brasil.

Além de contatos mais corriqueiros e não programados, participei do primeiro encontro da Rede de Apoio aos Imigrantes e Refugiados em Campinas, a qual está sendo construída em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento e a sociedade civil. O primeiro encontro ocorreu no dia 14 de setembro de 2016 na Estação Cultura. Durante o período da manhã ocorreram palestras com pesquisadores da área, com apoio da Missão Paz de São Paulo. No período da tarde ocorreram outras palestras e grupos de trabalho. Entre esses grupos de trabalho, havia um com a intenção de iniciar um debate para a formação de uma Rede de Apoio aos Imigrantes e Refugiados em Campinas. Até o momento ocorreram mais duas reuniões sobre a formação da rede de apoio no município, mas ainda não se iniciaram atividades com os imigrantes e refugiados.

Ademais, em setembro de 2016, conheci e comecei a participar de um grupo chamado “Haiti em conversa”, um grupo interdisciplinar, formado por haitianos e pessoas que estudam

o Haiti. A proposta é estabelecerem-se com um grupo de pesquisa e, em cada encontro, é abordado um assunto relacionado à temática. No encontro no qual participei foi apresentada uma dissertação de mestrado de uma haitiana que estudou os jovens haitianos que imigraram para o Brasil após o terremoto. Sua pesquisa foi realizada em São Paulo, com haitianos que haviam chegado havia pouco tempo no Brasil e ainda estavam procurando emprego e moradia.

Na sua pesquisa foram realizadas mais de 20 entrevistas semiestruturadas e chamou-me atenção que apenas uma das entrevistadas era mulher. Conversando sobre esses dados, outros pesquisadores e pesquisadoras apontaram também uma dificuldade de entrevistar haitianas. Foram levantadas questões culturais que explicassem essa dificuldade e algumas haitianas comentaram que as mulheres em seu país são mais “reservadas”, tímidas, e que as que são casadas esperam que o marido autorize a entrevista, o que dificulta a sua realização. Além disso, foi citado ainda que o número de mulheres haitianas – imigrantes – no Brasil é bem menor do que o de homens. Independentemente dos motivos, percebe-se uma “invisibilidade” desse grupo.

Além da questão das mulheres imigrantes, conversamos a respeito de como muitos haitianos consideram a imigração a melhor alternativa para conseguir um emprego. O Brasil não é o destino mais requisitado: a maioria deles prefere imigrar para os Estados Unidos e Canadá, mas, nesses países, as regras de imigração são mais rígidas, o que faz com que eles imigrem para outros destinos, entre eles o Brasil.

Todas essas vivências e informações obtidas no campo-tema contribuíram para o processo de realização e análise das entrevistas. Assim, antes dessa análise, segue uma breve descrição dos entrevistados.

3.2 Apresentação dos entrevistados

Tendo em vista que a proposta da pesquisa era uma compreensão da vivência dos imigrantes por meio da história de vida, foram entrevistadas três pessoas. Duas delas foram

apresentadas por pessoas da minha rede de relações e o outro entrevistado eu já conhecia desde 2013. Segue tabela com uma breve descrição dos entrevistados²⁸:

Tabela 6

Perfil dos entrevistados

Perfil	Carlos	Gabriela	João
Nacionalidade	Peru	Bolívia	Haiti
Idade	38 anos	45 anos	29 anos
Gênero	Masculino	Feminino	Masculino
Número de filhos	0	6	0
Escolaridade	Superior completo	Ensino médio completo	Ensino superior incompleto
Ano de chegada ao Brasil	2007	2009	2010
Trabalho atual	Professor universitário	Desempregada	Estudante universitário
Profissão	Estatístico	Faxineira	Estudante de Engenharia
Estado civil não oficial	Solteiro	Casada	Solteiro

O primeiro entrevistado foi Carlos. Eu o conheci por meio de um grupo de caronas para São Paulo, e viajamos durante alguns meses com a mesma caronista. Carlos sempre foi muito comunicativo e, talvez por perceber que me interessava a temática da imigração, sempre me contou muitas histórias da sua vida no Peru e da sua imigração ao Brasil. Quando comecei o mestrado, ele já sabia que estudaria imigrantes e, quando o chamei para participar, aceitou prontamente. A entrevista foi realizada em um café de sua escolha e teve um tom bastante informal, com aproximadamente uma hora de duração. Cerca de dois meses depois da entrevista, Carlos mudou-se de cidade e, desde então, temos trocado alguns e-mails e conversado sobre seu novo trabalho e adaptação na nova cidade.

²⁸ Os nomes são fictícios e escolhidos pelos próprios entrevistados.

A segunda entrevistada foi Gabriela, a qual conheci por intermédio de uma amiga, Ana, que trabalhava em uma ONG em Campinas com adolescentes em situação de rua²⁹. A família de Gabriela era uma das famílias atendidas por essa colega. Em uma conversa com Ana sobre a pesquisa, ela lembrou-se de Gabriela e achou que eu iria gostar de contar sua história.

Foi sugerido por Ana que a entrevista fosse realizada em seu consultório, pelo fato de Gabriela morar em um assentamento urbano de difícil acesso na RMC. Além disso, o abrigo no qual ela visita o filho não era uma opção, pois, lá, circulam muitas pessoas e não há disponibilidade de um espaço mais reservado para entrevista. Gostaria de ter feito a entrevista na casa de Gabriela, mas considerei que o fato de ser apresentada a Gabriela por Ana seria mais importante para a nossa vinculação do que conhecer o local onde mora.

Encontramos com Gabriela logo após ela fazer uma visita ao abrigo onde um dos seus filhos mora. Fomos até o consultório e lhe contei sobre o meu trabalho e o meu interesse pelos imigrantes, dizendo que gostaria de ouvir a sua história. Ela estava calma e pareceu gostar de contar sua vida. Realizamos uma entrevista de uma hora e 16 minutos de duração.

Ao fazer a transcrição da entrevista, senti necessidade realizar uma nova entrevista com Gabriela, para esclarecer algumas questões. Entretanto não consegui mais entrar em contato com ela. Ligava para seu celular e sempre caía na caixa postal. Ana também não tinha outro contato de Gabriela, e assim alguns assuntos não ficaram muito claros.

O último entrevistado foi João, que me foi apresentado por uma amiga (Lígia), que trabalha em uma feira que acontece semanalmente em uma universidade em Campinas. Conversando sobre a pesquisa, Lígia falou de João, que conheceu na feira e de quem ficou amiga. João já tinha lhe contado várias vivências dele no Brasil e, por isso, Lígia avaliava que ele gostaria de participar da pesquisa, falando a respeito de sua vida no país.

²⁹ O trabalho realizado pela ONG não é só direcionado para os adolescentes em situação de rua, mas também se estende por toda a família desse adolescente, buscando restabelecer ou aprofundar os vínculos familiares existentes de forma a estruturar (sempre que possível) um retorno do adolescente à família, como é proposto nas diretrizes do ECA.

O primeiro contato com João foi realizado por e-mail. Apresentei-me, falei um pouco da minha pesquisa e propus um encontro. Após trocarmos algumas mensagens, acertamos uma conversa em um café na universidade. No dia marcado, João atrasou mais de meia hora, o que me deixou apreensiva, por temer que ele não aparecesse, mas, ao chegar, desculpou-se pela demora e disse que a forte chuva o atrapalhou. Começamos a conversar e ele mostrou-se muito interessado em falar da história do Haiti, sobre o processo de independência e sobre as línguas nacionais, o crioulo³⁰ e o francês.

Durante toda a conversa, João estava muito sério. Relatou que se incomoda com a forma como a mídia brasileira retrata o Haiti, que, segundo ele, é muito pejorativa e caricata. Revelou-me um episódio quando deu uma entrevista via e-mail, para uma jornalista da universidade onde estuda, sobre estudantes estrangeiros na universidade. Disse que aceitou fazer a entrevista, desde que pudesse ver o texto antes que fosse publicado, para dizer se concordava ou não com a publicação. Tal fato não ocorreu, o que deixou João muito bravo, sentindo-se extremamente desrespeitado. Além disso, segundo ele, a entrevista foi alterada pela jornalista, que tirou/cortou as partes em que fazia críticas à universidade.

Depois desse relato, achei que as chances de ele querer participar da pesquisa seriam mínimas, mas, ainda assim, apresentei a proposta e o termo de consentimento livre e esclarecido. Quando viu o documento, João disse que participaria, mas não naquele momento, pois estava atrasado. Assim, despediu-se sem assinar o termo de consentimento, mas prometendo entrar em contato em breve. Achei que isso não iria acontecer, tendo em vista sua experiência ruim com a jornalista. Entretanto, após alguns dias, ele entrou em contato e combinamos uma entrevista.

³⁰ O crioulo é reconhecido como língua oficial do Haiti, junto com o francês, desde 1961. Desde a década de 1980 muitos ativistas vêm enfatizando o orgulho e a importância da língua crioula, assim ela tem ganhado cada vez mais destaque, havendo hoje no Haiti: jornais, livros, programas de rádio e TV falados nessa língua. O crioulo é falado por quase toda a população haitiana. De acordo com João, nas famílias mais humildes as pessoas só falam em crioulo, e as crianças vão aprender o francês somente quando ingressam na escola.

A entrevista foi realizada no mesmo café em que havíamos nos encontrado na primeira vez e teve quase duas horas de gravação (1 hora e 50 minutos). Três meses depois da primeira entrevista, realizei outra para tirar algumas dúvidas e abarcar aspectos que não haviam sido possíveis na primeira. Essa última entrevista teve uma hora e meia de duração.

Após, as entrevistas foram transcritas literalmente, lidas e relidas exaustivamente para a realização da análise. Antes da qualificação, havia sido escrita uma pequena análise das entrevistas, divididas em categorias, algumas dessas previamente estabelecidas, pois dizem respeito a temas amplamente discutidos na temática da imigração (como preconceito e adaptação, por exemplo), e outras categorias que se mostrassem relevantes a partir da leitura das entrevistas, entretanto, a banca avaliou que essa não seria a melhor maneira de analisá-las. Pois o uso de categorias, principalmente as preestabelecidas, poderia enrijecer a análise, tornando-a um comparativo simplista entre as histórias de vida.

Assim, para analisar em profundidade e capturar as riquezas e sutilezas presentes em cada história de vida, optou-se por fazer uma análise de cada entrevistado. Com isso, foi realizada uma análise hermenêutico-dialética (Minayo, 2014) de cada história de vida.

Minayo (2014) discute a combinação e relação entre a hermenêutica e a dialética proposta por Habermas (1987). De acordo com ela, o autor defende que, do ponto de vista do pensamento, a combinação entre a hermenêutica e a dialética acontece graças à síntese dos processos compreensivos e críticos. De acordo com Minayo (2014), a hermenêutica tem como ponto central a busca pela compreensão através da comunicação:

A hermenêutica trabalha com a comunicação da vida cotidiana e do senso comum, dentro dos seguintes pressupostos: o ser humano como ser histórico e finito, complementa-se por meio da comunicação, sua linguagem também é limitada, ocupando um ponto no tempo e no espaço; por isso é preciso compreender também o seu contexto e cultura. (p. 166)

É no cotidiano que diferentes tipos de relações acontecem. Assim, o pesquisador deve estar atento para as nuances e sutilezas dessas relações e, para isso, ele deve olhar o cotidiano

com certo estranhamento, de forma não naturalizada, para conseguir desvendar os diferentes atores envolvidos, as distintas linguagens usadas por eles para se comunicarem e as subjetividades envolvidas nesse processo.

Desse modo, a análise hermenêutica proporciona outra “leitura” sobre fatos muitas vezes naturalizados do cotidiano, mas, para isso, o pesquisador precisa ter clareza que ele, assim como as pessoas pesquisadas, também está inserido em um contexto histórico, com uma cultura própria. Com isso, é necessário colocar-se como um sujeito histórico, não imparcial, para compreender suas próprias limitações no momento de fazer essas “leituras”.

Segundo Minayo (2014), a dialética é diferente da hermenêutica, pois procura a compreensão “nos fatos, na linguagem, nos símbolos e na cultura os núcleos obscuros e contraditórios para realizar uma crítica informada sobre eles” (p. 168). Portanto, no método dialético, o pesquisador busca, além da compreensão mais aprofundada das situações do cotidiano, entender as contradições que existem dentro desse contexto, para explicar o fenômeno dentro da sua própria lógica.

Ainda de acordo com Minayo (2014), os dois métodos têm a pretensão de serem universais, o que, em um primeiro momento, poderia nos levar ao questionamento se essa pretensão por si só já não seria um impeditivo para que os dois métodos trabalhem em conjunto. A autora, baseando-se nas ideias de Habermas (1987), é categórica ao afirmar que o movimento interativo entre as duas abordagens é possível, por valorizar as complementaridades e oposições entre ambas.

No presente trabalho a análise hermenêutica ganha maior destaque devido ao objetivo (compreender as vivências), que é a busca de perceber os sentidos, através do método (história de vida), que permite ao entrevistado narrar a sua própria história. Porém, a dialética também se faz presente na medida em que é possível perceber e analisar algumas das contradições presentes nas histórias.

Sendo assim, a hermenêutica dialética apresenta-se adequada à análise das escolhas de vida, pois através dela é possível não só compreender as vivências do cotidiano dos imigrantes como também fazer uma análise mais crítica – tanto dessas vivências quanto das relações estruturais da ordem econômica e social que as afetam –, além de não negar os processos subjetivos presentes na história de vida dos entrevistados. Concluindo: é uma maneira de análise condizente com os objetivos propostos.

3.2.1 *Conhecendo a trajetória de Carlos*

Carlos nasceu em Lima³¹ e é caçula de quatro filhos (duas mulheres e dois homens). Sua mãe era costureira, trabalhava em casa, mas hoje não costura mais, pois, segundo ele, ela já está “*velhinha*”³² (tem mais de 70 anos). O pai de Carlos era alfaiate e morreu quando ele tinha apenas três anos de idade. Suas duas irmãs moram no Peru, têm filhos e são casadas, enquanto seu irmão vive na Rússia, onde, inicialmente, foi para fazer graduação em Engenharia. É casado com uma russa e acabou de ter uma filha, uma “*russinha*”.

Carlos fez graduação em Estatística no Peru. Depois de formado, trabalhava como professor universitário, mas, segundo ele, a pesquisa nessa área é muito restrita em seu país. Tinha vontade de continuar estudando, mas as pós-graduações são pagas e, por falta de tempo e de dinheiro, não conseguia continuar seus estudos: “*lá é pago, não existe pós-graduação integral. É muito caro, é de noite e, para quem ministra 26 horas de aula por semana, não dava tempo de ter vida social, quanto mais fazer o mestrado.*”

³¹ Lima é a capital e a cidade mais populosa do Peru, com mais de 8 milhões de habitantes (Censo de 2007), o que representa aproximadamente 30% da população do país. É uma cidade portuária, banhada pelo oceano Pacífico, fundada em 1535 pelo governo espanhol. Nomeada Cidade dos Reis, foi rebatizada de Lima com a independência do Peru. Lima é o centro econômico do país, abrigando 70% da indústria nacional.

³² As frases e palavras entre aspas e em itálico foram retiradas da entrevista de Carlos. Essas escolhas são intencionais e têm como objetivo tentar trazer ao leitor as sutilezas da fala do entrevistado em momentos sentidos como significativos e de grande afeto.

Essa é maneira encontrada pela pesquisadora para tentar recuperar parte dos afetos apresentados em gestos, olhares, gaguejos, palavras, e que são perdidos na transcrição.

Assim, as palavras transcritas de forma literal buscam atenuar um pouco essa perda, para o leitor saber que esses momentos foram sentidos como de forte intensidade emocional pela pesquisadora.

Assim, por meio de contatos com colegas que já haviam vindo estudar no Brasil, decidiu tentar uma pós-graduação em Estatística aqui, em 2007. No Brasil, fez mestrado, doutorado e pós-doutorado e, hoje, é professor em uma universidade federal brasileira.

Carlos relatou que os seus primeiros meses no Brasil não foram fáceis. Ele desembarcou no aeroporto de Guarulhos e não conhecia ninguém no país, não falava português e não sabia como chegaria a Campinas. Ainda no aeroporto, encontrou uma moça peruana que também estava indo se inscrever no programa de pós-graduação na mesma universidade. Assim, juntos, chegaram à cidade e fizeram os primeiros contatos na universidade.

Resolvida a questão da matrícula, Carlos teve de encontrar um lugar para passar alguns dias e ficou em uma pousada com a colega peruana que tinha acabado de conhecer. *“Era uma pousada que não recomendo. O primeiro mês, a gente ficou lá, com três, quatro beliches e não era muito bom”*. Carlos chegou ao Brasil com 200 dólares e logo teve uma surpresa ao descobrir que seria necessário pagar 100 dólares na Polícia Federal para conseguir a documentação necessária para ficar no país.

A questão do dinheiro, ou melhor, a falta dele, foi recorrente nos seis primeiros meses. No início, ele conseguiu alguns benefícios assistenciais oferecidos pela universidade, mas, ainda assim, as dificuldades de manter-se no Brasil eram claras, conforme se vê no seguinte trecho:

Fiquei sem bolsa seis meses. Aí, sim, solicitei o direito de usar a moradia porque eu não conseguia mais pagar o aluguel e me deram moradia e ingresso (só um de graça) para o bandejão. E era almoço e janta, né? E eu só tinha direito a um de graça, o outro tinha que pagar. Para os finais de semana, eles davam uma quantia que se chama “bolsa de alimentação”, que é de 80 reais. Então, os seis primeiros meses, eu morei na moradia, tinha uma refeição no bandejão de graça e os 80 reais para comer, que eu usava para pagar as jantas do bandejão. E, no final de semana, como o dinheiro era pouco, o que dava para comprar era pão e banana, só que era um pouco mais de banana (risos). Foi assim no começo.

Ao longo da conversa, Carlos descreveu situações em que recebeu ajuda ou ajudou peruanos que conheceu e viriam a se tornar seus amigos:

Eu conheci alguns peruanos no Brasil. Um deles agora é professor no Paraná. Eu os conheci aqui e eles me ajudaram quando eu não tinha bolsa e eles tinham. Eu não tinha lavadora e eles me recebiam, eu lavava roupa na casa deles no fim de semana e, em troca, eu tinha que fazer o almoço, já que cozinheiro bem. Quando eu estava finalizando o doutorado aqui, um deles defendeu e estava esperando ser nomeado em um concurso. Estava sem bolsa e, em troca, ele morou comigo umas semanas. Ficou partilhando a quitinete. Então, ficou lá na minha casa e, claro, eu não ia cobrar. Então, sempre a gente lembra disso como uma “anedota³³”, que o mundo dá muita volta. É sempre bom lembrar disso. Eu gosto de contar essas “anedotas” porque são parte do problema que a gente superou. As coisas melhoraram muito, mas, se a gente olhar só o final, esquece tudo que passou. No meu caso, agora nomeado, se olho só o final, não faz sentido.

Essas duas vivências foram bem marcantes para Carlos. Parece que ele se sentiu acolhido por esses peruanos, que encontraram uma maneira de ajudá-lo e de recebê-lo de forma sutil: ao invés de dizerem que podia comer com eles nos finais de semana, uma vez que ele não tinha dinheiro, pediam sua ajuda para cozinhar e, em troca, compravam os alimentos. Aparentemente, essa foi uma maneira de ajuda mais “horizontal”, que não colocou Carlos em situação de constrangimento, mas de pertencimento ao grupo, no qual cada um contribuía da maneira que podia.

Além da sensação de pertencimento a um grupo e vinculação social, os almoços de domingo ocupavam um espaço de lazer e uma aproximação com a sua cultura. Nesses encontros, eles falavam em espanhol e faziam questão cozinhar receitas peruanas: *“nos fins de semana tinha que ser comida peruana. Então, eles compravam os ingredientes e eu cozinhava diferentes pratos. Às vezes, tinha que inventar. Com isso, eu ganhava a comida e a lavadora (lavava a roupa)”*.

Também parece que esses encontros proporcionavam a Carlos um momento prazeroso em seu cotidiano, além de uma possibilidade de voltar às raízes no contato com a sua cultura, através da comida e língua materna. Esses encontros semanais podem ter sido uma maneira de Carlos manter viva e valorizar sua história.

³³ Carlos usa a palavra “anedota” várias vezes, sempre se referindo ao sentido de história.

Depois de seis meses, conseguiu uma bolsa de mestrado e passou a viver em uma situação financeira um pouco mais tranquila, mas sem luxos. Além da bolsa, também conseguiu uma vaga na moradia estudantil³⁴ e é nesse momento da entrevista que Carlos começa a relatar algumas das experiências de preconceito que diz ter sofrido no Brasil: *“sim, sim, bati em muitas (casas). Algumas não gostavam de peruanos”*; (Entrevistadora): *mas falaram claramente isso?*; (Carlos): *alguns sim e, em outros casos, eu não queria ficar porque o ambiente era de maconha por todo lado e eu não gosto muito. Então, demorou, até encontrar uma casa.*

Em outro momento da entrevista, pergunto a Carlos se ele imaginava que poderia sofrer alguma forma de preconceito no Brasil e esta foi sua resposta:

“No”, “no tanto”, mas já sabia que poderia acontecer porque, quando meu irmão foi morar lá na Rússia, ele sofreu muito preconceito de skinheads, apesar que aqui também tem skinheads. Teve uma vez, antes dos 45 dias (que havia chegado ao Brasil), essa é uma “anedota” que sempre conto: eu estava falando no orelhão com a minha mãe, que é velhinha, e passou um grupo de jovens na rua e eu tinha um cartão telefônico para falar umas duas horas. Eu falava com ela para tranquilizar que estava bem, que estava duro (sem dinheiro), mas estava bem, e passou um carro com jovens fazendo barulho e olhando para mim. Eu não percebi o que estavam falando, eles viraram o quarteirão e, na volta, me jogaram ovo.

Carlos significa essa vivência como uma situação de preconceito claro pelo fato de ele ser imigrante. Avalio esse momento da nossa entrevista como muito importante, pois, no momento em que o ouvi falar sobre essa situação, não interpretei como preconceito. Pensei: *“como que ele fez essa relação tão direta?”*. Entretanto, o importante aqui não é saber o motivo que levou os rapazes a cometer tal ato de violência, mas como Carlos significou essa situação de violência sofrida por ele.

A questão do preconceito é muito analisada e discutida nos trabalhos cujo tema são os imigrantes. Diferentes autores, como Castel (2008), Castles (2000), DeBiaggi (2004), Pussetti

³⁴ A universidade assegura uma vaga ao estudante, porém as casas são geridas pelos estudantes moradores. Dessa maneira, o estudante, ao ingressar na moradia, tem que conversar com os moradores e procurar uma casa que tenha vaga e que o aceite. Os moradores mais antigos geralmente fazem entrevistas para conhecer o novo estudante e ver se ele é adequado ao perfil da casa.

(2009), Rosa, Berta, Calignarto e Alencar (2009), Rosa e Montian (2015), Sayad (1998) e Silva (2012), abordam essa temática. Muitos trabalhos analisam diversas formas de preconceito que o imigrante sofre da sociedade que o “recebe” e esse preconceito pode ser exposto de diferentes maneiras. Rosa e Montian (2015) aponta o lugar do imigrante muitas vezes como o *exótico* ou o *bode expiatório* no discurso social. Pussetti (2009) e Sayad (1998) reforçam a questão do imigrante como *bode expiatório*, aquele responsável pelas mazelas sociais, como a falta de emprego e a violência.

Ainda sobre o preconceito, Carlos relata outra situação na qual o imigrante é visto como ladrão:

Me incomoda muito quando sai imagem de um grupo de peruanos ou bolivianos roubando. Então, fico muito desapontado, não pelo fato de serem capturados, mas pelo fato dessa imagem que é vendida (na mídia), porque, muitas vezes, com isso acaba com os peruanos que realmente vêm fazer alguma coisa boa.

Nesse momento, além de comentar sobre a associação feita entre o imigrante e o crime, ele descreve como a mídia pode, em muitos casos, intensificar esse estereótipo, fazendo uma distinção entre os imigrantes bons (aqueles honestos, categoria na qual ele próprio se encaixa) e os imigrantes maus (os que estão no estrangeiro para roubar e denegrir a imagem dos outros imigrantes).

Carlos contou de forma muito incomodada que muitos brasileiros generalizam os outros latino-americanos, como se fossem “*tudo a mesma coisa*”. Nas palavras dele, “*o brasileiro, às vezes, acha que todo estrangeiro é padrão. Sabem que é estrangeiro, mas acham que peruano, mexicano, chileno é a mesma coisa*”. Essa fala traz a ideia que o entrevistado tem de que existe uma generalização por parte dos brasileiros em relação aos latino-americanos, não havendo distinção em relação às nacionalidades. Tendo como referência as ideias de Heller (2004), de que o preconceito é uma forma de ultrageneralização a partir de estereótipos, pode-se pensar que essa indiferenciação dos brasileiros em relação às particularidades culturais e étnicas dos latino-americanos pode demonstrar, além da falta de conhecimento sobre a história e cultura

dos países da América Latina, uma forma de generalização pela imagem e/ou pela língua que se caracteriza como preconceito.

Ademais, Carlos relaciona essa indiferenciação dos latino-americanos com um preconceito em relação aos bolivianos:

Aqui no Brasil, a imagem do boliviano, infelizmente, é daquele cara que é explorado pelo próprio boliviano, pelo coreano. Tem uma “anedota” de um professor universitário, que o irmão que era representante dos físicos do Peru a nível mundial e a esposa era advogada. Eles vieram visitar o Brasil e foram na 25 de Março (em São Paulo) com a mulher desse amigo, que é brasileira. Quando eles estavam na loja, escutaram os trabalhadores falando assim: “fica de olho que entraram bolivianos” (risos). Quando a mulher do meu amigo ouviu isso, ela “rodou a baiana”. Então, existe esse tipo de preconceito, mas não é todo mundo.

Pode-se relacionar esse trecho da entrevista com a descrição de Silva (2012) acerca do preconceito sofrido por muitos bolivianos devido a sua situação de subemprego na área de costura e à pobreza. Além disso, pode-se pensar que fazemos uma generalização dos imigrantes latino-americanos como sendo todos bolivianos que trabalham em empregos de baixa qualificação, muitas vezes de forma não documentada. Segundo Machado (2006), esse estereótipo pode ser aprisionador e faz com que os imigrantes sejam constantemente solidificados em uma hierarquia racial e etnizados pelos discursos sociais.

Machado (2006) descreve a questão dos estereótipos e etnização enfrentados pelos imigrantes brasileiros em Portugal. O autor argumenta que, devido a questões históricas e raciais, a imigração brasileira é mais bem quista que a imigração de outras ex-colônias portuguesas da África:

Os brasileiros, por sua vez, comprovando seu *status* relativamente privilegiado, são os únicos a serem classificados por um termo nacional, transformado em categoria étnica pelo discurso oficial. Os brasileiros são únicos a verem sua nacionalidade preservada como índice classificatório, perante a condição que ela se transforme numa categoria étnica/racial que restabeleça um lugar determinado para a população rotulada: um lugar intermediário entre os demais imigrantes e a população portuguesa. (p. 122)

Ainda de acordo com o autor, dentro desse estereótipo todos os imigrantes nascidos em países da África perdem suas nacionalidades e características culturais e viram simplesmente

“africanos”, assim como os imigrantes originários de países do Leste Europeu também perdem sua nacionalidade: são vistos como “imigrantes do Leste”.

Mas qual a relação de tudo isso com a experiência de Carlos? Ele relata essa dificuldade de muitos brasileiros em diferenciar as nacionalidades de vários imigrantes nascidos em países da América Latina. Assim, peruanos, colombianos e chilenos tornam-se todos bolivianos. Mas essa generalização talvez não ocorra porque os brasileiros têm maior proximidade com a cultura boliviana, mas porque os bolivianos migram para o Brasil em maior número e há mais tempo.

Por outro lado, essa generalização parece não acontecer da mesma maneira com os argentinos, que parecem ter um *status* diferenciado em relação aos outros latino-americanos no Brasil. Seja pela rixa no futebol, seja pelo fato de quele país ocupar o lugar de mais “desenvolvido” na América do Sul. Nós, brasileiros, conhecemos, ou pelo menos achamos que conhecemos, mais sobre a Argentina e sua cultura do que sobre outros países latino-americanos. Assim, os argentinos ocupariam, no Brasil, um lugar mais parecido com o que os imigrantes brasileiros ocupam em Portugal, onde ao menos a nacionalidade e algumas questões culturais são conhecidas.

Porém, diferenciar a nacionalidade do imigrante não impede a criação de estereótipos. Machado (2006) também traz a ideia de como essa estereotipia pode ser aprisionadora, assim como Silva (2012), quando fala dos bolivianos que vivem na cidade de São Paulo, e o próprio Carlos. Ainda segundo Machado, por trás do discurso de etnicidade e minorias raciais, produz-se um discurso que coloca o imigrante no lugar aprisionador do exótico e reduz toda a diversidade das pessoas a um estereótipo, perdendo-se com isso toda a diversidade histórica e cultural, além da história de vida deles. Nessa mesma direção, Rosa et al. (2009) discutem, a partir de uma perspectiva psicanalítica, como esse lugar estereotipado que o imigrante muitas vezes ocupa dificulta o seu enraizamento, pois subjetivamente ele ocupa o lugar do *diferente*, *daquele que está fora*.

Voltando à história de Carlos, apesar das situações de preconceito que viveu no Brasil, ele também demonstra, ao longo da entrevista, que criou vínculos e boas amizades com alguns brasileiros, como, por exemplo:

Morei com um cara da Educação Física, que é professor de academia agora, com um da Filosofia, que revisou minha dissertação de mestrado e que está na USP (Universidade de São Paulo) agora e mais um da Literatura, que agora é representante do Brasil no Haiti. Eram moleques, 20, 21 anos. E foi difícil, para mim, entender eles e eles me entenderem. Como fiquei seis meses sem bolsa, eu ficava limitado para muitas coisas e, para evitar gastos, eu ficava o dia todo na faculdade. Toda sexta feira, eles tinham festas e eu não tinha muito fôlego para isso. Só que, depois de dois meses que eu ganhei a bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), na minha primeira bolsa dei um churrasco para todos os meninos da casa em sinal de agradecimento!

Durante a conversa, Carlos falou que sempre buscou ter bastante contato com os brasileiros, tentando aprender o português o mais rápido e da melhor forma possível. Uma das maneiras que encontrou para aprimorar seu português foi dando aulas de espanhol. Carlos disse que gostava de dar aulas gratuitas de espanhol para brasileiros e, em troca, receber ajuda para aprimorar seu português.

Conheci Carlos melhor exatamente dessa maneira. Depois do nosso primeiro contato nas caronas para São Paulo, durante seis meses, entre 2014 e 2015, ele me deu aulas de espanhol. Quando o conheci, ele já falava muito bem o português, mas continuava dando aulas de espanhol para quem se interessasse. Acredito que essa foi a maneira que encontrou de mostrar um pouco mais de sua história e sua cultura.

Além disso, pode ser um jeito, através da memória, de manter vínculo afetivo com a sua cultura, pois, como afirma Bosi (2003), não temos como separar a memória do afeto. Com isso, as aulas de espanhol podem ter sido uma maneira de aproximar alguns brasileiros e o próprio Carlos de sua cultura e de seu país.

Lembro que, em nossas aulas, Carlos gostava muito de falar sobre o Peru e ia contando a história e os costumes do país enquanto relatava sua própria vida. À medida que contava, também referia que recebeu bastante ajuda dos brasileiros para aprender a falar português e, por

isso, manteve o costume de dar aulas gratuitas, as quais podem ter contribuído para a criação de vínculos. Seria uma maneira de Carlos fazer mais amigos e aproximar-se da cultura brasileira, em especial, a cultura campineira. A maioria dos conhecidos e amigos de Carlos estão ligados ao contexto universitário – amigos da pós-graduação, colegas de república estudantil e professores –, mas Carlos relatou também ter se aproximado de um casal de peruanos que trabalhava em um posto de conveniência perto da sua casa.

A ligação pela identidade nacional ficou bem clara quando Carlos falava sobre eles. Segundo ele, quando podia, passava no posto para falar um pouco e dar uma “força” para o casal. Disse que a vida deles era dura: trabalhavam muito para mandar dinheiro para a filha pequena, que ficou no Peru com a avó. Tinham poucos conhecidos no Brasil e também passavam pouco tempo juntos, já que trabalhavam em horários alternados. Carlos contou-me que aconselhava esse peruano a tentar prestar vestibular, porque, assim, teria melhores condições de trabalho no futuro. Mas também falava que sabia que isso seria difícil, pois ele trabalhava muito e, por isso, não tinha tempo para estudar.

Apesar de ter construído vínculos afetivos no Brasil, Carlos relata situações nas quais se sentiu extremamente sozinho pelo fato de estar longe da família. Uma experiência bem marcante para ele ocorreu no seu primeiro Natal aqui. Como tinha provas do mestrado na primeira semana de janeiro e não tinha dinheiro para comprar uma passagem de avião para o Peru, acabou passando as festas de final de ano em Campinas. Seus colegas de república tinham ido viajar, assim como seus amigos. Então, Carlos decidiu fazer sua própria ceia de Natal, que não saiu como esperado:

Eu comprei um frango porque queria cozinhar uma coisa especial, já que era o primeiro Natal que ia passar sozinho. No dia vinte e poucos de dezembro, peguei a bicicleta de um amigo para ir estudar e, entre sair da moradia e evitar um cachorro que estava me atacando, saiu um carro, que bateu na bicicleta e eu caí e fracturei o cotovelo. O carro foi embora e, quando levantei, estava preocupado também com a bicicleta do meu amigo. Quando voltei à moradia, meu cotovelo começou a latejar. Isso eram seis horas da tarde e meia-noite eu não conseguia mexer o cotovelo e eu não sabia que tinha a possibilidade de ligar para a ambulância. Eu liguei para um amigo às 6 horas da manhã

no dia seguinte. Ele me levou no hospital, onde descobri que estava com o cotovelo fraturado. Quando voltei, tinha que cozinhar e meus amigos tinham ido para o Peru, todo mundo que tinha bolsa. Eu lembro que duas coisas aconteceram comigo: 24 de dezembro, o meu frango caiu no chão. Eu estava cozinhando e não conseguia cozinhar com uma mão, então, no primeiro Natal aqui no Brasil, comi arroz com ovo frito.

Ele relatou a situação acima dando risada, mas pude perceber que esse foi um momento muito difícil. Seu primeiro Natal fora do seu país de origem, sozinho, sem a família e ainda machucado. Ele conta a história de forma divertida, mas ao mesmo tempo pareceu-me um momento de grande provação.

A temática da família é recorrente na entrevista de Carlos, assim como também é frequente na literatura sobre imigração. Como já foi discutido anteriormente, a imigração está relacionada com questões sociais e econômicas (Castles, 2000), pois muitos imigrantes vão para outro país à procura de um emprego que lhes dê melhores condições financeiras para seu sustento e o de sua família. Portanto, é muito comum que o imigrante mande dinheiro para ajudar a família no país de origem (Sayad, 1998, Castles, 2005).

Na entrevista de Carlos, a questão da ajuda financeira pode ser percebida de diferentes maneiras. Ele tem um irmão que imigrou para a Rússia para fazer graduação e, após o fim do curso, continuou morando lá. Carlos, que ainda morava no Peru quando o irmão estava na Rússia, remetia dinheiro para ajudá-lo a se manter durante a graduação:

Ele ficou os seis anos estudando na Rússia e, nos seis anos que estudou, eu fiquei mandando o dinheiro mensal. Por isso, precisava do meu emprego, eu tinha que manter a minha casa e tinha que mandar dinheiro mensal para ele. Então, nos seis anos que morou fora, ele virou meu filho. Quando ele terminou e quis fazer sua vida, eu tentei o mestrado brasileiro. Por isso que eu vim aqui com 29 anos, sendo que eu ganhei uma bolsa para vir aqui com 22. Mas eu não vim porque não ia ter como manter ele. Difícil, difícil porque é pelo sacrifício, mas valeu a pena.

Assim, no caso de Carlos, durante um período, a ajuda financeira foi o contrário do que é apresentado frequentemente pela literatura: o imigrante estava sendo ajudado financeiramente pela família no país de origem, mas é importante ressaltar que, no caso do seu irmão, foi uma imigração para estudo e não para trabalho.

Entretanto, após terminar a graduação, a situação inverte-se e o irmão passa a mandar dinheiro para ajudá-lo a manter-se no Brasil: *“no mestrado, o meu irmão estava trabalhando na Rússia e me mandava um pouco de dinheiro para me ajudar a me manter aqui”*. Atualmente, Carlos encontra-se em uma melhor situação financeira e envia dinheiro para a mãe no Peru e para o irmão na Rússia, que acaba de ter uma filha: *“hoje, já consigo mandar um dinheiro para minha mãe, dar uma ajuda para ela e para o meu irmão, que acabou de ter uma filha, e a situação financeira lá na Rússia está complicada”*.

Durante a entrevista, Carlos falou sobre sua vontade de constituir família e a importância de ensinar a língua e os costumes aos filhos, mesmo que eles vivam no Brasil: *“na verdade é uma obrigação (mostrar a cultura peruana aos filhos), porque tem que saber que o pai não nasceu no Brasil, tem que falar espanhol e a esposa vou ter que ensinar espanhol”*. Ao falar da importância de os filhos terem acesso e conhecerem a cultura peruana, sabendo que essa também pertence a eles, parece que Carlos está descrevendo, em suas palavras, o conceito de aculturação dos antropólogos Redfield, Linton e Herskovits, comentados por DeBiaggi (2008), que são as mudanças produzidas na(s) sociedade(s) e indivíduo(s) através do contato contínuo entre indivíduos ou grupos de diferentes culturas.

Além disso, acredita que o Brasil pode oferecer uma melhor qualidade de vida para seus futuros filhos: *“Não tanto pelo dinheiro, porque pelo dinheiro poderia estar ganhando mais lá (no Peru), mas por uma coisa futura, nos filhos, gostaria de dar oportunidade a eles”*.

Observa-se pelo seu relato que a imigração de Carlos não teve como foco principal o trabalho, e sim a oportunidade de continuar seus estudos na pós-graduação. Entretanto, um dos motivos que o levou a continuar no Brasil é o fato de ter conseguido um emprego que considera estável e bem remunerado, além de acreditar que o Brasil oferece mais oportunidades para os filhos que deseja ter quando constituir uma família.

Atualmente, Carlos está trabalhando como professor universitário em uma universidade pública na região Nordeste do Brasil. Nesse período, trocamos alguns e-mails e ele contou um pouco sobre a sua adaptação à nova cidade e ao emprego. Disse que, no início, estranhou um pouco a cidade, achou que era mais violenta que Campinas e que a desigualdade social entre os moradores era evidente: “*as pessoas são ou muito ricas, ou muito pobres aqui*”. Isso chamava a sua atenção e o incomodava.

Carlos falou novamente sobre a ajuda que recebeu de outras pessoas em relação à mudança e adaptação, entretanto, dessa vez, ela não veio de outros peruanos (ele não comentou conhecer outros peruanos ou imigrantes de outras nacionalidades nesse período), mas de outros professores, colegas de departamento, que o ajudaram a estabelecer-se na cidade, oferecendo dicas sobre bairros para morar, imobiliárias, concessionárias de carro e autoescolas.

Em relação ao trabalho, disse que está gostando, pois dá aulas principalmente para alunos de Estatística e entrou no programa de pós-graduação. Uma das atividades que parece encantar Carlos no seu trabalho é a oportunidade de viajar, ministrar cursos, participar de bancas de pós-graduação, ir a congressos e, assim, conhecer outros pesquisadores, além de conhecer outras cidades e países. Assim, sempre que tem oportunidade, participa de alguns desses eventos. Ele representa um percentual pequeno de latino-americanos que conseguem exercer uma atividade laboral de alta qualificação e ainda dentro da sua área de formação.

Parece-me que Carlos tem um grande orgulho da sua trajetória e mostra isso ao relatar sua história de vida. Ele conta das suas dificuldades, mas também como conseguiu superá-las. Pode-se pensar que ele passou por um processo de aculturação ao ter contato com a sociedade brasileira, passou por mudanças, adquiriu novos hábitos ao ter contato com a nova cultura, mas não perdeu sua identidade peruana. Ao contrário, ele acha importante preservá-la e ensiná-la às novas gerações, seus filhos. A sensação que tive ao final da entrevista é que Carlos quis contar

a história de um imigrante que “*deu certo*”, “*venceu na vida*”, integrado à sociedade e com um bom emprego.

De acordo com Berry (2004), a maneira de ele relacionar-se com essa nova cultura visa à integração, pois busca estar incluído na sociedade brasileira, e mostrou-se aberto a aprender uma nova língua, assim como novos hábitos, mas ainda mantém muito viva a sua identidade nacional peruana. Portanto, vai ao encontro de definição de Berry (2004) sobre integração: “aqui, há um certo grau de manutenção da integridade cultural, enquanto se busca ao mesmo tempo, como membros de um grupo cultural, participar integralmente da sociedade majoritária” (p. 34). Apesar de preservar sua identidade peruana, Carlos relatou não ter vontade de viver no Peru, pois avalia que, no Brasil, tem maior campo para pesquisar e um emprego estável.

3.2.2 Conhecendo a trajetória de Gabriela

Gabriela é boliviana, nasceu em Trinidad³⁵, mas morava em Santa Cruz de la Sierra³⁶ antes de vir ao Brasil. Casou-se aos 14 anos contra a vontade da família e, logo após, foi com o marido para o Mato Grosso, onde ele foi trabalhar: “*Eu fui morar com ele no Mato Grosso por dois anos e gostei, foi muito bom*”. Depois voltaram para Santa Cruz de la Sierra.

Gabriela tem cinco filhos, estudou até o ensino médio e trabalhou durante muitos anos como faxineira em uma escola, depois que o marido ficou doente:

Trabalhei de faxineira da escola. Esse era meu trabalho, porque meu marido ficou doente e não podia fazer nada e o único trabalho que deram para mim em Santa Cruz de la Sierra era de faxineira da escola. Então, eu trabalhei lá 15 anos, trabalhei na escola.

Ela contou que, com o dinheiro do trabalho, conseguiu construir sua “*casita*” em um terreno doado pelo Estado. Ana (quem nos apresentou) havia contado que Gabriela estava

³⁵ Cidade fundada em 1686 durante as Missões Jesuíticas, que percorriam o Rio Mamoré na região amazônica. De acordo com o Censo de 2008, tem 94.469 habitantes e fica a 500 km de Santa Cruz de la Sierra.

³⁶ Maior e mais populosa cidade da Bolívia, com 1.756.926 habitantes (Censo de 2011). Fica localizada no centro do país, fundada em 1561. Atualmente é um importante polo de produção petroquímica do país e um importante centro turístico e educacional.

fazendo viagens constantes para a Bolívia para não perder a posse da casa. Aparentemente, ela faz essas viagens para comprovar que ainda reside lá, entretanto ela não falou sobre isso na entrevista.

O motivo da sua vinda para o Brasil não foi a busca por um trabalho que desse a ela e a sua família melhores condições de vida, mas a doença de um de seus filhos e a impossibilidade de tratá-la na Bolívia. Seu quinto filho, Murilo, foi diagnosticado com leucemia ainda na Bolívia, onde, de acordo com Gabriela, não existe um serviço de saúde nacional e gratuito. A gratuidade vai apenas até os cinco anos e seu filho tinha seis na época. O tratamento particular era muito caro e a família não tinha condições de pagar:

Eu fiz o tratamento lá na Bolívia. E então, comecei a procurar dinheiro por um canto e por outro, porque era muito caro o tratamento lá, muito caro. Eu pagava por uma quimioterapia quase que mil reais daqui, só por uma quimioterapia, e ele fazia três quimioterapias em uma semana.

O tratamento não estava surtindo efeito e a médica começou a considerar a possibilidade de transplante da medula óssea. Foi solicitado que os irmãos realizassem exames para ver se havia compatibilidade da medula de algum deles com Murilo. Como os exames eram muito caros, Gabriela pensou em vender a casa, mas a médica lhe disse que ela tinha que pensar nos filhos que estavam com saúde, que eles não podiam ficar sem um lugar para morar.

A médica de Murilo entrou em contato com uma colega que havia conhecido em um congresso no Brasil, a qual trabalhava no Centro Boldrini³⁷. Elas conseguiram uma vaga para Murilo fazer o tratamento no Brasil nesse hospital e Gabriela arrecadou o dinheiro para a viagem por meio de ajuda de amigos e familiares, sendo uma das passagens de avião doadas pelo presidente de uma empresa aérea.

³⁷ Centro Infantil Boldrini é um hospital de referência nacional no tratamento oncológico e hematológico pediátrico.

Assim, Gabriela e seus filhos, Murilo e Juan³⁸, chegaram a Campinas, enquanto o marido e os outros filhos (incluindo a bebê de seis meses) ficaram na Bolívia. O tratamento durou cerca de um ano. Durante alguns meses, Murilo e Gabriela moraram na hospedaria do hospital para pacientes e familiares que vêm de longe. Entretanto, segundo ela, Juan não podia ficar morando na hospedaria, mas uma funcionária do hospital solidarizou-se com a situação e conseguiu um lugar para ele ficar na casa de conhecidos dela, durante a internação do irmão. Gabriela não disse se, durante esse período, Juan frequentou a escola ou como era a relação dele com as pessoas onde morava.

Gabriela relata que, durante o tratamento, tinha muita dificuldade de compreender o que os médicos falavam, pois não entendia o português e eles falavam muito rápido. Ela pedia para falarem mais devagar, mas, muitas vezes, isso não acontecia. É interessante destacar que, em uma das mesas sobre políticas públicas, no Seminário “Migrações internacionais, refúgio e políticas”³⁹, de 2016, do qual participei, uma imigrante boliviana moradora de São Paulo, a qual participa ativamente na luta pelos direitos dos imigrantes na cidade, fez a mesma colocação, falando das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes ao serem atendidos pelo SUS.

Em seu relato, durante o seminário, ela falou principalmente da dificuldade de comunicação entre o usuário imigrante e os profissionais dos serviços de saúde, situação que, muitas vezes, levava o imigrante a um constrangimento, dificultando o seu acesso à saúde. No depoimento, ela acrescentou que a situação era ainda mais complicada no caso dos imigrantes não documentados, que resistiam ainda mais a procurar os serviços de saúde, com medo da deportação.

Durante esse depoimento foi falado sobre o programa de Capacitação e Sensibilização no Atendimento a Imigrantes, oferecido pelo Centro de Referência e Atendimento para

³⁸ Juan, com 12 anos na época, viaja para o Brasil porque tem a medula compatível com Murilo, no caso de um possível transplante.

³⁹ O seminário foi realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina.

Imigrantes (CRAI) na cidade de São Paulo. Esse programa tem como objetivo buscar maior sensibilização e atendimento mais humanizado dos servidores municipais com os imigrantes. Tal trabalho foi visto como de extrema importância, pois ajuda a incluir e ampliar o acesso dessa população aos serviços públicos.

Voltando à história da Gabriela, vemos quanto ela teria sido beneficiada caso os médicos que atendiam seu filho tivessem passado por um programa parecido ou tivessem maior sensibilidade e percebessem que, por não falar português, Gabriela teria uma maior dificuldade de compreensão da evolução do tratamento de seu filho.

Seu relato mostra que, no contexto familiar, ela assumiu a função de cuidadora principal enquanto seu filho Murilo estava doente, deixando o emprego e saindo do país para buscar tratamento adequado.

Gabriela tinha uma rede de relações na Bolívia, pois ela fala da ajuda financeira que conseguiu com amigos e familiares para a viagem. Porém, não explicita se esses amigos e familiares ajudaram, e de que forma, sua família na Bolívia, durante o tratamento de Murilo no Brasil. Ao reler a transcrição da entrevista, chamou-me a atenção o fato de Gabriela não ter falado em nenhum momento sobre a família que ficou em seu país nesse período de tratamento do seu filho. No momento em que conversávamos, essa questão passou-me despercebida, mas, lendo o conteúdo das falas com atenção, perguntas foram aparecendo: será que o marido voltou a trabalhar? O pai cuidava sozinho do bebê? Quais as dificuldades que os familiares que ficaram passaram?

Após um ano de tratamento, Murilo recebeu alta e, junto com sua mãe e seu irmão, voltaram para a Bolívia. Porém, depois de um ano, Gabriela decidiu ir para o Chile em busca de um trabalho para pagar as dívidas da viagem:

Eu fui para o Chile (sozinha) porque, na Bolívia, não dá para juntar dinheiro, e eu trabalhava muito na Bolívia. Trabalhei um ano para ver se, pelo menos, conseguia pagar o banco, mas não dava. Eu trabalhava de dia, de noite, eu fazia pastel, faxina,

costura, mas não dava. Então, eu falei para o meu marido que a única opção era ir para outro lugar.

Enquanto a imigração de Gabriela para o Brasil ocorreu para o tratamento da doença do filho, sua ida ao Chile foi para conseguir um trabalho que lhe desse mais dinheiro e, assim, permitisse saldar as dívidas contraídas em decorrência da primeira imigração. Nesse momento da entrevista, aparece a imigração por busca de trabalho, uma imigração, como é colocado por Baeninger (2012) e Villen (2015), de pessoas de países periféricos para países periféricos (no caso, da Bolívia para o Chile).

As autoras afirmam que, muitas vezes, esse tipo de imigração acontece porque o deslocamento é mais barato e mais fácil. Esse foi o caso de Gabriela, que tinha uma vontade de imigrar para a Espanha (provavelmente motivada pela ideia que poderia ganhar mais dinheiro lá), entretanto o valor do deslocamento era impossível para ela naquele momento.

Gabriela morou no Chile como imigrante não documentada e relata que, durante esse período, tinha muito medo de ser deportada e que no Chile é comum policiais pararem imigrantes na rua e pedirem sua documentação. Segundo ela, não tinha esse receio quando residia no Brasil de forma não documentada.

O fato de Gabriela ter imigrado para trabalhar no Chile chamou-me a atenção, pois não existem muitos trabalhos que falam sobre a mulher imigrante. A maioria dos artigos, dissertações e teses que encontrei diziam respeito a processos imigratórios que envolviam homens. Outras autoras, como Villen (2015) e Morokvasic (1984), também já tinham percebido essa pouca visibilidade das mulheres imigrantes e escrito sobre isso.

Morokvasic (1984) discute que, durante muitos anos, as mulheres que imigravam eram vistas como acompanhantes de seus maridos, como se elas não tivessem poder de escolha. Estavam sempre ligadas a um homem (o marido), que, como provedor da família, era também responsável pelas decisões. A elas só restava aceitar e acatar as decisões deles. Porém, a autora afirma que os processos imigratórios femininos são múltiplos: desde a mulher que imigra para

acompanhar o marido, passando pela mulher que decide imigrar para trabalhar *junto* com o marido; da mulher que imigra sozinha para juntar dinheiro, enquanto o marido permanece no país de origem, à mulher que imigra primeiro sozinha e os filhos e/ou marido vão ao seu encontro depois; além de mulheres que imigram como forma de romper o casamento abusivo que tinham no país de origem e outras que imigram muito novas por não terem possibilidades de trabalho no país de origem e até as mulheres que imigram sozinhas para ocupar postos de trabalho de alta qualificação.

Ao encontro das ideias de Morokvasic está o trabalho dos autores Juárez, Peña e Juan (2014). Estudando mulheres latino-americanas que imigraram para a Espanha, os autores argumentam que, na última década, elas têm imigrado de forma mais independente, com intuito de conseguirem trabalhos mais bem remunerados, que lhes permitam melhorar as condições de vida familiar, influenciar positivamente o futuro dos filhos e guardar algum dinheiro que possibilite comprar uma casa ou abrir um pequeno comércio quando retornarem ao seu país de origem.

Sobre a decisão de ir para o Chile, Gabriela relata o seguinte: “*Então, eu falei para o meu marido que a única opção era ir para outro lugar*”. Essa fala faz pensar em uma mulher muito diferente da adolescente de quatorze anos que imigra para *acompanhar* o marido. Pelo relato, pode-se pensar que o casal toma decisões de uma forma mais conjunta e que ela não teve uma postura passiva.

Voltando à história de Gabriela, depois de três meses que estava morando no Chile, seus filhos (Murilo e Juan) também se mudaram para lá. Gabriela trabalhava como faxineira, Murilo trabalhava transportando refrigerantes e Juan⁴⁰ não estava trabalhando. Após alguns meses,

⁴⁰ Nesse período Juan começou a apresentar um comportamento agressivo. De acordo com Gabriela, ele sentia muito ciúmes de uma outra criança que morava na mesma habitação que eles e várias vezes tentou agredir essa criança.

Murilo ficou doente e foi novamente diagnosticado com leucemia. Com isso, os três retornaram ao Brasil, dessa vez do Chile e de ônibus.

Chegam a Rio Branco e é lá também que acaba o dinheiro da família. Ficam na rodoviária da cidade, sem dinheiro para seguir viagem, alojar-se ou mesmo comer. Na rodoviária, recebem ajuda de voluntários de uma ONG e vão para um abrigo. Ainda muito doente, Murilo é encaminhado ao hospital, onde a médica diz que o melhor para ele seria fazer tratamento no Boldrini, pois lá já o conheciam e tinham toda a sua ficha médica. Após contato com a assistente social do hospital, conseguem auxílio para o deslocamento de ônibus até Campinas.

Já em Campinas, Murilo retomou o tratamento e, após alguns meses, o marido e a filha mais nova de Gabriela também vieram morar na cidade. Apesar de ainda não estarem em situação regular no país, Gabriela consegue um emprego como faxineira e o marido como pedreiro, ambos sem carteira de trabalho.

Juarez, Peña e Juan (2014) relatam que mulheres latino-americanas que trabalhavam na região de Valência, na Espanha, com baixa qualificação, costumavam ocupando postos de trabalho que os autores definem como “trabalhos de reprodução”. Tais atividades englobam o cuidado com a casa, as crianças e/ou idosos que moram nessa casa, trabalho que antes era desempenhado também por uma mulher de forma não remunerada, a esposa. Assim, pode-se pensar que, apesar de Gabriela e seu marido terem ocupado postos de trabalho não qualificado, ela exerceu uma função tida como tipicamente feminina e ele, um trabalho mais comumente exercido por homens. Observa-se dessa maneira características da divisão sexual do trabalho.

Após um ano de tratamento, Murilo recebe alta e a família consegue dinheiro para regularizar a documentação. Entretanto, segundo Gabriela, a agressividade de Juan aumentou.

Ele começou a ameaçar a família e a ficar cada vez mais dias na rua. Gabriela procurou o Conselho Tutelar e disse que não estava conseguindo cuidar do filho:

E agora eu vim para tratar um e tem outro com doença. Teve um dia que estava trancada no quarto com a minha filha e ele amarrou com arame a janela. Não dava para sair pela janela e ele disse que ia colocar fogo, que ia nos matar. Eu achei que ia morrer e não podia fazer nada. Não podia gritar porque senão ele ia lá e fazia pior. Essa era a situação, eu não sabia mais o que fazer. O moço do Conselho Tutelar me ligou e perguntou como estava o Juan. Eu disse que ele estava ainda pior e que eu queria um abrigo para ele, porque não podia ficar em casa. Não pode ficar em casa, que tenho medo e o moço falou de arrumar um abrigo para ele.

O porquê da mudança de comportamento de Juan ou seu diagnóstico não é algo claro na entrevista. Gabriela relata que ele começou a ficar mais agressivo ainda quando estavam morando no Chile:

Foi lá (Chile) que o Juan começou a ficar estranho, agressivo. Lá onde a gente morava, tinha dois meninos e ele pegou um pelo pescoço e quase matou o menino. Mas eu não sabia que era a doença dele, o que estava acontecendo com ele. Eu achava que era raiva ou ciúme do menino, porque eu brincava com ele. Eu pensei que era de ciúme, mas não doença. E eu pensei: “eu não posso trabalhar com ele aqui”. Então, ele voltou com meu marido para a Bolívia e eu fiquei com o Murilo.

Essa mudança de comportamento e agressividade de Juan vem com o nome de doença, sem outras explicações. Em conversas que já tinha tido com Ana, sabia que Juan era acompanhado pela rede de assistência e de saúde mental havia pelo menos três anos.

Pussetti (2009) discute a relação entre psicopatologia e imigração. A autora aborda como a situação de vulnerabilidade e, muitas vezes, de invisibilidade que o imigrante vive contribuem para o surgimento da psicopatologia. Ela acrescenta que as situações de discriminação e preconceito que muitos imigrantes vivem – que muitas vezes se iniciam já com a exposição da mídia tratando como “clandestinos”, “irregulares” ou “ilegais” os imigrantes não documentados – contribuem ainda mais para que essa população fique em uma situação de vulnerabilidade.

A autora é enfática ao afirmar que não se pode fazer uma relação direta entre imigração e psicopatologia. É necessário compreender as vivências dessas pessoas na sociedade

hospedeira e como essa se relaciona com os imigrantes, principalmente, aqueles em situação de maior vulnerabilidade, como os não documentados. Dantas (2015) corrobora as ideias de Pussetti (2009) e acrescenta que a imigração pode ser experienciada de diferentes maneiras, dependendo da idade, gênero, escolaridade, religião e etnia do imigrante.

Voltando para o que Gabriela me contou sobre a vida de Juan, seus processos migratórios não devem ter sido fáceis. Veio ainda criança para o Brasil porque o seu irmão estava doente e ficou um período morando junto com a mãe na hospedaria do hospital. Depois, foi viver com uma família de conhecidos de uma funcionária desse mesmo hospital, pessoas que ele nunca tinha visto, em um lugar que não conhecia, com uma língua e costumes diferentes dos seus.

Quando retornou à Bolívia, morou lá por cerca de um ano e três meses com os irmãos e o pai e, então, foi morar com a mãe e o irmão no Chile, em um apartamento em que viviam outras famílias. Não trabalhava, não estudava e não tinha documentos, o que implicava perigo de deportação caso estivesse na rua e fosse abordado por policiais.

Com a piora de saúde do irmão, Juan vê-se novamente imigrando para o Brasil junto com a mãe, ficando, provisoriamente, na hospedaria do hospital, até mudar-se para uma casa em Campinas junto com a família. Assim, pode-se levantar a hipótese de que todas essas vivências e a situação de vulnerabilidade pela qual ele passou podem ter contribuído para a “doença” a que Gabriela se refere.

Após Gabriela avisar o Conselho Tutelar, algumas medidas foram tomadas em conjunto com a família e, por fim, decidiu-se pelo abrigamento de Juan, situação em que ele se encontrava no momento da entrevista. Gabriela faz visitas regulares e, segundo Ana, esporadicamente Juan visita a casa dos pais.

Atualmente, Gabriela mora com a filha, Murilo e o marido em um assentamento em Sumaré. O assentamento é afastado e de difícil acesso. Quando Ana ia a trabalho visitar a família, tinha grande dificuldade de chegar lá, mesmo de carro.

A família mudou-se para o assentamento devido a dificuldades financeiras, pois não estavam mais conseguindo pagar o aluguel da casa em que moravam em Campinas. Gabriela fala da mudança como um período de grandes dificuldades.

Na época da entrevista, somente o marido de Gabriela estava trabalhando. Ela parou de trabalhar como faxineira devido a um problema de saúde (artrite), mas relatou ter desejo de fazer um curso de corte e costura, pois, atualmente, já faz pequenos trabalhos de reparo de roupas em casa.

A mudança de cidade para uma área com menos recursos sociais e o fato de não estar trabalhando parecem terem sido fatores que contribuíram para que ela se sentisse isolada. Ao longo da entrevista, pude perceber que Gabriela sempre trabalhou e que o trabalho, de alguma forma, contribuía com o seu sentimento de independência.

As atividades desempenhadas por ela sempre exigiram muito esforço físico e agora, com o corpo debilitado não aceitando mais esse tipo de trabalho, Gabriela não encontrava outras atividades que pudesse realizar. Com isso, sentia-se menos independente e mais isolada e, segundo ela, acabava ficando muito triste: *“então, sempre que eu trabalhava, ela (artrite reumatoide) vinha, essa era a única coisa que me deixava triste, porque o que eu vou fazer mais? [...] Uns meses depois de mudar, eu fiquei muito mal, não saía da cama, chorando”*.

Ana (psicóloga) e Laura (assistente social), que acompanhavam Juan, perceberam que ela estava muito triste e perguntaram se gostaria de participar de um grupo de patchwork para mulheres. Ela decidiu participar e disse que, aos poucos, foi se sentindo menos sozinha, aprendendo coisas novas, vendo que outras mulheres também tinham problemas de saúde e estavam sem trabalho. Com o tempo, sua tristeza foi melhorando.

Parece-me que, enquanto Gabriela ia conhecendo as mulheres, conhecia-se mais. Sentindo-se menos sozinha e com a tristeza indo embora, também foi conseguindo pensar no futuro e em novas possibilidades laborais. Ainda fazia um ou outro trabalho como diarista e, em um desses dias, viu uma máquina de costura meio abandonada na casa da patroa. Perguntou se ela queria vender a máquina, e a patroa ofereceu-lhe como pagamento pela limpeza. Gabriela aceitou e levou a máquina para casa.

Ela afirma que foi ganhando gosto pela costura, aprendendo coisas novas e relembrando o que tinha aprendido com a mãe quando ainda era menina. Começou a costurar em casa e a fazer pequenos reparos para as pessoas do assentamento. Disse que a sua vontade é fazer um curso de costura para ter um diploma e provar a todos que sabe costurar:

Tem dia que chega uma pessoa e quer colocar uma barra de uma calça. Eu faço. O zíper eu faço. Então, já dá para o pão. Então, eu quero fazer por isso, porque, aí, tenho um diploma. [Hoje] se alguém pergunta se eu sei costurar, eu falo que sei, mas a pessoa fala: “prova”. Então, eu quero um diploma para mostrar como eu sei. Aí, a pessoa acredita que eu sei, então vou atrás do curso.

Essa fala de Gabriela é significativa, pois reforça uma característica contemporânea: cada vez mais é necessário fazer *cursos* para ter *diplomas* que comprovem que a pessoa é apta a desempenhar uma função. Com isso, algumas profissões que antes eram aprendidas por meio da prática, agora também são objeto de cursos. Dessa forma, pessoas que, muitas vezes, já têm anos de experiência, veem-se obrigadas a fazer cursos do que já sabem, para ter um diploma que comprove que são aptas para a função que já desempenham. Entretanto, no caso de Gabriela, ela poderia beneficiar-se do curso em relação ao aprendizado, por não ser uma atividade que desempenha há muito tempo. Poderia aprender novas técnicas e, assim, fazer outras atividades dentro da costura que não apenas pequenos reparos. Gabriela mostra um desejo de impulsionar seu trabalho com costura e, assim, sentir-se mais profissional.

Outro aspecto destacado por ela é que a costura possibilita trabalhar em casa e conciliar a atividade profissional com o trabalho doméstico, tendo assim uma maior flexibilidade. A

questão da maior flexibilidade e do trabalho em casa aparece cada vez mais presente no cotidiano atual com relação ao trabalho feminino e, por isso, têm sido realizadas mais pesquisas sobre o assunto.

Ainda sobre a questão do trabalho, o fato de Gabriela dizer que tem artrite reumatoide e querer trabalhar com costura chamou-me a atenção. Relendo a entrevista, não fica claro o estágio da sua doença. Fiz uma pequena pesquisa sobre artrite reumatoide e descobri que é uma doença crônica que atinge 1% da população mundial, principalmente mulheres, podendo ser causada por uma junção de fatores genéticos e ambientais. Consiste na inflamação das articulações, o que dificulta a realização de atividades cotidianas. O tratamento inclui medicações para diminuir a inflamação e movimentos específicos nas articulações apenas visando à diminuição dos sintomas, já que é uma doença que não tem cura⁴¹. De acordo com Dutton (2010), algumas atividades, como a costura, podem não ser indicadas para pessoas que têm artrite reumatoide, o que pode ser um empecilho na vontade de Gabriela de trabalhar como costureira.

Para além da questão do trabalho, Gabriela fez poucos comentários a respeito da sua casa ou do seu assentamento. Disse que a casa está sendo paga por ela, pelo marido e com a ajuda dos filhos mais velhos e que, todo mês, dá um “*dinheirinho*” para quem a construiu. Não parece ter um grande convívio com outros moradores. Perguntei se, no assentamento, havia outros bolivianos e ela disse-me que não eram muitos, apenas cinco. Comentou que onde mora há muitos peruanos, contudo também não mostra ter contato grande com eles. Sua fala indica que seu principal vínculo é com a família.

O fato da Gabriela, aparentemente, não ter amigos bolivianos no Brasil (mesmo conhecendo alguns que moram no seu assentamento) chamou atenção, pois, na entrevista com Carlos, foi marcante sua referência aos amigos peruanos que fez no Brasil e como eles

⁴¹ Para mais informações sobre a doença, ver o link da Sociedade Brasileira de Reumatologia: http://www.reumatologia.com.br/PDFs/Cartilha_artriteReumatoide.pdf.

ajudavam-se nos mais diversos sentidos, tanto na questão do afeto como na financeira e também como uma maneira de manter e resgatar os vínculos culturais.

Além disso, o próprio fato de ela não falar sobre a cultura boliviana ou demonstrar sentir saudades do seu país também chamaram atenção. Em um primeiro momento, pensei que Gabriela poderia ser um exemplo do conceito de Berry (2004) de assimilação, quando o imigrante não deseja manter sua herança cultural e busca assimilar integralmente a cultura dominante do país que ele está vivendo. Entretanto, essa pode ser uma interpretação superficial sobre o caso de Gabriela. O que foi possível perceber na entrevista é que ela não trouxe informações a respeito da cultura do seu país de forma espontânea, falando a respeito apenas quando indagada diretamente. Disse que sente falta de algumas comidas, mas que, para a grande maioria, consegue encontrar os ingredientes necessários aqui e preparar na sua casa, como, por exemplo, sopa de mani⁴².

Assim, a preservação da sua cultura mostra-se presente no seu cotidiano, seja por meio da culinária ou da língua, mas, talvez, a importância de perpetuar sua cultura para as futuras gerações não seja tão consciente para ela como é para Carlos, ou pode ser que, de fato, isso não seja importante para ela. Essas são questões profundas e subjetivas que não foi possível apreender pela entrevista. O que foi possível perceber é que elementos da cultura de Gabriela ainda são mantidos no seu cotidiano, e que, assim, não houve uma negação das suas raízes.

Quando perguntei diretamente se ela tinha vontade de voltar a morar na Bolívia, Gabriela disse que não e se justificou dizendo que o motivo principal era a falta de expectativa de condições para cuidar de Juan:

Agora não, primeiro eu tinha (vontade de voltar à Bolívia), mas eu já fui pra Bolívia, já vi como eram as coisas lá. Lá, não tem como o Juan ficar, ele vai ficar como lá? Na rua? Só na rua, ele já tem 18 anos, vai ficar uns três dias lá e depois vai ficar na cadeia. Isso eu não quero para meu filho. Então, o que faço, tenho que ficar aqui. Aqui, ele está tranquilo, está tomando o medicamento direitinho. Lá, o que eu vou fazer? Vou

⁴² É uma sopa cujo ingrediente principal é o amendoim, comida muito tradicional na Bolívia.

trabalhar e não vai dar nem para comprar o medicamento⁴³ dele porque é tudo muito caro. Lá tem um lugar, mas é longe e aí que eu vou fazer? Vou deixar meu filho lá longe? Não, eu quero ele aqui pertinho, que eu vou e venho. Aqui, eu posso visitar ele. Não é igual lá, que eu só posso visitar ele uma vez por mês porque é longe.

A partir da entrevista, parece coerente refletir sobre a grande importância que Gabriela atribui a ter maior oportunidade de acesso a serviços públicos que garantam o seu direito e o de sua família à saúde. Uma melhor qualidade de vida em decorrência de um real acesso a esses serviços parece ter sido fundamental na escolha de Gabriela e de sua família por continuarem morando na RMC.

Além do tratamento de saúde que Murilo recebeu e o tratamento que Juan recebe atualmente, Gabriela falou de forma positiva sobre a educação. Disse que, no início, sua filha não queria ir à escola, pois, como não sabia falar português, tinha medo de sofrer chacota dos colegas:

Primeiro ela não queria estudar. Ela chorava, chorava, falava: “mãe, eu não quero ir pra escola, eu não vou entender nada e ninguém vai me entender, eu não quero ir!”. Depois, eu conversei com a diretora e falei que a minha filha não queria ir porque achava que iam rir dela e eu não sabia mais o que fazer. A diretora falou: “menina, ninguém vai rir de você, as pessoas vão aprender com você, e você vai aprender mais rápido que sua mãe. Se entrar na escola, vai aprender rapidinho a falar português e vai até ajudar sua mãe.

Gabriela parece ter sentido-se amparada nessa conversa, que exemplifica também sua preocupação e senso de proteção com relação à filha. Disse que, depois dessa conversa, a filha passou a gostar de ir à escola e aprendeu rapidamente a falar e escrever em português. Magalhães e Schilling (2012) discutem sobre as dificuldades que crianças imigrantes e filhos de imigrantes enfrentam no processo escolar no Brasil. O primeiro obstáculo para as crianças não documentadas está justamente em conseguir frequentar a escola. Apesar de isso ser um direito delas, mesmo sem documentos brasileiros, esse acesso é, muitas vezes, dificultado pelos próprios funcionários da rede de ensino.

⁴³ O diagnóstico de Juan não fica claro durante a entrevista, mas ele frequenta um programa voltado para adolescentes na área da assistência e o CAPSi em Campinas.

Ainda, segundo as autoras, uma segunda barreira enfrentada por essas crianças é a permanência na escola, pois existe uma dificuldade por parte dos professores, diretores e outros funcionários em compreender as diferenças, tanto culturais como em relação à língua, e como essas diferenças devem ser levadas em conta no processo de ensino dessas crianças. Pelo relato de Gabriela, a adaptação de sua filha parece ter sido boa, mas pode-se imaginar que o fato de ela não querer ir à escola mostra a dificuldade de sentir-se inserida nesse novo universo. Não fica claro na fala de Gabriela se sua filha já tinha frequentado a escola antes da conversa com a diretora.

Alguns meses depois, a própria Gabriela pediu para a diretora da escola de sua filha para fazer aulas de português, pois, no seu trabalho, às vezes, pediam-lhe para escrever e ela não sabia escrever em português. Então, seus dois filhos mais velhos, que na época estavam morando com ela em Campinas, as duas noras e ela estudaram durante alguns meses à noite, na turma do EJA. Disse que foi bom e aprendeu a escrever um pouco, mas logo parou e, hoje, muitas vezes, pede ajuda para sua filha na hora de escrever.

Gabriela e sua família parecem realmente utilizar serviços públicos existentes em Campinas, na área de educação, saúde e assistência. Ela ainda disse que ouve muitos brasileiros reclamarem do SUS, mas que, na Bolívia, o atendimento à saúde é mais precário e refletiu: *“não sabemos do que estamos reclamando, pois pode ser bem pior”*.

Chamou-me a atenção de forma positiva como ela parece conseguir ir atrás e utilizar os serviços públicos essenciais e de direito de todos os cidadãos. Gabriela não relata ter tido grandes dificuldades no acesso a esses serviços, mas isso não quer dizer que não tenham ocorrido. O despreparo desses serviços em atender imigrantes aparece de forma indireta, nos médicos que falam muito rápido, na aula que não era voltada para o público estrangeiro. Todavia, Gabriela parece ver esses serviços de forma positiva, sendo um diferencial para ela

permanecer no Brasil. Além de conseguir ter acesso a eles, ela considera-os mais adequados do que os serviços aos quais tinha acesso na cidade em que vivia na Bolívia.

3.2.3 *Conhecendo a trajetória de João*

João nasceu em Pétionville⁴⁴, no Haiti, em 1986, e tem dois meios-irmãos, um por parte de pai e outro por parte de mãe. Seu pai, com quem morou a maior parte da sua vida, é costureiro, e a sua mãe, manicure. Durante todo o tempo que morou no Haiti, viveu em Pétionville.

Atualmente, está fazendo graduação em um dos cursos de Engenharia em uma universidade estadual no Estado de São Paulo. Por meio de um programa de cooperação entre o governo brasileiro e o governo haitiano, ele e outros 89 haitianos vieram em 2011 para iniciar, ou completar, seus cursos de graduação em algumas universidades brasileiras conveniadas. Esse programa foi criado após o terremoto de 2010 como uma alternativa para que uma parcela da população haitiana pudesse ter a chance de fazer um curso de graduação, já que o terremoto fez um grande estrago humano e material no país. Muitos prédios ruíram e, junto com eles, diferentes instituições de saúde, educação, energia, entre outros.

João não estava na cidade de Porto Príncipe⁴⁵, onde o terremoto foi mais devastador, mas conta que, no momento do terremoto, estava em um ônibus voltando de um supermercado no centro de sua cidade e demorou um pouco para compreender o que acontecia. Percebeu que era algo grave depois que viu uma senhora na rua ajoelhada de braços abertos e gritando “*Jesus*

⁴⁴ Pétionville é uma cidade situada a oeste de Porto Príncipe. Recebeu esse nome em homenagem a Alexandre Pétion, ex-presidente do Haiti e soldado da revolução haitiana. A cidade tem aproximadamente 500.000 mil habitantes e é considerada uma área nobre, com muitos condomínios e hotéis de luxo.

De acordo com João, Pétionville tornou-se uma cidade muito rica, porque os muitos crioulos (homens filhos de franceses e negros, nascidos no Haiti) que moravam lá, na época da revolução haitiana, ficaram com a maioria das terras da cidade e, com isso, enriqueceram.

⁴⁵ Porto Príncipe é a capital do Haiti, com uma população de 2,5 milhões de habitantes, que é um quarto da população total do Haiti (terceiro maior país de Caribe, depois de Cuba e República Dominicana). A cidade foi fundada em 1749 pelos franceses e é, hoje, o maior centro econômico do país.

De acordo com João, em Porto Príncipe estão centralizados todos os órgãos federais, além de grande parte dos hospitais e emissoras de rádio e TV. Com isso, boa parte da população do Haiti tem que se deslocar das suas cidades para a capital, para realizar procedimentos simples, como por exemplo, tirar habilitação para dirigir.

tenha dó de nós!”. Logo após o terremoto, foi para casa de seu pai e, em seguida, para casa da sua mãe, para saber se todos estavam bem. Relata ter visto muita destruição no caminho, mas ainda não conseguia compreender a magnitude dela.

O relato de João prende minha atenção durante a entrevista. Conforme ele conta sobre o sisma, imagens vêm à minha cabeça, mas a sensação não, talvez por ser muito distante de tudo que já vivi. Resolvi, então, procurar mais depoimentos sobre o episódio, na tentativa de uma maior compreensão sobre o ocorrido. Assim, em minha pesquisa bibliográfica, encontrei outro relato sobre o terremoto, escrito por Thomaz (2011), sobre a vivência de um grupo de antropólogos brasileiros. Em suas palavras:

O impacto destrutivo de um terremoto de tais dimensões, que transforma o mundo a sua volta em ruínas e deixa um sem fim de mortos, feridos e pessoas em extrema vulnerabilidade, foi rapidamente sucedido por uma ordem que espantava qualquer um que quisesse efetivamente prestar atenção no que se passava a sua volta. Num primeiro momento, a população gritou – a Deus, Bondye; a Jesus, Gezi; às pessoas, me zanmi; algumas entraram em transe, incorporando seus respectivos; o choro, os prantos e a correria foram intensas: uns fugiam de medo, outros já começavam a socorrer as vítimas, outros iam ao encontro dos seus ou davam início a uma marcha que não parecia ter destino definido. (p. 274)

O autor continua:

Muitos trataram, assim, de permanecer ali onde o apoio da coletividade se anunciava e, em meio a mortos e feridos, começaram a surgir os primeiros conglomerados, que deram origem, em menos de um dia, aos campos de refugiados, que, em grande medida, permanecem até os dias de hoje. Nestes conglomerados o grito e o choro foram sucedidos por cânticos coletivos, palmas e danças. E diante de cada novo tremor, os gritos cresciam e as palmas e as danças também. Nos dias que se sucederam não observamos o caos e muito menos a violência anunciada pela mídia: o que, sim, observamos foi uma organização tremenda, nos pequenos acampamentos improvisados em ruelas e naqueles imensos que se apropriaram das praças da capital. (p. 274)

O relato de Thomaz é da cidade de Porto Príncipe, enquanto o de João é da sua vivência em Pétienville. Apesar disso, eles são similares quando mostram o desespero das pessoas no momento do sisma.

Alguns dias após o acontecido, João e alguns amigos fizeram comida e separaram mantimentos para distribuir para as pessoas que vagavam pelas ruas após terem perdido tudo.

Ele relata que o terremoto devastou o país e tudo parou. A vida das pessoas ficou em suspenso e o cotidiano foi totalmente transformado. Elas não iam mais ao trabalho e à faculdade, e as crianças não iam à escola, porque nada disso existia mais. Prédios, casas e escolas estavam no chão, as ruas intransitáveis, quase não passavam carros ou ônibus, tudo parou.

Muitas pessoas sem casa vagavam pelas ruas de Porto Príncipe, andando sem direção, carregando o pouco que tinham nas costas. Muitas mulheres carregavam seus filhos pequenos em busca de um lugar para dormir e um pouco de comida. As informações chegavam com dificuldade, pois apenas uma estação de rádio funcionava. João contou que muitos dos seus amigos e vizinhos morreram no desastre: *“vários morreram, outros se machucaram e outros nunca foram encontrados porque o prédio caiu. Tenho vários amigos que morreram porque estavam em Porto Príncipe, trabalhando ou estudando”*.

No dia em que ocorreu o terremoto, ele não foi à universidade, conforme deveria, e o prédio em que estudava veio abaixo. João acredita que não morreu porque ele tem um propósito: ser útil para a sociedade e deseja ser útil por intermédio da sua profissão, engenharia. Espera poder desenvolver aparelhos que contribuam com a qualidade de vida da população.

Antes do terremoto, estudava Engenharia em uma universidade particular e trabalhava como professor no seu antigo colégio. Ele estudou do ensino fundamental ao ensino médio em um colégio particular coordenado por freiras. Disse que era um aluno muito *bagunceiro*, mas sempre tirava boas notas. Ao concluir o ensino médio, tentou, mas não passou no vestibular da universidade pública de Porto Príncipe. Então, decidiu estudar em uma universidade particular, mas desistiu logo no primeiro semestre por achar o ensino muito fraco. Buscou outra, também particular, que era boa, mas muito cara e proibitiva para ele. Por fim, foi estudar em uma terceira universidade particular e nela ficou até o terremoto.

João disse que algumas semanas após o terremoto começou a pensar que isso poderia gerar uma transformação, um recomeço para o Haiti: *“fiquei com a sensação de que tudo tinha*

acabado. Depois, quando deu um mês é que eu vi como um novo começo”. Ele acreditava que, com esse recomeço, o país poderia melhorar e estruturar-se de forma que diminuíssem as desigualdades, mas, logo em seguida, ficou frustrado, dando-se conta de que não era isso o que acontecia. Alguns haitianos enriqueceram muito com o terremoto, por meios duvidosos, enquanto a maioria da população continuou vivendo na pobreza.

João também demonstra certo ressentimento com os órgãos internacionais de ajuda humanitária, dizendo que a ajuda não foi assim tão efetiva quanto as pessoas de fora do Haiti costumam pensar. Essa colocação de João também se assemelha à análise de Thomaz (2011), para quem a ajuda internacional demorou a chegar e se organizar, pois muitos estrangeiros estavam com medo do caos e da violência, que, segundo ele, é comumente relacionado ao país. No entanto, o autor observou uma grande organização dos próprios haitianos para lidar com as questões mais prementes logo após o terremoto, mesmo sem nenhuma infraestrutura.

Meses após o sisma, sem alternativas para concluir sua graduação no Haiti, João inscreve-se em diferentes programas na tentativa de terminar sua graduação no exterior. Em 2011, ele é aprovado em um programa brasileiro que destina bolsas a estudantes haitianos para realizar seus estudos no país.

Enquanto falava da sua vivência no Brasil, a temática do preconceito era recorrente. Disse que, quando chegou aqui, imaginava que seria vítima de preconceito, mas não da forma que sofre. Ele avalia que sofre mais preconceito que outros imigrantes universitários pelo fato de ser haitiano e negro.

Durante grande parte da entrevista, João foi muito sério, mas, quando falava das situações em que sofreu preconceito, ficava ainda mais circunspecto. Ele não relata essas situações com vergonha, mas com a sobriedade de alguém que sabe quanto elas são significativas e profundas. Eu, por outro lado, fiquei sem graça, envergonhada, sentindo-me de certa forma corresponsável por essas atitudes. João conta como são frequentes os comentários

pejorativos, preconceituosos e xenófobos aos haitianos em reportagens na Internet, que falam a respeito da imigração haitiana no Brasil. Ele disse que são comuns comentários como “folgados”, “vagabundos”, “devem voltar para o país deles”, “estão aqui roubando nossos empregos” e “bando de macacos”.

João avalia que os comentários podem ser mais agressivos e xenófobos pela Internet, no entanto, na universidade, também já viu e viveu situações de preconceito. Ele mostrou-se ainda mais indignado quando o comentário vinha de algum professor, pois acredita que os professores universitários têm uma responsabilidade maior e assim deveriam ser exemplos. Ele relatou uma situação em sala de aula que o deixou extremamente incomodado:

Eu fui numa aula de Economia e tinha uma menina que era mexicana. O professor estava falando de bens e distribuição de bens. Ai, ele perguntou para ela “de onde você é?”, e ela falou, “do México”, e ele perguntou, “tem pobreza lá no México?”, e ela falou “sim”. Ai, ele falou “a pobreza no México se explica porque não tem bens pra todo mundo ou porque não é bem distribuído?” e ela falou, “é porque não é bem distribuído”. Então o professor me perguntou “e você, de onde você é?”, eu falei, “do Haiti” e ele falou “o Haiti não presta” no meio da sala, na frente de todos. Não sei se eu tive a melhor atitude, mas falei: “e por que que não presta?”, e ele falou “é que todo mundo tá passando fome lá” e eu falei “o senhor já foi lá?”, “não, mas é o que diz na mídia” e eu falei “mas quando a mídia fala alguma besteira do Brasil, tá todo mundo unido para falar que isso foi besteira, agora quando é de um país negro, então, é verdade?!”. Eu falei “olha para mim, eu tenho cara de alguém que estava passando fome?”. Eu falei “olha, se fosse pela comida, eu ainda estaria no Haiti. Infelizmente, o meu país não tem uma universidade com tanta qualidade quanto essa e é por isso que eu aguento certas coisas, mas não é por comida não. Olha, eu vou aceitar certos comentários de alunos, porque o aluno não tem obrigação de saber, mas como professor que tem a responsabilidade de passar informação, acho que o senhor deveria se informar melhor.

Essa falta de informação, somada ao preconceito, deixa João muito irritado, ainda mais quando acontece em um ambiente universitário, onde as pessoas, em teoria, teriam mais acesso à informação que o restante da população. E quando isso ocorre com um professor, fica ainda mais indignado. Para ele, o professor universitário tem uma responsabilidade com o conhecimento, e o fato de mostrar sua ignorância abertamente em sala de aula, sem interesse em ouvir do próprio João como é o Haiti, abre margem para que os alunos se comportem da mesma maneira.

Na situação relatada, chama atenção a falta de sensibilidade e alteridade do professor. Esse poderia ter utilizado a situação para ele e os alunos aprenderem um pouco sobre o Haiti, mas, ao contrário, assumiu uma postura de negar qualquer conhecimento novo, estigmatizando o país como muito pobre, onde todas as pessoas passam fome. Essa falta de conhecimento e a estigmatização do Haiti perpassam toda a entrevista de João, seja pelos comentários da internet, de professores ou de alunos. Talvez pelo fato de isso ser muito presente no seu cotidiano no Brasil, durante a entrevista, ele fez questão de mostrar um “outro” Haiti, aquele que não é só a pobreza que muitas pessoas enxergam.

João afirmou várias vezes que nem todas as pessoas estão em situação de pobreza extrema. Ele mesmo não estava e veio para o Brasil por ser uma melhor oportunidade de estudos. Além disso, contou-me que a viagem para cá é muito cara. Assim, segundo ele, a maioria dos imigrantes não estão em situação de extrema pobreza no Brasil, vindo à procura de melhores condições de vida e trabalho.

Um autor que confirma a percepção de João é Silva (2012, 2015), o qual mostra em seus trabalhos características da imigração haitiana feita via terrestre. Em seu artigo, publicado em 2015, Silva descreve como é exaustivo, perigoso e caro o deslocamento dos haitianos feito por terra até a entrada em fronteiras localizadas no norte do Brasil. Em suas palavras:

No caso dos haitianos, vale lembrar que a entrada deles pelas fronteiras amazônicas não constitui uma “opção” a mais, já que o normal seria entrar por algum aeroporto brasileiro, pois, além de mais seguro, é também mais caro economicamente do que fazer um longo percurso, que inclui vários países, entre eles a República Dominicana, o Panamá, o Equador e o Peru. Por essa rota, além dos gastos com a passagem, é preciso enfrentar a intimidação e, em alguns casos, a violência de agentes policiais que atuam nas fronteiras do Peru e do Equador, tirando dos haitianos dinheiro e objetos pessoais. Tal rota acabou se consolidando em razão das dificuldades e pela demora na obtenção do visto na embaixada brasileira de Porto Príncipe. (p. 121)

Esses imigrantes haitianos descritos por Silva vieram para o Brasil em grande número após o terremoto de 2010, assim como João, mas, diferentemente dele, não vieram para estudar com todos os acordos burocráticos já estabelecidos entre os dois países. Essas pessoas imigram

em busca de trabalho. Valendo-se de uma rota perigosa e cara, cruzam a fronteira pelo norte do país em cidades como Brasileia (AC) e Tabatinga (AM). Muitos ficam meses em situação precária nessas cidades, esperando o visto humanitário. Essas cidades não são vistas como destino final, mas como o início dos deslocamentos dentro do Brasil. Muitos haitianos, depois de conseguirem o visto humanitário, deslocam-se para o Sudeste e Sul do país, em busca de trabalho.

Assim, como disse João e descreve Silva (2015), os haitianos que imigram para o Brasil têm algum respaldo financeiro, pois a viagem custa cerca de dois mil dólares, o que não torna a travessia mais fácil ou menos perigosa. Contudo, diferente da ideia propagada aqui, esses haitianos que chegam ao Brasil não estão em situação de miséria em seu país.

Segundo João, os haitianos que realmente estão em uma situação de miséria não conseguem sair do país. Em sua opinião, aqueles que estão no Brasil acabam ajudando na perpetuação da imagem de miséria, pois,

Para ser aceito, às vezes mentem do Haiti para as pessoas falarem “nossa, coitado, a gente tem que ajudar”... É que alguns deles acham que “eu preciso colocar uma situação que, se eu volto lá, eu vou morrer”. Tipo pra, sei lá quem, “nossa, vamos deixar ele aqui”... De alguns deles, eu procuro ficar longe. Por exemplo, uma vez a gente estava jantando no bandejão, aí um deles, se eu o ver talvez nem vá o reconhecer de novo, não sei como ele estava no bandejão também, aí ele estava jantando e falando e falando. Aí, não lembro quem perguntou por que que eles vieram e ele falou que todos nós que estamos aqui, incluindo eu, a gente está aqui pela comida. Eu pensei: “se ele tem coragem de falar isso para gente que é haitiano, que sabe que ele está mentindo, o que que ele vai falar para o estrangeiro?”. Isso é um dos motivos que eu tenho ficado longe deles, porque quem chega aqui, não estou falando dos estudantes, estou falando de quem chega ilegalmente, quem chega aqui gasta, no mínimo, R\$10.000. Você acha que alguém passa fome com R\$10.000? Tipo, eu, por exemplo, fico longe deles por uma questão de nacionalismo. Eles, por exemplo, falam qualquer coisa do país. Sim, o país está uma zona mesmo, ultimamente o país está insuportável, mas ainda está insuportável porque tem pessoas que pensam como eles. Se tiver pessoas que pensam “esse é o nosso lar e é aqui que a gente tem que arrumar para viver...”

Quando perguntei se ele convivia com outros haitianos no Brasil, disse-me que convive mais com imigrantes latino-americanos de outros países. Para ele, os peruanos e bolivianos são

mais receptivos, andam sempre em grupos grandes e, quando brigam entre eles, tendem a fazer as pazes mais rapidamente.

João disse que não tem uma personalidade muito fácil em relação ao convívio, que se considera mais fechado. Para ele, seus grandes amigos vão ser sempre seus amigos de infância. Por outro lado, acha que os haitianos têm, no geral, um temperamento mais difícil do que os peruanos e bolivianos, por exemplo. Considera os haitianos mais orgulhosos e, portanto, com maior dificuldade de resolverem seus conflitos dentro dos grupos. Em suas palavras:

Eu acho que isso é meio cultural da gente. Algumas vezes, um de nós acha que é superior ao outro. Ou seja, por exemplo, aqui, aquele grupo de negros, às vezes parecia que um queria ser “ah, o bom negro sou eu”. Tipo, eu não sei explicar direito isso, mas, pelo que eu fiz essa comparação? É que eu ouvi alguns brasileiros, eles falam “a gente não se conhecia antes, a gente se conheceu aqui. A gente se conheceu há três anos” (...) A gente [haitianos] briga por coisas desnecessárias e parece que todo mundo tem razão e não tem esse negócio de “ah, eu estou errado”. Por exemplo, eu conheço um grupo de colombianos. Algumas vezes, um briga com o outro, mas você vai ver, sempre quando tem alguma coisa latina, o grupo vem como se morasse na mesma casa.

Para ele, esse “orgulho” dos haitianos é que dificulta a convivência em grupo. Isso, somado ao fato de, na sua compreensão, muitos deles colocarem-se em uma situação de “coitados” e perpetuarem a ideia exacerbada de miséria em seu país, afasta-o do convívio com seus compatriotas, tanto daqueles que estudam na universidade quanto dos que estão no Brasil para trabalhar.

Perguntei a João se tinha contato com haitianos que tivessem vindo para Campinas à procura de trabalho e ele disse que conhece alguns de vista e outros que moram com haitianos que ele conhece da universidade, mas que não tem contato muito próximo. Sabe que vários estão trabalhando em bares, restaurantes e na área da construção perto da sua casa, mas que nunca teve muito contato com eles.

Com relação ao seu tempo de permanência no Brasil, João disse que ainda está tudo muito incerto: quer ficar aqui até terminar a sua graduação e, depois, gostaria de fazer um mestrado. Também gostaria de voltar a viver no Haiti, entretanto, lá, fazer uma pós-graduação

não é uma opção, logo, teria de ser aqui ou em outro país. O Brasil é uma opção, mas ele não descarta outros países, pois afirma gostar muito de aprender novas línguas e seria interessante ir fazer mestrado em um país com outro idioma.

Disse que não se sente muito apegado ao Brasil ou às pessoas, mas gosta da estrutura que a universidade oferece e da qualidade do ensino, a qual considera muito boa, o que é um diferencial muito grande para continuar seus estudos aqui. Essa avaliação fica evidente na fala abaixo:

Eu acho que é mais para a universidade mesmo porque, como eu falei, no Haiti, as universidades que eu frequentei não têm a capacidade que essa universidade tem, não têm como oferecer o ensino que recebo aqui. Eu acho que é mais isso que está me segurando. Acho que é isso que te dá aquele sentimento de “você está no lugar certo”.

João relata que, por vezes, a vontade de voltar a viver no Haiti é grande. Aqui, não se sente em casa, mas tenta manter-se focado para conseguir terminar seus estudos, que é seu maior objetivo. Contou que muitos de seus colegas haitianos que vieram junto com ele para estudar no Brasil “*não aguentaram*” e acabaram voltando para o Haiti. Esse “*não aguentar*” é referente à dificuldade de estar em outro país, às saudades da família e às situações de preconceito que vivem.

Ele afirma que tenta não generalizar dizendo que todos os brasileiros são preconceituosos, mas que o preconceito relativo aos haitianos o incomoda muito. O que também o incomoda muito é algo que ele chama de “*hipocrisia dos brasileiros*”. Ele contou umas das situações que exemplificam a hipocrisia a que se refere:

Aqui tem uma coisa que é bem mais complexa que é a hipocrisia das pessoas... Depois de um ano, eu passei a ser aluno regular e a turma que eu entrei tem uma página no Facebook com todo mundo da turma. Tem uma menina que estava precisando de um livro e ela colocou uma mensagem que estava precisando de um livro e que, se alguém tivesse, avisasse. Aí, eu mandei mensagem inbox para ela e falei “aqui eu tenho o livro em PDF, eu não sei se você já tem, se não, posso te passar”. Aí, ela falou “nossa, você tem? Muito obrigado, pode passar para mim. Olha, se você precisar de qualquer coisa”, “qualquer coisa” [ênfase na frase], ela disse “qualquer coisa que você precisar, pode me procurar”. Depois, passou um ano tendo aula no SENAI, todo sábado das 07h30min da manhã até 17h da tarde e, todo sábado, a gente se encontrava no ônibus

e ela sentava quase sempre com uma menina. Sempre que eu subia no ônibus, eu cumprimentava todo mundo e essa sempre se levantava para me dar um abraço, mas a outra, do PDF, nem olhava na minha cara. Hoje, eu passo aqui e eu falo “olá pessoal” e parece que não escutam nada, parece que eu não existo. Imagina uma pessoa dessas te fala “qualquer coisa que você precise pode me procurar”... A gente está tendo aula junto há três anos e, até hoje, a gente não se cumprimentou uma vez.

Quando João relatou essa história, ficou muito clara a sua indignação com a situação.

Apesar de ele ter usado o termo “hipocrisia” no momento da entrevista, pareceu-me uma situação de preconceito, talvez por ter sido um tema muito presente na sua narrativa. Mas, depois, no momento da transcrição, já com certo distanciamento, comecei a pensar em outras possibilidades. É importante ressaltar que não estou tentando buscar a “verdade” ou deslegitimar o pensamento de João, pois como ele sentiu-se em relação à situação é extremamente importante para a análise. Mas é interessante refletir sobre a situação a partir de outras perspectivas.

A minha primeira reflexão foi sobre a presença de um elemento cultural brasileiro, pois, quando João conta que a moça lhe disse “qualquer coisa que você precisar, pode me procurar”, parece uma questão cultural brasileira de agradecer o favor e não necessariamente de uma proximidade ou uma amizade. Não me causou estranhamento tão grande como para João o que ele disse em relação ao comportamento que ela teve depois. Pareceu-me ser uma situação que também acontece entre brasileiros. Entretanto, quando apresentei o meu trabalho para colegas do grupo de pesquisa, essa minha primeira análise causou uma grande discussão. Vários colegas disseram que eles também dariam o nome de hipocrisia para tal situação e que esse não é o comportamento típico dos brasileiros, mas característico de muitas pessoas na região de Campinas. Essa ressalva foi apresentada especialmente por aqueles que eram migrantes de outras regiões do país e que tinham sentido o mesmo estranhamento. Nesse momento, com ajuda de meus colegas, percebi que tinha feito uma análise etnocêntrica da situação descrita acima e, pensando no conceito de Heller (2004), ultrageneralizado um comportamento que não me pareceu tão estranho, como se fosse algo típico ou cultural de todos os brasileiros.

Como já foi discutido na introdução de forma mais detalhada, Heller (2004) mostra que a ultrageneralização está relacionada com as atividades heterogêneas, típicas do nosso cotidiano. Para a autora, realizar várias atividades durante o dia contribui para a pouca reflexão, o que é essencial para um pensamento ultrageneralizado. Com isso, refleti sobre essa tentativa de generalizar um comportamento e atribuí-lo a um elemento da cultura brasileira, não levando em consideração que as diferenças regionais, sociais, de faixa etária influenciam diretamente aquilo que estava chamando de atitude *tipicamente brasileira*. Como afirma Heller (2004), a ultrageneralização, como o preconceito, é marcada por estereótipos. Assim, também parti de alguns estereótipos no momento em que fiz a minha análise.

A situação contada por João remeteu-me a algumas situações por mim vividas no cotidiano. Por exemplo, quando encontramos por acaso algum conhecido e, depois de cumprimentá-lo, falamos: “vamos combinar de nos encontrarmos!”, “vamos marcar alguma coisa, a gente se fala!”, “você tem que ir tomar um café lá em casa um dia desses!”, essas frases ditas nem sempre se concretizam, mas eu não as compreendia necessariamente como uma mentira ou hipocrisia. Em algumas situações, via como um real desejo de encontrar a pessoa ou só uma maneira de falar e tentar ser “*cordial*”. Nesse momento, percebi que a minha primeira análise sobre o relato de João tinha partido somente das minhas experiências, insuficientes e superficiais para afirmar que se tratava de um comportamento típico da cultura brasileira.

Mas também, como afirma Heller (2004), as ultrageneralizações e estereótipos feitos por nós no cotidiano podem ser alterados na medida em que há uma reflexão sobre o assunto. A discussão no grupo de pesquisa sobre o relato de João abriu uma porta para que os membros falassem a respeito das suas próprias interpretações sobre a situação descrita e das suas vivências. Lembro-me de ouvir frases como: “*eu também acho uma hipocrisia!*”, “*quando chamo alguém para ir para a minha casa, é realmente um convite!*”, “*acho que pode existir*

alguma questão de gênero aí”, “*pode ser racismo mesmo*”. Ainda foi comentado sobre como as mídias sociais podem influir nessa fala da colega de sala de João ou como estamos em um momento histórico em que ocorre o esvaziamento das relações e, conseqüentemente, dos significados da linguagem.

Tudo o que foi dito fez com que eu refletisse a respeito de como o significado que damos a certos comportamentos e atitudes está profundamente marcado pela nossa história de vida e pelo nosso lugar social. Além disso, percebi quanto o termo *cultura brasileira* é amplo e deve ser usado com muito cuidado, para não se cair no estereótipo.

Por fim, ainda sobre esse episódio narrado por João, percebi, ouvindo as opiniões dos meus colegas, como eu estava com um pensamento: nós (brasileiros) x eles (imigrantes), tema abordado por vários autores, como Pussetti (2009), Silva (2012), Rosa e Montian (2015) e Machado (2006). Esse lugar do *nós x eles* é estereotipado e aprisionador, permitindo um contato muito pobre entre os indivíduos, pois eles enxergam-se somente através da *casca*, de como o outro deveria ser pelos estereótipos traçados e não conhecendo o outro para além desses estereótipos socialmente marcados.

Ainda no contexto das relações sociais, João disse que tem amigos no Brasil. Ele convive a maior parte do tempo com universitários brasileiros e estrangeiros. Falou algumas vezes de como não é certo generalizar os brasileiros, porém contou-me de situações nas quais se sentiu extremamente ofendido com alguns deles. Segue abaixo um exemplo:

Na primeira aula que assisti no Brasil – no período eu era aluno especial e a matrícula dos alunos especiais foi feita bem depois e já tinha uma semana de aula – eu cheguei na sala – foi Cálculo III – na minha primeira aula e tinha acabado de aprender português e todas essas gentilezas que ensinaram para a gente e estava colocando em prática. Perguntei: “oi, tudo bem? Com licença, você pode me dizer onde que começou a matéria?”. Falei assim e responderam: “você tem que pegar o livro e estudar sozinho”. Essa foi a primeira resposta. Meu primeiro contato com aluno foi isso. Você imagina isso? Não é que o aluno não podia me falar assim, mas como meu primeiro contato foi difícil.

Ao longo da entrevista, João vai descrevendo algumas dessas situações pouco amistosas na sua relação com alguns brasileiros. Para ele, nós não cumprimos com esse estereótipo de “muito acolhedores” que muitas vezes nos é atribuído. Pela conversa, quando fala dos professores e colegas de sala, essa simpatia e acolhida tipicamente referida aos brasileiros não se faz presente.

Dos três entrevistados, João é o que mais faz críticas aos brasileiros; Gabriela, em sua entrevista, mostra ter se sentido amparada por alguns brasileiros; Carlos faz críticas aos brasileiros e relata situações de preconceito que ele e amigos viveram, entretanto esse preconceito vinha de pessoas que não conhecia, mais distantes, que não fazem parte do seu círculo social (como, por exemplo, os garotos que jogaram ovo ou vendedores de uma loja que confundiram seus amigos peruanos com bolivianos). Já João faz mais críticas aos brasileiros de forma geral, em relação ao preconceito e questões culturais, que incluem pessoas mais próximas, do seu convívio social.

É o entrevistado que parece ter sofrido mais preconceito, informação corroborada pela literatura sobre haitianos no Brasil. Além de sofrerem preconceito por serem imigrantes, sofrem racismo. De acordo com Guimarães e Morosov (2016), os haitianos sofrem de um triplo preconceito: imigrantes, de país pobre e negros.

Essa relação difícil com os brasileiros já apareceu na primeira conversa, quando ele falou de uma postura arbitrária de muitos militares brasileiros⁴⁶ que estão no Haiti, através da Missão de Paz da ONU. João contou que a relação dos militares brasileiros com a população haitiana não é muito boa, pois, em sua opinião, eles, muitas vezes, não ajudam de maneira adequada e acabam tendo uma postura rude e arbitrária com as pessoas.

⁴⁶ De acordo com o *site* do Ministério da Defesa, desde 2004 militares brasileiros atuam em solo haitiano e, a cada seis meses, novas tropas brasileiras vão para aquele país. Ainda de acordo com o *site*, esses militares passam por um processo de treinamento de três meses. Para mais informações, visitar o *site* <http://www.defesa.gov.br/noticias/19428-militares-brasileiros-que-vaao-integrar-missao-de-paz-no-haiti-realizam-treinamento>.

De acordo com ele, muitos militares brasileiros candidatavam-se para participar da Missão de Paz da ONU, pois o salário por trabalhar na missão é muito maior do que aquele que receberiam trabalhando no Brasil. No entanto, esses militares não estavam bem treinados para trabalhar no Haiti. Não sabiam falar francês ou crioulo, o que dificultava muito a comunicação com a população local. Segundo João, esse despreparo e a dificuldade de comunicação já resultaram em episódios nos quais os militares foram agressivos com a população.

Apesar de existirem tropas militares brasileiras no Haiti desde 2004, essa presença aumentou depois do terremoto e, com isso, o Brasil ganhou maior visibilidade, estabelecendo-se como um país receptor do fluxo imigratório haitiano.

Para João, existe também uma grande propaganda para promover a imagem do Brasil no país. Esse assunto também apareceu quando participei do grupo interdisciplinar *Haiti em conversa*. Um dos haitianos presentes também disse que achava que o Brasil fazia muita propaganda e que ele achava isso um pouco estranho. Disse também que não entende por que há um centro de cultura brasileira tão grande em Pétienville e que acredita que o centro já existia antes do terremoto. Entretanto, outra haitiana presente no grupo não concordou: disse que achava que o centro havia sido construído depois do terremoto e que não achava estranha a existência dele. Em relação a esse assunto, parece que a presença intensa dos militares brasileiros no Haiti causa certa desconfiança, pelo menos de alguns haitianos, sobre as reais intenções dessa ajuda.

A presença dos militares brasileiros em seu país, somada à propaganda, economia mais forte do Brasil em relação aos outros países da América Latina, assim como maior facilidade de entrar nesse que em outros países, como Estados Unidos e Canadá, e a possibilidade de conseguir o visto humanitário são fatores que contribuíram muito para o grande número de imigrantes haitianos no país.

João contou que muitos haitianos vinham para o Brasil esperando encontrar emprego com facilidade, além de acharem que o país teria uma estrutura melhor para recebê-los, o que de fato não acontecia. Autores como Silva (2015) e Souza e Bortolotto (2016) também discutem as dificuldades que os haitianos enfrentam para conseguir emprego no Brasil. Algumas regiões, como São Paulo, Paraná e Santa Catarina, têm tido maior disponibilidade de empregos, porém em áreas restritas, como na construção civil, serviços e trabalhos em frigoríficos.

Atualmente, com a recessão da economia brasileira, o número de vistos concedidos a imigrantes haitianos tem diminuído. A entrada deles por terra, em alguns lugares como o Acre, caiu drasticamente⁴⁷, mas isso ocorreu, em grande parte, porque está sendo mais fácil conseguir o visto humanitário no próprio Haiti, o que proporciona a possibilidade da vinda pelo Brasil de avião, uma viagem mais segura e rápida.

Ainda sobre o assunto, no dia em que participei do grupo *Haiti em conversa*, haitianos e brasileiros que estudam os haitianos também confirmaram essa tendência da queda do número desses imigrantes. Ademais, disseram também que muitos dos que já estavam no Brasil têm retornado para o Haiti ou tentado migrar para outros países. Os motivos para isso seriam variados, mas a dificuldade de conseguir emprego seria um deles.

Outro tema tratado por João que o deixou um pouco mais descontraído e o “tom” da conversa mais leve foi quando começou a falar de elementos da cultura haitiana que ele preserva no Brasil. Assim como no caso do Carlos e da Gabriela, a comida aparece como um elemento cultural forte:

Por exemplo, geralmente sábado eu faço comida. Eu faço comida para todo mundo na casa. Está faltando certas coisas para fazer a comida típica haitiana, mas, às vezes, eu faço um pouco mais parecido com haitiano. Por exemplo, tem um caldo que a gente gosta de fazer. É que as folhas que a gente coloca no caldo não tem aqui ou, se tem, eu não conheço. Supondo que eu queira fazer, aí já é um bloqueio, eu não tenho essas

⁴⁷ Dados recolhidos de notícias de jornais: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/sonho-haitiano/haitianos-comecam-a-desistir-do-sonho-brasileiro-dvdnp7f7bekwvklkuzwpmmu5>; <http://www.pressenza.com/pt-pt/2016/02/dolar-alto-crise-economica-e-xenofobia-afetam-diaspora-haitiana-no-brasil-afirma-pesquisador/>.

folhas para colocar. Uma coisa que eu posso fazer é, por exemplo, e é muito comum a gente fazer, arroz misturado com o feijão, cozinhado junto. Na verdade, o feijão já foi cozinhado uma primeira vez, aí depois cozinha os dois juntos. No Haiti, no geral, a gente come uma comida cada dia, por exemplo, hoje pode ser arroz com feijão, igual aqui, amanhã vai ser um milho, como é que eu falo? Não é uma farinha. É uma farinha de milho, mas bem grossa, é mais ou menos assim: um grão de milho é como se estivesse dividido em quatro ou cinco pedaços, é bem grosso, então, esse pode ser esse milho com feijão, quase igual o feijão que é feito aqui. Também pode ser cozinhado junto ou pode ser esse milho e um tipo de legume e, ainda, essas folhas não tem aqui, o legume que a gente faz. É um legume com as folhas cozinhadas junto com carne, com tempero, essas coisas e, outro dia, pode ser o caldo, e outro dia, pode ser o arroz cozinhado junto com o feijão. No Haiti, a gente usa vários tipos de feijão, várias cores, e outro dia pode ser o arroz com champignon.

Nesse momento, João ficou bem animado e descontraído. Era possível perceber que estava gostando de falar a respeito das comidas típicas do seu país, o que parece ser um dos elementos centrais do seu cotidiano que o remetem à sua cultura. Entretanto, pouco tempo depois, o “tom” da conversa ficou sério novamente, quando disse que o que mais sente falta em relação à cultura haitiana não é a comida, mas poder confiar nas pessoas. E, logo em seguida, ele relaciona a confiança com os seus amigos do Haiti:

Por exemplo, quando eu cheguei lá no Haiti, um dos meus, acho que no terceiro dia, já tirou uma cópia da chave da casa dele. Ele falou: “você entra, tal coisa está em tal lugar, tal coisa está em tal lugar, tem dinheiro em tal lugar”. Aqui, por exemplo, tudo bem que é um contexto bem diferente também, mas, aqui, muitas vezes, estou andando na universidade, a pessoa está com a mochila nas costas, olha para trás, me vê chegando, passa a mochila para frente. No Haiti, eu tenho essa segurança que as pessoas não me veem como um problema, não estão desconfiando de mim. Bom, essas duas não têm muito a ver, só que sabe quando você está em um lugar e, cada coisa que você faz, te diz que você está fora de casa? É mais ou menos assim... Eu acho que é mais isso que eu sinto falta, de pessoas. Se ele chegar e escutar que eu estava falando o nome dele, sabe que eu não estava falando mal dele. Por exemplo, a gente tinha uma padaria, eu e mais dois outros amigos, eu não sei quanto dinheiro que eu tinha investido na padaria. Muitos deles também não sabem. A padaria, infelizmente, pegou fogo e, agora, eles estão tentando recomeçar e eu não tenho dinheiro para acompanhar o recomeço, mas eles não me consideram fora: “o dinheiro que você tinha acabou e, agora, para fazer parte de novo, você tem que colocar”, não! Enquanto, por exemplo, aqui, não são todos, mas, nessa nova casa que eu moro, supondo assim que eu precise de um limão, se tiver um limão na casa, não sei se eu pegaria se não estivesse morrendo (risos). Mas, a princípio, eu não deveria pegar. Bem, isso não acontece muito de eu querer alguma coisa, mas sabe a pessoa que você tem confiança?!

Nesse episódio, João traz vários elementos. As amizades mais profundas que tem no Haiti ficam claras na relação de confiança com seus amigos que o receberam em casa, ofereceram a chave e estadia. Tudo isso faz com que João se “sinta em casa”, porém o mesmo não acontece em sua casa no Brasil. Ele relata que, na república onde vive, não tem uma relação tão íntima e de confiança com seus colegas e, quando diz que não se sente à vontade de pegar um limão, exemplifica essa relação mais distanciada. Ao mesmo tempo, na citação anterior, quando relata que faz comida haitiana para todos na casa aos finais de semana, parece que os companheiros de república têm certa abertura para as novidades que ele traz.

Analisando esses trechos da entrevista com João, parece que, muitas vezes, ele relaciona essas dificuldades de “se sentir em casa” e fazer vínculos mais profundos com o preconceito por ele ser imigrante haitiano. Porém, essa questão pode ser ampliada. A relação apresentada por ele não deve ser desmerecida, mas pode haver outras questões envolvidas. O enraizamento parece-me ser um deles.

Pelo relato de João, é possível pensar que, em muitos momentos, ele não se sente pertencente à sociedade da qual agora faz parte. Os vínculos sociais ainda são frouxos, o que pode fazer com que ele tenha um sentimento de desenraizamento em vários momentos. Como já foi discutido anteriormente, o desenraizamento não é algo exclusivo da imigração. Weil (1996) escreveu sobre o desenraizamento presente nos operários das fábricas francesas de sua época, em decorrência, entre outras coisas, do trabalho alienante e exploratório. Já Bosi (2003) discute sobre o processo de desenraizamento nos idosos de algumas regiões de São Paulo, destacando como as mudanças do cenário e da rotina do cotidiano (fechamento de pequenas lojas que costumemente frequentavam, mudança de vizinhos, construção de grandes prédios ou avenidas perto de suas casas, mudança de casa, morte de parentes e amigos) contribuem para um sentimento de não pertencimento.

No caso do imigrante, a grande mudança cultural pode contribuir para o sentimento de desenraizamento, assim como a distância de familiares e amigos. Dantas (2015) afirma que a maneira como a sociedade hospedeira recebe o imigrante também tem grande influência nesse processo. Ademais, a autora discute que a época da vida em que ocorre a imigração e algumas características pessoais podem facilitar ou não esse processo de pertencimento.

Assim, é importante levar em conta todos esses fatores quando pensamos no enraizamento/desenraizamento de João. É importante, também, pensar no enraizamento/desenraizamento como um processo. Assim, em alguns momentos, ele parece sentir-se mais pertencente do que em outros, como, por exemplo, quando fala da universidade, das coisas que gosta de estudar e dos colegas latino-americanos que tem, situações em que o sentimento de enraizamento parece fazer-se mais presente. No entanto, nos momentos em que ele coloca que não se sente em casa, não tem amigos tão próximos como no Haiti ou os diversos episódios de racismo, o desenraizamento faz-se mais presente.

Como já foi dito, a temática do racismo é bem presente na entrevista de João. Ao longo da conversa, ele relata situações de racismo que sofre dentro da própria universidade: *“aqui, muitas vezes, estou andando na universidade, a pessoa está com a mochila nas costas, olha para trás e me vê chegando, passa a mochila para frente”*. Isso é algo que não acontece com ele no Haiti. Enxergar o negro como um possível marginal e, assim, ter que se proteger da pessoa (segurando a mochila), mostra como o racismo tão presente e estruturado na nossa sociedade manifesta-se. João sente isso andando pela universidade e deve sentir em grande parte dos espaços que frequenta no seu cotidiano.

É interessante observar que, ao mesmo tempo que a universidade se apresenta como um espaço que lhe oferece oportunidade para estudar algo de que gosta e que faz muito sentido para ele, é ela também um lugar em que ele sofre preconceito. João diz que acha a universidade muito boa, que ficaria no Brasil para continuar estudando aqui, mas, em outros momentos, diz

que não tem vontade de continuar morando no Brasil. A universidade aparece como um espaço central em seu cotidiano e essa centralidade surge em vários aspectos da sua entrevista, seja em relação aos estudos, ao preconceito vivido com alguns professores e colegas ou ao local onde conheceu seus colegas.

A situação de imigrante estudante que João vive parece ser um norteador para o seu processo de enraizamento/desenraizamento, pois, ao mesmo tempo que fazer uma graduação no Brasil é sentido como uma grande oportunidade de estudar o que gosta em uma boa instituição e ter uma formação sólida na sua área, essa oportunidade vem acompanhada por insegurança, pelo fato de ter que retornar ao seu país quando terminar a graduação. João contou que alguns colegas haitianos que vieram junto com ele conseguiram terminar a graduação e estão cursando pós-graduação no Brasil, mas existe sempre uma insegurança em relação a isso, pois a bolsa que lhes foi concedida implica o retorno ao Haiti para ajudar no desenvolvimento do país.

Assim, a permanência de João até o momento parece estar muito atrelada à sua ligação com a universidade. Ao mesmo tempo que ele não enxerga oportunidades concretas de voltar ao Haiti, também não se sente motivado a permanecer no Brasil depois de completar seus estudos. Seu relato indica que, entre os entrevistados, é o menos integrado ao contexto social que vive, sofrendo muito preconceito no seu cotidiano. Não tem vontade de permanecer no país depois de completar seus estudos, mas também não tem nenhuma outra possibilidade concreta fora o Haiti.

Nas duas conversas, João estava sério. Parece-me que ele achou nas entrevistas uma oportunidade de falar sobre alguns assuntos que são significativos para ele e, em vários momentos, senti como se ele quisesse dar um “recado” (através da nossa entrevista) sobre algumas situações – que ele já viveu e vive – que o incomodam. Todavia, se as entrevistas foram extensas e ele contou vários fatos e episódios, na leitura da transcrição senti dificuldade

de encontrar quem era João nas falas. Isso pode ter relação com o fato de ele ser mais “fechado”, característica que ele se atribuiu durante a entrevista o que, aliado ao nosso pouco contato, dificulta a formação de um vínculo mais sólido.

Ao longo das entrevistas, sentia que estava recebendo uma “aula” sobre o Haiti. Talvez João tenha vontade de fazer isso com vários brasileiros e encontrou nas entrevistas essa possibilidade. Ao fazer essa análise, lembrei-me do artigo de Thomaz (2011). Ele começa expondo que a Revolução do Haiti, a primeira na América, foi renegada pela história ocidental:

É desconfortável, mas nada surpreendente, o esquecimento da independência do Haiti. Desconfortável, pois já é hora da revolução haitiana ser incorporada entre os grandes eventos da história universal; nada surpreendente, pois o pensamento dito ocidental nunca foi capaz de, efetivamente, tirar as consequências do levante dos escravos de Santo Domingo para sua própria história. (p. 273)

O autor completa dizendo que é a imprensa internacional, que, comumente, descreve o Haiti como um lugar perigoso e difícil, não busca aprofundar-se para conhecer as outras facetas do país. Além disso, Thomaz (2011) afirma que os estrangeiros que vão para o Haiti rapidamente naturalizam o que, para eles, é um comportamento haitiano, usando o termo *marronage*, que, segundo o autor, é:

Interpretada como uma relação com um certo mutismo por parte dos haitianos diante do Estado e dos estrangeiros e que deixaria raízes no mundo colonial... que explicaria parte dos fracassos haitianos – político, econômico, cultural etc., que, segundo o autor, é uma visão limitada e racista. (p. 275)

Talvez por perceber essa visão limitada e racista sobre os haitianos, como afirma Thomaz (2011), João tenha visto as entrevistas como uma tentativa de desconstruir essa imagem. Porém, é importante refletir, também, sobre o momento da imigração em que João se encontra, pois, comparando com os outros entrevistados, ele parece estar contando uma história presente, que ainda vive, enquanto Gabriela e, principalmente, Carlos parecem contar uma história que já aconteceu e, dessa maneira, algumas das dificuldades e dores não estão mais tão vivas na forma de afeto.

Carlos, assim como João, contou situações de preconceito que ele viveu no Brasil, mas parece que essas histórias já não são mais tão presentes em seu cotidiano, porém é preciso ter muita cautela para não fazer uma simples relação entre os dois casos, pois, apesar de ambos serem imigrantes em um contexto universitário, João é negro, podendo assim, além do preconceito contra imigrante, sofrer racismo.

O pesquisador Alex André, em palestra realizada na Prefeitura Municipal de Campinas,⁴⁸ falou, entre outras coisas, a respeito da xenofobia no Brasil e da falsa ideia de que somos uma população sempre acolhedora e que recebemos bem todos os imigrantes, uma vez que, em suas palavras, “a xenofobia atinge de uma forma os imigrantes negros e os outros imigrantes de outra forma”. Prosseguiu dizendo que os imigrantes negros sofrem mais xenofobia no Brasil que outros grupos de imigrantes.

O pesquisador ainda citou alguns casos de xenofobia, como, por exemplo, o ocorrido em 2007, quando estudantes universitários brasileiros atearam fogo no alojamento em que viviam 10 estudantes africanos na Universidade de Brasília (UNB); a estudante universitária Zumira, a qual foi alvejada e morreu enquanto estava em um bar no Brás com amigos no ano de 2012; o estudante universitário Tony, da Guiné-Bissau, que, depois de um problema de repasse de dinheiro entre o seu país e a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), ficou em situação de vulnerabilidade e, ao entrar em uma pizzaria para pedir dinheiro, foi espancado até a morte por um empresário e dois policiais à paisana.

Ao citar esses exemplos, André fez questão de frisar que esses eram imigrantes que ainda estavam em menor situação de vulnerabilidade. Ainda falou a respeito de casos em que o imigrante está em situação de maior vulnerabilidade, como o haitiano Fetiere Sterlin,

⁴⁸ Palestra realizada no dia 25/11/2016 às 18h30 no Salão Vermelho do Paço Municipal, promovida pela Coordenadoria Setorial de Promoção da Igualdade Racial (Cepir) da Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social (SMCAIS) da Prefeitura de Campinas. Alex André é pesquisador e consultor em migração da Conectas Direitos Humanos. Durante a palestra fez anotações e algumas partes foram audiogravadas.

esfaqueado até a morte por um grupo de brasileiros enquanto estava na frente da casa da sua namorada na cidade de Navegantes (SC), em 2015. O autor ainda enfatizou que essas não são ações isoladas, mas a percepção por parte da população ou das autoridades de como são preocupantes os crescentes casos de xenofobia no país.

Assim, levando em consideração os dados citados, deve-se fazer uma diferenciação entre as vivências de preconceito de Carlos e de João, pois o racismo presente na sociedade brasileira parece ter influência inegável no cotidiano de João.

3.3 Algumas aproximações entre as três histórias de vida

Como pôde ser visto na análise, as histórias de vida dos entrevistados são muito distintas entre si. Todos vivem na RMC, mas passaram por diferentes experiências. Apesar de Carlos já ter estado na mesma situação de imigrante-estudante pela qual agora passa João e a universidade tenha sido a mesma, os relatos são bem distintos, pois foram diferentes vivências e significado atribuídos a elas.

Entretanto, um elemento que chamou atenção pela semelhança nas entrevistas foi a relação com o fazer e comer pratos típicos do país de origem. Carlos, Gabriela e João contaram que costumam fazer pratos típicos em suas casas e a minha sensação ao escutá-los é que essa é uma atividade prazerosa para eles. Fiquei perguntando-me: quais seriam os sentidos atribuídos ao fazer e comer as comidas típicas de seus países? Por que outros elementos culturais, como dança, música, dias festivos, não apareceram nas três entrevistas?

Enquanto refletia sobre essas questões, pensava na minha própria experiência de imigrante e do lugar que os pratos típicos ocupavam. Lembro que eram constantes as conversas com outros brasileiros sobre a saudade de comer comida brasileira. Vários finais de semana íamos a restaurantes de comida típica brasileira e era sempre um momento de celebração. Quando faltava dinheiro para irmos ao restaurante, nos aventurávamos cozinhando no micro-ondas da cozinha do alojamento, pois lá não havia fogão, ou então íamos à casa de algum

brasileiro. Seja como for, era sempre uma celebração, algo para ser vivido em grupo. Tínhamos também, nessas ocasiões, interesse em provar as comidas típicas de diferentes lugares do Brasil. Assim, cada vez, um grupo de uma região fazia seu prato típico. Tais reuniões não eram uma atividade restrita aos brasileiros, pois os imigrantes de outros países também se reuniam de maneira parecida. Por vezes, eu e outros brasileiros éramos convidados para encontros com outros grupos. Era uma experiência interessante e agradável, mas era sentida mais como uma novidade: provar algo que nunca tinha comido ou que era diferente da maneira como estávamos acostumados. Já com relação às comidas brasileiras, a sensação era de estar em um lugar conhecido, certo aconchego de “*sentir-se em casa*”.

Pode ser que, para os entrevistados, o fazer/comer comidas típicas tenha um sentido agregador, parecido ao atribuído por mim. Carlos falou de maneira mais direta da relação da comida com o estar em um grupo de pares. Já Gabriela disse que cozinha para a família e João relatou que os amigos brasileiros comem os seus pratos, e foi o único momento da entrevista em que pareceu mais descontraído.

Os três entrevistados disseram que faziam seus pratos típicos muitas vezes *abrasileirados*, com ingredientes comuns em nosso país, pela dificuldade de achar os alimentos típicos ou pelo alto preço deles. Esse fato que também foi comum na minha experiência.

O ato de preparar pratos típicos com ingredientes comuns e mais baratos no Brasil pode ser relacionado com o conceito de *tática* descrito por Certeau (1998), o qual discorre sobre como, no cotidiano, os sujeitos reapropriam-se de objetos, dando a eles um novo sentido. Assim, o alimento não deixa de ser preparado com a inexistência de algum ingrediente, pois outro é usado no lugar e, no final do preparo, a comida continua ocupando o lugar de prato típico. É exatamente esse lugar de prato típico que dá ao alimento um outro sentido e significado, que vai além de alimentar-se: é uma maneira de conectar-se com a cultura de origem.

De acordo com o antropólogo Mintz (2001), “os hábitos alimentares são veículos de profunda emoção” (p. 31). O autor acrescenta que a alimentação é uma atividade humana central, não somente por nos manter vivos, mas também pelo seu aspecto subjetivo, social e identitário.

Assim, o ato de fazer/comer pratos típicos é uma tática cotidiana que permite ao imigrante, mesmo que a milhares de quilômetros de distância, ter contato com fortes elementos culturais de seu país de origem

Pensando, ainda, na minha vivência como imigrante, lembrei que, além dos pratos típicos, a música e a dança apareciam como elementos importantes na manutenção da identidade nacional. Nos encontros com os brasileiros, sempre ouvíamos músicas nacionais, assim como, de tempos em tempos, viajávamos até o Porto para dançar forró ou assistir a algum *show* de cantores brasileiros. Refletindo hoje sobre essas minhas experiências, acredito que se aproximam um pouco do que Machado (2006) discute sobre os estereótipos, porém do próprio imigrante sobre a sua cultura. Antes de ir para Portugal, não gostava de ouvir várias das músicas brasileiras que acompanhava enquanto estive. Quando retornei ao Brasil, parei novamente de ouvi-las. Parecia que, como brasileira, eu tinha de gostar dessa cultura brasileira “tipo exportação”. Quando participava das festas e das apresentações, sentia-me pertencente àquela identidade. Claro que é necessário fazer ressalvas a esse depoimento, pois não deve ser a única explicação para tal comportamento. A questão de estar em grupo e o pertencimento àquele grupo deve ter tido também uma forte influência, mas o fato é que eu me identifiquei com ritmos musicais e um estereótipo de brasileiro festivo e animado, com o qual, no Brasil, não me identificava.

Assim, quando esses outros elementos culturais, como música, dança e festividades, não apareceram nas narrativas dos entrevistados de forma muito enfática, chamou-me a atenção. Decidi, então, perguntar diretamente para Gabriela se ela continuava celebrando alguma festa

ou feriado típico da Bolívia e ela disse-me que não, que não gostava de festas ou de dançar, portanto isso não era uma coisa de que esentia falta.

João também não falou diretamente de nenhuma celebração. Em determinado momento, no qual perguntei sobre danças típicas, ele citou um ritmo e depois mandou um vídeo de um cantor haitiano que faz bastante sucesso em seu país. Isso pareceu ter como objetivo mais me “informar”, mostrando um pouco de sua cultura, do que mostrar algo que lhe fosse muito próximo.

Carlos também não falou, na entrevista, especificamente de festas e costumes típicos de seu país, entretanto, durante o tempo em que foi meu professor de espanhol, costumava contar sobre alguns costumes do Peru. Devemos lembrar que Carlos foi o entrevistado que falou mais enfaticamente da língua materna como um elemento importante para a manutenção da sua identidade peruana.

Outra questão interessante a ser discutida é a relação entre imigração e trabalho. Como já foi apresentado neste texto, essa é uma relação muito estreita. Sayad (1998) vê essas categorias como indissociáveis, afirmando que a busca por trabalho faz o imigrante “*nascer*”. Porém, analisando as entrevistas desta pesquisa, pode-se perceber que esse não foi o motivo principal para a vinda dos participantes ao Brasil, pois João, assim como Gabriela e Carlos, estava trabalhando no seu país de origem.

Isso não quer dizer que o trabalho não seja uma categoria central nos processos migratórios, mas nem sempre é uma relação tão direta, o que mostra quanto as migrações são complexas. Gabriela e Carlos, provavelmente, não teriam continuado no Brasil caso não tivessem conseguido trabalho, mas o que os motivou a vir para cá não foi o trabalho, e sim o tratamento do filho, no caso de Gabriela, e os estudos, para Carlos.

O trabalho não foi uma categoria que apareceu de forma direta como motivo da migração em nenhuma das entrevistas, contudo, a categoria “melhor qualidade de vida”, que

aparece de forma bem direta nas narrativas de Carlos e Gabriela, e tangencia a história de vida de João, é apresentada como motivo de permanência no Brasil.

A maior parte dos trabalhos sobre imigrantes latino-americanos no Brasil discutem a questão de o Brasil ser considerado um país central entre os países periféricos, uma vez que, por ter uma economia mais forte, atrai imigrantes de outros países latino-americanos em busca de trabalho. Todavia, esses trabalhos não discutem se o fato de o Brasil apresentar melhores indicadores sociais (pelo menos em relação a uma parte dos países da América Latina) impulsionaria a vinda e/ou a permanência desses imigrantes.

Gabriela fala diretamente que o fato de seu filho obter no Brasil um tratamento de saúde mais adequado faz com que ela não pense em voltar a viver na Bolívia. Carlos fala de maneira mais genérica sobre a qualidade de vida, mas sua condição de vida também aparece como um diferencial para não retornar ao Peru. Destacou diversas vezes que, caso venha a ter filhos um dia, eles terão melhor qualidade de vida no Brasil do que em seu país de origem.

João não usa explicitamente o termo “melhor qualidade de vida”, mas diz que, se o Haiti tivesse uma universidade tão boa quanto aquela em que estuda atualmente, ele voltaria para lá, ou seja, um melhor sistema educacional parece ser decisivo para a sua permanência no país. Assim, um acesso com maior qualidade a serviços públicos de saúde e educação parece ser importante para a permanência dos entrevistados no Brasil.

4 Considerações Finais: o Final desse Trajeto

Ao longo desses quase dois anos mergulhada na temática dos processos migratórios, mais especificamente dos imigrantes latino-americanos no Brasil, tive a oportunidade de aprender muito, não só sobre o tema, mas também sobre o que é ser pesquisadora, esse ofício árduo, muitas vezes solitário, mas também muito gratificante.

Acredito que este trabalho possa agregar conhecimentos para a área dos processos migratórios, que, desde o início da pesquisa, mostrou-se ampla e interdisciplinar. Assim, ao final desta dissertação, proponho-me em fazer alguns apontamentos concisos sobre alguns temas abordados no texto.

Repensando os objetivos propostos, parece-me que o método escolhido foi adequado. A história de vida possibilitou um conhecimento mais aprofundado a respeito da trajetória de cada participante, de seu cotidiano, das sutilezas e subjetividades presentes na narrativa de cada um. Ao mesmo tempo, esse método permite também, a partir da história de vida de cada narrador, ampliar e refletir sobre o universo no qual ele está inserido, não ficando, assim, restrito a uma análise sobre características pessoais do entrevistado.

Ao final deste trabalho, deparei-me com a seguinte pergunta: e os outros imigrantes que vivem na RMC, até que ponto as vivências deles assemelham-se às dos meus entrevistados? Quais são suas maiores dificuldades? E suas demandas? No segundo semestre de 2016, começou a estruturar-se em Campinas a Rede de Assistência aos Imigrantes, uma parceria entre a prefeitura e a sociedade civil. Essa Rede pode contribuir para as respostas às minhas perguntas.

A Rede de Assistência aos Imigrantes é uma política importante para a região, primeiro porque aumenta a visibilidade sobre a questão e, segundo, porque contribui para a criação e desenvolvimento de políticas públicas específicas para essa população. Ainda não está claro como essa Rede de Assistência aos Imigrantes vai estabelecer-se, mas, para isso, acredito ser

necessário compreender os diferentes perfis de imigrantes na região e suas demandas, para assim definir um programa de ação.

Um Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes pode ser um projeto de política pública importante para ser implementado na RMC. A cidade de São Paulo tem um Centro de Referência implantado desde novembro de 2014, o qual tem como objetivo promover o acesso a direitos e a inclusão social, cultural e econômica das pessoas migrantes no município. Assim, a atuação do centro engloba diferentes programas, tais como abrigo emergencial, ajuda na abertura de contas bancárias, encontros periódicos entre a sociedade civil e o poder público para discutir questões relevantes para os imigrantes e políticas imigratórias, curso de Português, regularização e trabalho, capacitação no atendimento de servidores.

Outro serviço importante de ser mantido são as aulas de Português para imigrantes. Atualmente, existem pelo menos dois espaços em Campinas que oferecem esse serviço e todos os entrevistados os utilizaram: João e Carlos na universidade, que oferece aulas aos alunos estrangeiros, enquanto Gabriela estudou na escola em que sua filha estudava, em uma turma do EJA. Aprendendo a falar, ler e escrever em português, o imigrante aumenta suas possibilidades de integração social e cultural e diminui a sua situação de vulnerabilidade.

As aulas de Português também são um espaço propício para a socialização com outros imigrantes, o que aumenta suas redes de contato. Em uma conversa com Nilson⁴⁹ – professor de Engenharia em uma instituição federal em uma cidade do interior paulista, que, junto com uma professora de Português da mesma instituição, é voluntário em um projeto da prefeitura da cidade para dar aulas aos imigrantes⁵⁰ – ele contou que muitos alunos falavam que a aula era a melhor parte do seu dia, pois era um momento em que podiam conversar e se sentir menos sozinhos.

⁴⁹ Esse é o nome verdadeiro do participante, pois, quando falei para ele que tinha achado a nossa conversa relevante e gostaria de discuti-la em meu trabalho, ele fez questão de pedir para que eu usasse seu nome real.

⁵⁰ Segundo ele, a cidade recebeu um número grande de imigrantes haitianos, que chegam em busca de trabalho.

Sendo assim, considero as aulas de Português uma política pública importante a ser mantida e, pensando ainda na RMC como uma área ampla territorialmente, o ideal seria que fossem oferecidas em regiões onde se encontram mais imigrantes, que se beneficiariam dessa política.

Para além das políticas públicas aqui citadas, ao final deste trabalho, depois de analisar histórias de vida tão distintas, percebo que o tema da imigração aparece de diferentes formas. O que é ser imigrante na RMC não é possível de ser definido, mas algo que parece marcante é que o *ser imigrante* é um processo vivido no cotidiano e cheio de contradições. Por vezes, aparece o resgate, consciente ou não, da cultura de origem, por meio da comida ou da língua, como se, *lá*, eles se sentissem em casa. Em outros momentos, o *em casa é aqui*, o local da acolhida, do enraizamento, o que faz pensar que o processo imigratório é marcado por esse *ir e vir* subjetivo.

No decorrer do trabalho, algumas temáticas despertaram meu interesse de forma substancial, como, por exemplo: as mulheres imigrantes no Brasil, o racismo sofrido pelos imigrantes haitianos no país, as condições de trabalho de imigrantes não documentados e os arranjos e rearranjos familiares. Todos esses são temas relevantes, com os quais pude me deparar ao longo da pesquisa e que merecem maior aprofundamento e destaque em trabalhos futuros.

Referências

- ACNUR-Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. (2015). Recuperado de <http://www.acnur.org/t3/portugues>.
- Agence France Presse (2015, 21 de abril). Naufrágio no Mediterrâneo deixou 800 imigrantes mortos, diz ONU. *Folha de São Paulo*, Recuperado de: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1619196-naufragio-no-mediterraneo-deixou-800-imigrantes-mortos-diz-onu.shtml>.
- Agência Europeia de Controle das Fronteiras. (2015). Recuperado de <http://frontex.europa.eu>.
- André, M. E. D. A. (2005). *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília, DF: Liber Livro.
- ANSA-Agenzia Nazionale Stampa Associata. (2015). Recuperado de http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/italia/noticias/2015/07/17/Manifestacao-contra-imigrantes-gera-caos-em-Roma_8611481.html.
- Angelini, A. L. (2007). Psicologia Intercultural e Psicologia Educacional: uma contribuição histórica. *Academia Paulista de Psicologia*, 21(2), 39-46.
- Assis, G. O. (2004). De Criciúma para Boston: tecendo redes familiares na imigração internacional. In DeBiaggi, S. D., & Paiva, G. J. (Orgs.). *Psicologia, e/imigração e cultura*, 111-133. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Baeninger, R. (1992). *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Baeninger, R., & Antico, C. (1996). Questões decorrentes da emergência da migração internacional no Brasil. In Patarra, N., & Baeninger, R. (Orgs.). *Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI*, Vol. 2. Campinas, SP: FNUAP.
- Baeninger, R. (2012). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas, SP: NEPO/UNICAMP.
- BBC-Brasil. (2015, 9 de setembro). *Comboio de alemães e austríacos cruza a fronteira para dar carona a imigrantes*.
- Becker, H. (1999). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Berry, J. W. (2004). Migração, aculturação e adaptação. In DeBiaggi, S. D., & Paiva, G. J. (Orgs.), *Psicologia, e/imigração e cultura*, 29-45. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Biblioteca Virtual da América Latina. Recuperado de <http://www.bvmemorial.fapesp.br/php/index.php?lang=pt>.
- Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do “Compromisso Social da Psicologia”. *Psicologia & Sociedade*, 19 (spe2), 46-56.

- Bosi, E. (1987). Cultura e desenraizamento. In Bosi, A. *Cultura brasileira temas e situações*, 16-41. São Paulo, SP: Ática.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória, ensaios de psicologia social* (2a ed.). São Paulo, SP: Ateliê Editorial.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Recuperado de <http://www.ibge.gov.br/home/>.
- Brasil. Ministério da Justiça. (2015, 11 de abril): Recuperado de <http://www.justica.gov.br/>.
- Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Recuperado de: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/>
- Carvalho, J. M. de (1998). Brasil: outra América?. In Elliott, J. H. (dir.). *Europa/América, 1492-1992. La história revisada*. Madrid: El País, 1992, pp. 72-74.
- Castel, R. (2008). *A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?* Petrópolis, RJ: Vozes.
- Castles, S. (2000). *Ethnicity and globalization*. Londres: Inglaterra: Sage Publications.
- Castles, S. (2005). *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Portugal: Fim de Século.
- Centro de Apoio da Pastoral do Imigrante. Recuperado de <http://www.camimigrantes.com.br/>.
- Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante. Recuperado de <http://www.cdhic.org.br/>.
- Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (3a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- CEPAL-Comissão Económica para América Latina e Caribe. Recuperado de http://www.cepal.org/cgi-bin/getprod.asp?xml=/celade/noticias/paginas/5/5455/P5455.xml&xsl=/celade/tpl/p18f.xml&base=/celade/tpl/top-bottom_mig.xsl.
- Correio Popular. (2015, 29 de setembro). Bachetti, B. *RMC abre a fronteira para imigrantes refugiados*. Campinas, SP.
- Costa, G. A. (2015). Haitianos no Brasil. In Cutti, D., Baptista, D. M. T., Pereira, J. C., & Bógus, L. M. M. (Orgs.). *Migração, trabalho e cidadania*, 59-65. São Paulo, SP: Educ.
- Cunha, J. M. P., & Jakob, A. A. E. (2010, jan./jun.). Segregação socioespacial e inserção no mercado de trabalho na região metropolitana de Campinas. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. 27(1), 115-139. Rio de Janeiro, RJ.
- Cunha, M. N. B. da (2014). Escravidão africana como imigração forçada. Recuperado de <http://museudaimigracao.org.br/escravidao-africana-como-migracao-forcada>.
- Dantas, S. (2015). Subjetividade e migração: uma abordagem intercultural profunda a partir das migrações brasileiras. In Brizola, A. L. C., & Zanella, A.V. (Orgs.). *Psicologia social e saúde: da dimensão cultural à político-institucional*, 72-91. Florianópolis, SC: Do Bosque.

- DeBiaggi, S. D. (2004). Homens e mulheres, mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In DeBiaggi, S. D., & Paiva, G. J. (Orgs.). *Psicologia, e/imigração e cultura*, 29-45. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- DeBiaggi, S. D. (2008). Entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e estratégias. *Revista USP*. 79, 165-172. São Paulo, SP: USP.
- Dorella, P. (2010). Obstáculos à constituição de uma identidade latino-americana no Brasil, em Sílvio Júlio de Albuquerque Lima. Recuperado de <http://www.revista.uft.edu.br/index.php/escritas/article/view/1288/0>.
- Dutton, M. (2010). *Fisioterapia ortopédica: exame, avaliação e intervenção*. São Paulo, SP: Artmed.
- Fernandes, S. (2015) Número de haitianos em São Paulo volta a crescer, sem abrigos suficientes. Rede Brasil Atual. Recuperado de <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/02/numero-de-haitiano-vindos-do-acre-a-sao-paulo-volta-a-crescer-nao-ha-abrigos-suficientes-7485.html>.
- Gazeta do Povo. (2014, 19 de setembro). (Fellipe Anibal). *Xenofobia se converte em agressões contra imigrantes haitianos*.
- Giddens, A. (1994). *Capitalismo e a moderna teoria social* (6a ed). Lisboa, Portugal: Editorial Presença.
- Guimarães, M. A., & Morosov, K. A. (2016). E quando muda a paisagem racial? Reflexões sobre o processo migratório haitiano e suas relações com o pensamento social brasileiro sob o prisma das mídias e redes sociais digitais. Trabalho submetido ao Seminário *Imigrações internacionais, refúgio e políticas*. Memorial da América Latina.
- Grinberg, L., & Grinberg, R. (2004). *Migrante e exílio: estudo psicanalítico*. Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (2001). *Etnografía: métodos de investigación*. Barcelona, Espanha: Paidós.
- Heller, A. (2004). *O cotidiano e a história* (7a ed.). São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Huayhua, G. L. (2004). Adolescentes peruanos em São Paulo: a construção de identidade e as estratégias de adaptação no processo de aculturação. In DeBiaggi, S. D., & Paiva, G. J. (Orgs.), *Psicologia, e/imigração e cultura*, 249-273. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Ianni, O. (2004). *A ideia de Brasil moderno*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- IMILA. *Investigação da Migração Internacional na América Latina e no Caribe*. Recuperado de: <http://www.cepal.org/celade/migracion/imila/>.
- Lechner, E. (Org.). (2009). *Histórias de vida: olhares interdisciplinares*. Porto, Portugal: Edições Afrontamentos.
- Lopes, N. (2011). *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo, SP: Selo Negro Edições.

- Lopez, A., & Mota, C. G. (2008). *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo, SP: Senac São Paulo.
- Maalouf, J. F. (2005). *O sofrimento de imigrantes: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento no self*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Recuperado de http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/22/TDE-2005-03-28T07:18:23Z-348/Publico/JORGE%20FOUAD%20MAALOUF.pdf.
- Machado, I. J. R. (2006). Imigração em Portugal. *Estudos Avançados*, 20 (57).
- Mãe, V. H. (2013). *O apocalipse dos trabalhadores*. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Magalhães, G. M., & Schilling, F. (2012). Imigrantes da Bolívia na escola em São Paulo: fronteiras do direito à educação. *Pro-Posições*, 23(1), 43-63. Campinas, SP.
- Maldonado, O. (2015). A invisibilidade dos paraguaios em São Paulo. In Cutti, D., Baptista, D. M. T., Pereira, J. C., & Bógus, L. M. M. (Orgs.). *Migração, Trabalho e Cidadania*, 89-109. São Paulo, SP: Educ.
- Mariano, M. P., & Ramanzini Jr, H. (2012, out.). Uma análise das limitações estruturais do Mercosul a partir das posições da política externa brasileira. *Revista de Sociologia e Política*, V. 20, n. 43, p. 23-41, Curitiba, PR.
- Martes, A. C. B. (2004). Nos EUA, o que somos nós? Latinos, hispanics, brancos ou “others”. In DeBiaggi, S. D., & Paiva, G. J. (Orgs.). *Psicologia, e/imigração e cultura*, 97-110. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Martins, J. S. (1998). O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*, 10(1), 01-08. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701998000100001&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-20701998000100001.
- Martins, V. (2015, abr./jun.). Cidade-laboratório: Campinas e a febre amarela na aurora republicana. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 22 (2), 507-524. Rio de Janeiro, RJ.
- Mazza, D. (2012). Estudantes bolivianos na Unicamp: migração, formação qualificada e trabalho. In Baeninger, R. (Org.) *Imigração boliviana no Brasil*, 211-230. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População - NEPO/ UNICAMP/ FAPESP/ CNPQ.
- Meleiro, M. B. D. E. (2004). *Imigrantes: uma nova face da sociedade portuguesa: um estudo de caso no Concelho de Barcelos*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Recuperado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/591/2/Tese%20de%20Mestrado%20-%20C3%ADndice.pdf>
- Meneghel, S. N. (2007). Histórias de vida: notas e reflexões de pesquisa. *Athenea Digital* 12, 115-129. ISSN: 1578-8946.
- Mercosul. (2016). Recuperado de <http://www.mercosul.gov.br/>.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. e. São Paulo: Hucitec.

- Mintz, S. W. (2001). Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16 (47), 31-41.
- Moraes, J. G. V. (2000). *Caminhos das civilizações*. São Paulo, SP: Atual.
- Morokvasic, M. (1984). Birds of passage are also women. *Internacional Migration Review*, 18(4), 886-907, Winter.
- Oliveira, L. L. (2006). *Nós e eles, relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Oliveira, P. de S. (2001) (Org.). *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo, SP: Hucitec/UNESP.
- Paiva, G. J. (1978). *Introdução à psicologia intercultural*. São Paulo, SP: Pioneira.
- Pedrosa, M. I., & Carvalho, A. M. A. (2005). Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre os procedimentos e formas de uso. *Revista de Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 431-442.
- Peixoto, P. (2015, 16 de junho). Nova emigração portuguesa: fluxos condicionantes e estratégias do início do século XXI. Palestra realizada no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.
- Pizzinato, A. & Sarriera, G. C. (2003). Identidade étnico-racial e competência social em escolas de Porto Alegre. *Aletheia*, 19, 7-20. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n19/n19a02.pdf>.
- Pussetti, C. (2009). Psiquiatria transcultural: uma prática aquém da promessa. In Pussetti, C., Ferreira, J. F., & Lechner, E. et al. (Orgs.). *Migrantes e saúde mental: a construção da competência cultural* (1a ed.). Lisboa, Portugal: Princípia.
- Rosa, M. D., Berta, S. L., Carignato, T. T., & Alencar, S. (2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados, e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 12(3), 497-511.
- Rosa, M. D. & Montian, L. (2015). O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. *Psicologia USP*, 26(2) 152-160. São Paulo, SP.
- Sayad, A. (1998). *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, SP: Edusp.
- Silva, A. P. (2006). Engenhos de fazenda de café em Campinas (séc XVIII- séc XX). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 14(1), 81-119. ISSN 1982-0267.
- Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M, L, M., & Barros, V. A. (2007). Conte-me sua história. Reflexões sobre o método de história de vida. *Mosaico Estudos em Psicologia*, 1(1). 25-35. ISSN 1982 - 1913.
- Silva, S. A. (2012). Bolivianos em São Paulo, dinâmicas culturais e processos identitários. *Fases e faces da migração em São Paulo*, 19-34. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp.

- Souza, A. (2011). América Latina conceito e identidade: algumas reflexões da história. *PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAB*, 2. 29-39. Macapá, AP.
- Souza, A. B., & Bortolloto, C. C. (2016). Transformações urbanas e imigração haitiana: impactos do novo fluxo de imigração no Brasil. Trabalho submetido ao Seminário “*Imigrações internacionais, refúgio e políticas*”. Memorial da América Latina.
- Souza, M. M. C. B. (2015). Migrações internacionais contemporâneas: fluxo migratório intrageracional na América do Sul - o caso da imigração Brasil-Bolívia. In Cutti, D., Baptista, D. M. T., Pereira, J. C., & Bógus, L. M. M. (Orgs.). *Migração, trabalho e cidadania*, 49-58. São Paulo, SP: Educ.
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*, 15(2), 18-42.
- Thomaz, O. R. (2011). Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 20, p. 273-284.
- Vargem, A. A. (2016, 25 de novembro). Fluxos migratórios, racismo e xenofobia. Palestra realizada no Salão Vermelho do Paço Municipal, Campinas, SP.
- Villen, P. (2014). Nova configuração da imigração no Brasil sob a óptica do trabalho. In Antunes, R. (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III*, 85-97. São Paulo, SP: Boitempo.
- Villen, P. (2015). *Imigração na modernização dependente: “braços civilizatórios” e a atual configuração polarizada*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: Brasil.
- Weil, S. (1943). O desenraizamento operário. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* (2a ed. rev.). In Bosi, E. (Org.). 1996, 413-440. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2a ed., D. Grassi, Trad.). Porto Alegre, RS: Bookman. (Obra original publicada em 1984).
- Zozzoli, C. D. (2015). Mulheres em situação de refúgio: experiências de campo no Brasil e na França. In Brizola, A. L. C., & Zanella, A.V. (Orgs.). *Psicologia social e saúde: da dimensão cultural à político-institucional*, 24-45. Florianópolis, SC: Do Bosque.